

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia



Dissertação

O devir das coisas:

Uma etnografia dos fluxos vitais dos resíduos sólidos
da indústria naval da cidade de Rio Grande/RS

Carolina Hoffmann Fernandes Braga

Pelotas, 2016

Carolina Hoffmann Fernandes Braga

O devir das coisas:

uma etnografia do fluxo vital dos resíduos sólidos
da indústria naval da cidade de Rio Grande/RS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Antropologia.

Orientadora Dr^a Claudia Turra Magni

Pelotas, 2016

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

B813d Braga, Carolina Hoffmann Fernandes

O dever das coisas : uma etnografia do fluxo vital dos
resíduos sólidos da indústria naval da cidade de Rio
Grande/RS / Carolina Hoffmann Fernandes Braga ; Claudia
Turra Magni, orientadora. — Pelotas, 2016.

230 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação
em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas,
Universidade Federal de Pelotas, 2016.

1. Resíduo. 2. Consumo. 3. Cultura material. 4. Lixo. 5.
Descarte. I. Magni, Claudia Turra, orient. II. Título.

CDD : 304.2

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Claudia Turra-Magni (Orientadora)

Doutora em Antropologia Social e Etnologia pela Ecole des Hautes Études en
Sciences Sociales

Prof^a. Dr^a. Renata Menasche

Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof^a Dr^a. Zoy Anastassakis

Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo a Bruno, meu anjo, meu parceiro de vida, companheiro e apoio fundamental de todas as horas. Sem ele não seria possível a realização desta pesquisa. Obrigada por sermos assim, do jeitinho que somos. Aos nossos filhos amados, Eric e Giulia, por todas as horas de paciência quando “mamãe” precisava “estudar”. Espero que meu exemplo os inspire.

À minha orientadora Claudia Turra Magni que me acompanhou e introduziu a antropologia, me tornando uma apaixonada pelos estudos das ciências sociais com suas aulas de Antropologia da Imagem. Muito obrigada pelos conselhos antes e durante meu tempo dentro da universidade, muito obrigada por sua disponibilidade e compreensão.

À professora Renata Menasche pela participação na banca e, principalmente, por me mostrar os caminhos da Antropologia do Consumo além de todos os ensinamentos no estágio docência e na vida.

À professora Zoy Anastassakis pela participação na banca e pelos conselhos, mesmo à distância, que não me deixaram desistir, além de me receber de braços abertos em seu grupo de pesquisa.

A vocês três, minhas professoras, guias e referências, o meu muito obrigada de todo coração. Não tenho palavras suficientes para descrever meus sentimentos. Tenho imensa admiração por cada uma. Me sinto abraçada por cada aprendizado e espero que este seja o começo de uma trajetória longa e produtiva.

À minha irmã e professora Dr^a Adriana Hoffmann Fernandes por todos os conselhos e horas de escuta, pela companhia frequente e, principalmente, pela força e amor de irmã. Te amo muito!

A minha amada mãe Ingrid, que sempre me acompanhou, torceu e ajudou

como podia, e por me ajudar a correr no dia da inscrição. Tenho certeza de que meu pai, Silvio (in memoriam), ficaria orgulhoso desta conquista.

A minha avó e madrinha, Ruth - a quem sempre chamei de Omi – agradeço as palavras sempre precisas, as orações e o enorme carinho. As mulheres da família são minha referência e inspiração.

Aos amigos queridos que fiz neste caminho antes e durante as horas de estudo no PPGAnt. À Roberta Cadaval, amiga querida das horas de estrada entre Rio Grande e Pelotas, com muitos papos antropológicos que me inspiravam e me traziam confiança quando eu ainda era aluna especial. À Tati, Estelamaris, Vinicius Kusma e Luiza Wolf, pelos desabafos, conversas e companhia.

Agradeço de coração a Olga Regina, João Manuel, Manuela, Lucas, Lidiane, Carolina, Neuza, Larissa, Valcir, Zé, Pitiço, Anão e Jonatas e às crianças que me receberam com um sorriso no rosto e sempre dispostos a compartilhar comigo o estar no mundo da olaria. Sem o nosso encontro não seria possível esta pesquisa. Sou uma nova pessoa desde que os conheci. Obrigada.

Por fim, e não menos importante, agradeço a todos os gaúchos que conheci e que me tornaram um de vocês. Esta dissertação marca o fim de um tempo lindo que vivi no Rio Grande do Sul e vai deixar muitas saudades.

Sou muito agradecida a cada um de vocês. Todos fazem parte desta conquista. Palavras não são suficientes para descrever o sentimento de gratidão dentro de mim.

A todos o meu Muito Obrigada!

RESUMO

HOFFMANN F B, Carolina. **O devir das coisas: uma etnografia do fluxo vital dos resíduos sólidos da indústria naval da cidade de Rio Grande/RS.** Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

Na perspectiva da antropologia dos objetos mas, principalmente guiada pela teoria de Tim Ingold, este projeto busca desenvolver uma pesquisa sobre os fluxos, “desvios” e reutilizações de resíduos sólidos da indústria naval da cidade de Rio Grande/RS, material frequentemente refugado e que, embora imperceptível aos olhos da maioria da população, aponta para novas relações entre a cultura material e o ser humano. A pesquisa procura desnaturalizar e iluminar um assunto insuficientemente explorado em diversas áreas do conhecimento: os dejetos, ou “lixo”, entendidos como herança de nossa sociedade de consumo para as próximas gerações. Diante da indissociabilidade entre seres humanos e coisas, o estudo leva em conta o dinamismo desta relação, considerando que ambos constroem-se mutuamente. A análise da cultura material será proposta a partir de uma abordagem antropológica, considerando-se ainda suas vertentes imagética e do consumo, através das quais pretendo provocar reflexões críticas sobre nossas práticas e visões de mundo mas, principalmente, buscando uma análise mais próxima das coisas. Acompanhar os resíduos de madeira até uma olaria, e além, deram à pesquisa a pista para descobrir como as pessoas e as coisas interagem, além de mostrar como suas vidas se cruzam e se modificam mutuamente.

Palavras-chave: resíduo; consumo; cultura material; lixo; descarte.

ABSTRACT

HOFFMANN F B, Carolina. **The becoming of things: a solid waste investigation through its vital flow ethnography in Rio Grande's shipping industry.** Dissertation Project (Anthropology Master Degree). Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

From the perspective of the anthropology of objects, but, mainly, guided by Tim Ingold's theory, this project seeks to develop a survey of the flows, "deviations" and reuse of solid waste in the shipping industry of the city of Rio Grande / RS. These disregarded materials are often invisible to most people's eyes. This research points to new relationships between the material and human culture. The research seeks to deconstruct and illuminate a topic insufficiently explored in various areas of knowledge: the waste, or "junk," understood as a legacy of our consumer society for future generations. Given the inseparability between humans and things, the study takes into account the dynamics of this relationship, considering that they create each other. The material culture analysis is using an anthropological approach, considering also their imagery and consumption aspects, through which I intend to provoke critical reflection on our practices and worldviews, but mainly looking for a closer analysis of things from Tim Ingold. Following the wood waste from the shipping industry to a brickyard and onwards, allowed this research to track and discover how people and things interact, and to show how their lives intersect and change each other.

Keywords: residue; waste; consumption; material culture;

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	3
2	SITUANDO A PESQUISA.....	7
2.1	A implantação do Polo Naval na cidade de Rio Grande.	7
2.2	As coisas descartadas.....	10
2.3	Lixo existe?.....	14
2.4	Do anonimato	16
2.5	Seguindo a trajetória dos objetos: Polo Naval.....	20
2.6	No devir do fluxo das coisas: rastreando os trajetos.....	32
3	REFLEXÃO TEÓRICO METODOLÓGICA.....	40
3.1	Seguindo as teorias dos objetos	40
3.2	Os vestígios materiais humanos: fonte de estudos arqueológicos	41
3.3	Um agregado de Objetos: a cultura material dentro do pensamento evolucionista	44
3.4	Os usos e significados do objeto: rompendo com o evolucionismo	45
3.5	Os objetos no <i>Kula</i> : prestígio e valor.....	48
3.6	O espírito da coisa dada: <i>hau</i> e <i>mana</i> em Mauss	51
3.6	A vida social das coisas	54
3.7	Objetos como bens.....	56
3.9	Buscando um ponto de vista descolonizado	59
3.10	Inanimados na teoria social contemporânea.....	64
3.11	Da agência dos objetos.....	66
3.12	As coisas vivas	68
4	ETNOGRAFIA DE UMA OLARIA: o protagonismo da imagem e .	76
	da comida nas relações de alteridade.....	76
4.1	A Olaria: uma construção viva.....	82
4.2	A câmera e a comida em campo.....	87

5	HAVERES E DEVIRES DA MADEIRA.....	110
5.1	Contando histórias em traços: o desenho na etnografia	136
5.2	O Devir dentro da olaria	152
5.3	Fluxos e Engajamentos	166
5.4	Além da olaria.....	178
5.5	Desvios, fluxos vitais e trama social.....	182
6	A ORDEM E O CAOS?.....	186
6.1	A “ordem” imposta às coisas	191
6.2	Resíduos como bens: o poder que emana dos materiais	198
6.4	Resíduos como fato social	211
6.5	Devolução da pesquisa: da descrição à correspondência	219
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	221
8	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	224

1 INTRODUÇÃO

Fruto do esquecimento, desdenho ou descuido, a verdade é que, em nosso meio ambiente, deixamos para as próximas gerações rastros, vestígios de nossas atividades e daquilo que somos. Esse resultado de nosso dia a dia, descartado na forma de diversos tipos de materiais, embora imperceptível aos olhos da maioria da população, aponta para novas relações entre o ser humano e suas coisas.

A pesquisa procura desnaturalizar e iluminar um assunto insuficientemente explorado em diversas áreas do conhecimento: os materiais descartados, dejetos, ou “lixo”, entendidos como herança de nossa sociedade de consumo para as próximas gerações. Aqui são considerados os que são nomeados¹ como resíduos sólidos inertes, descartes que, devido às suas características e composição físico-química, não sofrem transformações físicas, químicas ou biológicas, mantendo-se inalterados por um longo período de tempo. Divergindo desta perspectiva, a antropologia contemporânea considera que “preciosos, desejados, excepcionais ou ordinários e imperceptíveis, os objetos nos rodeiam. É em interação com eles, no cotidiano, que construímos nossa existência no mundo.” (Leitão & Machado, 2010, p.232). Daí a relevância de se investigar o trajeto social de tais materiais, mesmo daqueles considerados ordinários e imperceptíveis, particularmente os rejeitos, que desaparecem de nossa vista, ao serem retirados de circulação diariamente, embora saibamos,

¹ em outras disciplinas do conhecimento.

com Arjun Appadurai, que “a fase mercantil na história de vida de um objeto não exaure sua biografia” (2008, p.31). Sendo assim, busco nessa pesquisa aqui apresentada observar, seguir e descrever os fluxos, desvios e reutilizações de resíduos sólidos da indústria naval da cidade de Rio Grande/RS após sua fase mercantil, pela perspectiva da antropologia dos objetos, dos estudos do consumo e da antropologia da imagem, mas também apoiada em contribuições da arqueologia, sempre na intenção de conhecer, de forma articulada, multifacetada e interdisciplinar, as diferentes abordagens acerca destes materiais.

Para Daniel Miller (2013, p.78), “os objetos são importantes, não por serem evidentes e fisicamente restrinjam ou habilitem, mas justamente pelo contrário. Muitas vezes é, precisamente, porque nós não os vemos”. Assim, o primeiro entendimento das coisas acontece a partir da propriedade oposta ao que esperaríamos dos objetos. “Funcionam porque são invisíveis e não mencionados, condição que, em geral, alcançam por serem familiares e tidos como dados” (MILLER, 2013, p.79). Essa capacidade que a cultura material tem de sair de foco, de se manifestar sempre de forma periférica à percepção humana, mas mesmo assim determinar nosso comportamento, ajuda a entender porque tantos cientistas sociais consideram os objetos, de algum modo, triviais.

Considerando que sujeito e objeto são inseparáveis, entende-se a necessidade de levar em conta a relação dinâmica entre ambos constituídos como formas sociais. Os artefatos ou, no caso desta pesquisa, os resíduos sólidos, codificam os princípios culturais e expressam suas categorias em

contextos diversos. Isso porque, como nos fala Daniel Miller (2013, p.12), a melhor maneira para entender, transmitir e apreciar nossa humanidade é dando atenção à nossa materialidade fundamental.

A proposta de observação flutuante escolhida para essa pesquisa, proposta cunhada por Colette Pétonnet (2008), leva-nos “flutuar” e nos deixar conduzir pelo inesperado, pelos fatos, coisas e pessoas que se apresentam durante o trabalho de campo, tendo-se mostrado particularmente adequada nesta etnografia sobre os trajetos sociais dos materiais. Aqui, viso conhecer e acompanhar os fluxos das coisas e as suas relações sociais, apoiando-me em fundamentos teórico-metodológicos para a reflexão acerca do trabalho de campo, da relação com os interlocutores, coisas e pessoas, assim como para a análise do material empírico. A câmera fotográfica foi introduzida no trabalho de campo com o intuito de aprofundar a observação e ampliar a percepção do universo pesquisado, mas também com o propósito de potencializar o caráter multirelacional da experiência etnográfica.

O estudo aqui proposto busca conhecer esses objetos - a princípio descartados pela indústria naval do porto de Rio Grande/RS, mas recuperados e resignificados em uma olaria situada na periferia de município vizinho, em Pelotas, com o objetivo de desvendar a interação social, seja entre coisas, seja entre pessoas e coisas. Isso quer dizer que não se trata, propriamente, de observar a utilidade dos objetos, mas, principalmente o modo como o objeto se corresponde com aquele que o descartou e com aquele que, posteriormente, o obteve, pois, considerando os fluxos das relações sociais que as envolvem, as

“coisas” descartadas por determinados segmentos da sociedade não implicam no fim deste material, na medida em que ingressam em uma outra fase de sua biografia social.

Nesta pesquisa, portanto, os objetos – particularmente o resíduo, mas também, como veremos adiante, a imagem e o alimento -, assim como as relações que o ser humano constrói e estabelece através da cultura material serão os guias da investigação, a “janela” através da qual busco novas perspectivas acerca da trajetória social de resíduos sólidos descartados. Sigo seus percursos e usos sociais para além daqueles declarados em documentos oficiais, visando trazer uma nova percepção sobre a forma como os resíduos desta indústria, de grande impacto econômico e social sobre a região, repercute em comunidades locais, em termos antropológicos.

2 SITUANDO A PESQUISA

2.1 A implantação do Polo Naval na cidade de Rio Grande.

Como qualquer atividade humana, a industrial, principalmente, gera resíduos. A cidade portuária de Rio Grande, situada no extremo sul do estado do Rio Grande do Sul, passou e ainda vem passando por significativas transformações relacionadas à instalação e manutenção de um polo naval, que além de criar emprego, renda e migrações que impactam na população local, temas amplamente pesquisados e debatidos, também gera resíduos industriais, tema pouco abordado e centro de interesse desta etnografia.

Tradicionalmente, a indústria naval compreende a atividade de fabricação de embarcações e veículos de transporte aquático em geral, envolvendo desde navios de apoio marítimo, portuário, petroleiros, graneleiros, porta-contêineres e comboios fluviais à construção de estaleiros, plataformas e sondas de perfuração para a produção de petróleo em alto-mar, além de toda a rede de fornecimento de peças específicas para a indústria naval, chamadas de navipeças.

Em 2006 houve um aumento considerável do número de encomendas de navios, sondas de perfuração, plataformas, seus módulos² e integração³, em decorrência da descoberta da camada pré-sal⁴ na costa brasileira e a

² **Módulos** são equipamentos com funções individuais que, conjuntamente, contribuem para o processo de extração e refino do petróleo.

³ **Integração** é o processo de montagem dos módulos, que são construídos individualmente, na plataforma de petróleo.

⁴ Em geologia, **camada pré-sal** refere-se a um tipo de rocha sob a crosta terrestre formada exclusivamente de sal petrificado, localizada entre a costa ocidental da África e a oriental da América do Sul onde existe um depósito de matéria orgânica que acumulou ao longo de milhões de anos sob o sal prensado por pesadas lâminas, transformando-se em petróleo. As reservas do pré-sal encontradas no litoral do Brasil são as mais profundas em que já foi encontrado petróleo em todo o mundo. Representam também o maior campo petrolífero já encontrado em uma profunda região abaixo das camadas de rochas salinas, com aproximadamente 800 quilômetros

regulamentação, em novembro de 2007, do Sistema de Certificação relacionado às metas de “Conteúdo Local”⁵ e da previsão do índice de nacionalização das embarcações, o qual considera, nos seus cálculos, os valores gastos com a mão de obra nacional. Como desde os anos 1980 a indústria naval nacional registrava uma trajetória decadente, na qual se manteve por quase duas décadas, o novo contexto nacional impôs a construção de estaleiros em algumas regiões do Brasil.

Com o aumento da demanda por plataformas e navios, a indústria naval de Rio Grande, cidade portuária do litoral Atlântico com características geográficas favoráveis à atividade marítima portuária, torna-se um Polo Naval onde alguns estaleiros e empresas de navieças vieram a se instalar. A cidade liga a Lagoa dos Patos ao Oceano Atlântico e já abrigava o terceiro principal porto do Brasil.

Iniciou-se a proposta de implantação de um centro de construção em série de cascos de plataformas da classe de Plataforma Flutuante de Produção, Armazenamento e Escoamento (*Floating Production, Storage and Off-Loading Platform – FPSO*), como também a montagem de plataformas das classes semi-submersível e monocoluna, ampliando a área projetada do dique de 140 para 350 metros de extensão. Esses empreendimentos trouxeram a previsão de geração de aproximadamente seis mil postos de trabalho diretos e dezoito mil indiretos (CARDOSO, 2012 *apud* SPOLLE & FABRES, 2014). Mas, infelizmente, o clima de otimismo deu lugar, a partir de 2015, a um forte sentimento de insegurança na região com uma queda de 60% no número de empregos⁶: dos

de extensão por 200 quilômetros de largura, que vai do litoral de Santa Catarina ao litoral do Espírito Santo, estando dentro da área marítima considerada zona econômica exclusiva do Brasil.

⁵ A política de conteúdo local segue uma diretriz que determina um índice de conteúdo local mínimo nos contratos de concessão para equipamentos e serviços diversos, no sentido de incentivar a indústria nacional, possibilitando a formação de cadeias produtivas locais, rapidez na assistência técnica e outros ganhos para as concessionárias.

⁶ Dados disponíveis no website: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/04/portos-de-rio-grande-tem-queda-de-60-no-numero-de-empregados.html>

20 mil trabalhadores contratados até 2013, restaram apenas cerca de 7 mil. As causas são diversas e vão desde as crises política e econômica devido às variações do preço do petróleo no mercado internacional até seu o principal fator: os efeitos do envolvimento de executivos das empresas do polo naval na operação Lava Jato⁷. Não me aprofundarei nesta questão mas preciso destacar que o período a qual me refiro nesta pesquisa é de um recorte que vai de 2013 ao final de 2015.

Desta forma, a cidade de Rio Grande atraiu inúmeros investimentos relacionados à implantação do polo naval. Se, por um lado, esses investimentos estimularam a economia do sul do estado (mais precisamente de sua “Metade Sul”, menos industrializada do que a “Metade Norte” do Rio Grande do Sul), por outro lado também trazem mudanças significativas na sua rotina, causando alterações estruturais e sociais.

A instalação de um polo naval exigiu uma complexidade de indústrias de montagem de bens de capital, principalmente em relação ao fornecimento de um grande número de peças e equipamentos. A logística de funcionamento desse setor está diretamente ligada à indústria siderúrgica, aos estaleiros e ao setor de navipeças. Assim, a perspectiva do polo naval foi de formação de um complexo industrial na cidade de Rio Grande, que demandou um grande efetivo de tecnologia e de mão de obra não existente na região, obrigando as empresas a trazer mão de obra qualificada de outros lugares, de dentro e de fora do país. Foram projetados para o polo naval de Rio Grande, até o ano de 2015, investimentos no montante de R\$ 14 bilhões (FEIJÓ; MADONO, 2013)

Os investimentos no município também acarretaram aumento populacional oriundo de migrações, num contexto de notável insuficiência de

Dados disponíveis no website: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/07/falta-de-empregos-no-setor-naval-gera-protesto-em-rio-grande-no-rs.html> Acesso em 30/07/2016

⁷ Investigação de corrupção e lavagem de dinheiro. Dados disponíveis no website: <http://lavajato.mpf.mp.br/entenda-o-caso> Acesso em 30/07/2016

condições habitacionais, precariedade dos sistemas de saúde e educação e da falta de infra-estrutura adequada ao tráfego urbano. Por outro lado, a construção do polo naval permitiu a revitalização da indústria de bens e serviços do município de Rio Grande e de cidades vizinhas, gerando empregos diretos e indiretos, com efeito multiplicador do emprego e da renda, se não fosse a recente crise de gestão a que me referi antes.

2.2 As coisas descartadas

Nesta dissertação o interesse não recai propriamente sobre o crescimento da indústria naval de Rio Grande, mas sobre o que dela resulta em “resíduo”, atuando nas relações sociais e ambientais da região do polo naval e particularmente da periferia de Pelotas, município vizinho distante 70 quilômetros do polo naval, onde desenvolvi a maior parte desta pesquisa, por ser um dos locais de destinação de parte destes resíduos.

A problematização e investigação dos fluxos e usos destes resíduos começa pela delimitação dos materiais a que me refiro. Antes, no entanto, é preciso assinalar que, de acordo com a norma da Associação Brasileira de Normas Técnicas ABNT NBR 10.004:2004⁸ (conforme diagrama⁹ a seguir), os resíduos sólidos são classificados pela identificação do processo ou atividade que lhes deu origem e ainda por seus constituintes e características físico-químicas.

⁸ Associação Brasileira de Normas Técnicas <http://www.abntcatalogo.com.br/norma.aspx?ID=936>

⁹ Diagrama da Associação Brasileira de Empresas de Tratamento de Resíduos disponível no endereço <http://www.abetre.org.br/biblioteca/publicacoes/publicacoes-abetre/classificacao-de-residuos> acesso em 28/07/2016

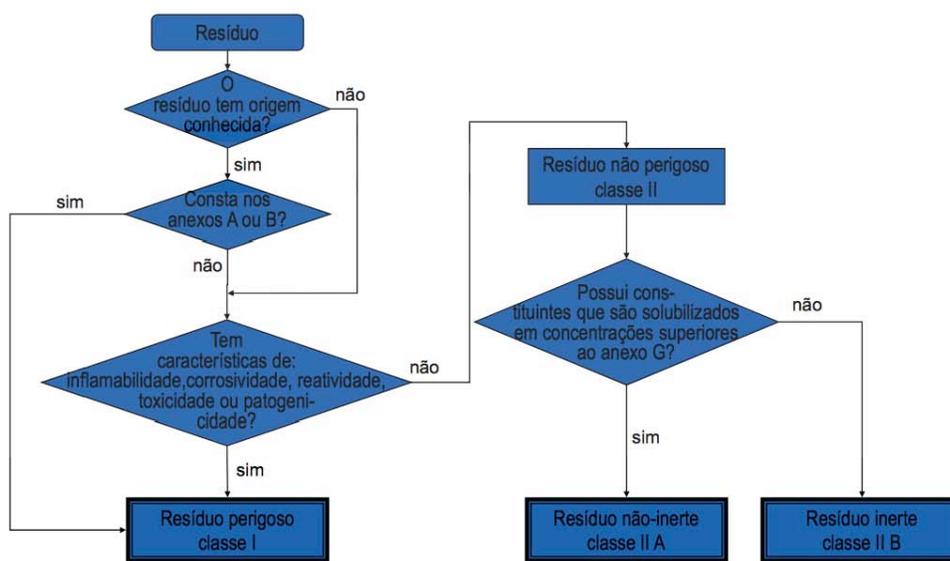


Diagrama de classificação de resíduos sólidos segundo norma ABNT NBR 10.004:2004

Esta pesquisa busca conhecer e acompanhar as trajetórias e relações envolvendo especificamente os resíduos que, durante sua biografia social, são passíveis de reaproveitamento, o que decorre do fato de suas características não sofrerem transformações físicas, químicas ou biológicas, mantendo-se inalteradas por um longo período de tempo. Para os órgãos ambientais, estes são classificados como resíduos sólidos inertes classe II B. Estes materiais, de acordo com a legislação, estão aptos a serem depositados em aterros sanitários. Os resíduos classificados em outras categorias não serão foco desta pesquisa, na medida em que não permitem o reaproveitamento pelo ser humano de forma artesanal.

As empresas e entidades responsáveis pela geração de resíduos decorrentes de suas respectivas atividades, sejam elas públicas (no caso de resíduos domiciliares), comerciais, industriais, de construção civil, de saúde, mineração, extração ou beneficiamento de minérios, devem elaborar e executar seus Planos de Gerenciamento destes materiais, os quais devem submeter-se

às regras previstas na Lei e nos Planos Municipais, Estaduais e Federal. O caso das indústrias do polo naval da cidade de Rio Grande não é diferente: todos os resíduos tem sua trajetória inicialmente colocada e regulada por estas leis de proteção ambiental vigentes no país.

O polo naval é um conglomerado de empresas em um contexto de produção industrial no qual os resíduos industriais são constituídos pelas sobras dos processos envolvidos nos vários estágios da produção de suas mercadorias. Mas como não costumamos acompanhar a produção, nem o descarte dos resíduos industriais, exceto se trabalharmos com eles, morarmos perto de uma das indústrias ou de um dos locais de descarte, não nos lembramos de sua existência. Mesmo estando-se cotidianamente em contato com os trabalhos da indústria, não é possível ter a dimensão completa da biografia social destes materiais, mas tão somente vislumbrar uma parte de suas vidas.

Para identificar os resíduos do polo naval que produziram maior impacto social, busquei dados gerais acerca do descarte industrial local. O município de Rio Grande disponibiliza e controla os números estatísticos acerca do descarte de resíduos sólidos domiciliares e públicos, mas os dados industriais são fornecidos pelas próprias indústrias, mensalmente, diretamente para a Fundação Estadual de Proteção Ambiental – FEPAM. Os resultados do diagnóstico do Inventário Nacional de Resíduos Sólidos Industriais, etapa Rio Grande do Sul, são disponibilizados de forma pública mas são desatualizados pois datam de 2002, o que, conforme visto anteriormente no histórico da implantação da indústria naval na região, inviabiliza a consolidação de informações atuais acerca dos resíduos da indústria pesquisada, que iniciou suas atividades no estado a partir do ano de 2006/2007. Dados mais atualizados não são disponibilizados publicamente.

Entretanto, através de interlocutores dentro de uma das empresas de grande atividade que faz parte do polo naval, tive acesso à Planilha de Relatório Mensal de Geração e Destino de Resíduos Sólidos e Efluentes Líquidos de

Obra, referente ao mês de outubro de 2014 (disponível abaixo). Além de fornecer uma idéia dos tipos de descartes e de sua tonelage, estes dados ainda permitem conhecer os locais de destinação dos materiais descartados, facilitando o início dos trabalhos de pesquisa da trajetória social dos mesmos.

Abaixo, consta um quadro referente a esses dados, com quantificação de descartes de resíduos sólidos, por tonelage acumulada entre janeiro e outubro de 2014:

Tabela 1 - Tabela de Resíduos Sólidos - Ano 2014

RESÍDUO	Unidade	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Acumulado 2014
PAPEL/PAPELÃO	ton	16,510	11,080	17,320	17,270	20,510	34,340	41,537	41,920	35,640	49,470			285,597
PLÁSTICO	ton	24,090	15,450	25,150	20,040	33,070	43,200	48,365	44,500	43,760	48,360			345,985
VIDRO	ton	0,000	0,000	0,000	0,800	0,040	1,820	0,160	0,000	0,550	4,010			7,380
RCC - CONSTRUÇÃO CIVIL	ton	51,810	11,830	18,930	25,420	32,210	49,420	66,100	60,070	14,260	8,500			338,550
METAL FERROSO	ton	416,670	393,060	193,210	146,270	389,950	49,420	548,430	388,560	829,350	676,430			4031,350
MADEIRA	ton	176,750	114,710	177,950	132,510	144,390	153,460	106,620	160,420	136,100	174,480			1477,390
ÓLEO USADO DO REFEITÓRIO	ton	0,900	1,480	1,340	10,200	1,680	2,220	2,170	1,500	2,030	1,920			25,440
FIOS E CABOS ELÉTRICOS - COBRE	ton	0,000	25,590	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000			25,590

Percebe-se que o segundo resíduo mais descartado, depois do metal ferroso (4031,350 toneladas), é a madeira (1477,390 toneladas). Aliás, em uma visita aos espaços de produção naval, percebi, com surpresa, como a madeira é um material usado cotidianamente em todas as etapas produtivas desta indústria. Sendo assim, iniciei a pesquisa por estes dois materiais mais largamente descartados nesta indústria – a madeira e o material ferroso -, com o intuito de buscar as trajetórias e relações que os envolvem durante suas biografias sociais.

2.3 Lixo existe?

Levando em conta as especificidades do ambiente industrial a que me atendo na circunscrição do tema desta pesquisa, haveria certa correspondência entre resíduo ou lixo, entendido como todo material considerado, por diversos motivos, por quem o descarta, como indesejável ou inútil, sendo removido em qualquer recipiente ou local destinado ao seu descarte. De acordo com sua definição pelo Dicionário de Houaiss da língua portuguesa (2009, p. 1190): “lixo é qualquer material sem valor ou utilidade, detrito oriundo de trabalho doméstico, industrial etc. que se joga fora”. Chama a atenção também a definição do Manual de Gerenciamento Integrado de Resíduos Sólidos (IBAM, 2001), de acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), que entende lixo como “restos das atividades humanas, considerados pelos geradores como inúteis, indesejáveis ou descartáveis (...)”, pois este aponta para a relatividade da característica de inutilidade do lixo, na medida em que dá a entender que aquilo que já não apresenta nenhuma serventia para quem o descarta, pode tornar-se matéria-prima de um novo produto ou processo para outro agente. Alguns chegam a cogitar que o lixo ou resíduo apenas pudesse ser conceituado como tal quando da inexistência de mais alguém para reivindicar uma nova utilização dos elementos então descartados.

De toda a forma, esta noção fica aquém da abordagem antropológica dos objetos, que considera o descarte como apenas uma fase da biografia social deste material. Além disso, devemos levar em consideração o fato de que esta percepção acerca da cultura material descartada é diversa em grupos sociais diferentes que se apropriam do material. Appadurai (2008) diz que a visão de mundo construída por um ator social é dependente do seu posicionamento social, cultural e histórico, ou seja, existem múltiplas formas de “imaginar o mundo”.

Devemos estar atentos a toda a trajetória das coisas, pois todos os esforços em definí-las estão condenados a fracassar, a não ser que

reconheçamos estas como “em movimento”. A partir do que Appadurai chamou de rotas e desvios, entendemos que o fluxo das coisas é sempre oscilante entre rotas socialmente reguladas e desvios motivados, através dos quais sofrem deslocamentos, podendo ser colocados em novos contextos de circulação. Dentro desta perspectiva, entende-se a potencialidade de analisarmos “as coisas em movimento” envolvendo todo o ciclo de vida de um objeto, incluindo a sua forma, o uso e a trajetória enquanto mercadoria, mas não apenas. É importante frisar aqui que o autor sugere que uma mercadoria não é uma coisa, mas uma fase na vida plena da coisa, fase na qual o objeto recebe valor econômico a partir da troca. Desta forma, o autor sustenta que as coisas possuem uma história social, uma trajetória, uma biografia social que pode atravessar diferentes regimes de valor. Os objetos, as coisas, não são mudos. Se é certo que não há inerência de valor nas coisas, por outro lado, quando compreendidas em seus processos de circulação, observamos a história acumulada em suas trajetórias sendo possível, a partir delas, perceber seus contextos sociais.

Logo de início, chegamos à conclusão de que a palavra lixo não serve mais para definir o que é descartado diariamente por qualquer atividade humana. Tudo o que, no passado, aprendemos a chamar de lixo e que, agora, dentro das disciplinas acadêmicas ambientais, é concebido como “resíduo sólido” nas ciências sociais, nunca deixou de ser considerado cultura material, ou ainda, nos termos de Tim Ingold, materiais ou coisas. Certas vertentes do pensamento antropológico atual ainda entendem esta materialidade a partir de uma ruptura com o pensamento dicotômico entre cultura e natureza, tal como propõe este autor, interessado em abordar os processos vitais e fluxos de materiais, ao invés de conceber a ação e significação humana como centro do interesse antropológico. Os caminhos ou trajetórias através dos quais as coisas e as práticas se desenrolam são linhas ao longo das quais são continuamente formadas. Por isso devemos seguir a matéria em fluxo, na medida em que estas nos conduzem à sua percepção e ação no mundo.

Portanto, aqui farei referência aos resíduos sólidos enquanto materiais ou coisas. Nesse sentido, a idéia de seguir a sua trajetória social ou fluxo vital constitui um convite à reflexão do próprio conceito de resíduo sólido, e principalmente da qualidade a ele associada: 'inerte'. Afinal, perceberemos no decorrer do trabalho como as coisas materiais não podem ser entendidas como estáticas, reflexos passivos de relações sociais e do sistema político e econômico em ação. Aqui, a madeira e o metal ferroso, ambos, se deslocam em seus diversos e próprios fluxos vitais sempre correspondendo e cruzando com a trama social, na qual podemos incluir esta pesquisa através da presença da pesquisadora.

Não tenho a pretensão de falar pelas coisas, afinal mesmo que eu buscasse este objetivo ele sempre seria uma "invenção", nos moldes de como Roy Wagner (2010) entende a cultura. Entretanto, inspirada por Cardoso de Oliveira (2000) no exercício de ver e ouvir as coisas em trabalho de campo, assim como no esforço de transmitir esta experiência pela escrita mas também por recursos imagéticos, na esperança ainda de gerar uma nova compreensão em você, leitor deste trabalho.

2.4 Do anonimato

De forma geral, supõe-se que "resíduos revelam uma história de esquecimento" (XEREZ, 2013) mas nesta pesquisa sobre determinados materiais descartados no polo naval de Rio Grande/RS e recuperados e transformados em uma olaria na periferia de Pelotas, percebemos como determinados bens podem ser extremamente valorizados por um grupo social, apesar de terem perdido seu valor econômico em outros segmentos produtivos, tornando-se motivo de disputas diversas. É possível que esta valorização do

descarte esteja relacionada ao fato de ser proveniente de uma indústria que foi responsável pela promoção de um momento de renascimento econômico¹⁰ na região pesquisada até 2014. Sendo fluxos vitais da perspectiva dominante capazes de atribuir status em sua posse, as atribuições simbólicas colocadas sobre estes materiais os tornam dignos de serem recuperados, disputados e consumidos, conforme observado no universo da olaria pelotense onde realizei o trabalho de campo. Esses usos e significados de posses materiais, cercados por regras sobre as quais nem o comércio, nem a força se aplica na relação (Douglas; Isherwood, 2004), embora constituam relações de poder, estão relacionados com a própria definição de consumo. Daí decorre a importância de se investigar os processos de apropriação das coisas, através dos quais elas são convertidas em posses. O que se troca entre os sujeitos, coisas e instituições envolvidas nos trajetos sociais não é apenas matéria, mas também favores, conhecimento, serviços e gentilezas de todos os tipos, sendo pertinente analisar sob a teoria da dádiva de Marcel Mauss (2013).

O polo naval de Rio Grande é um conglomerado de empresas em um contexto de produção industrial e, neste contexto, os resíduos industriais são as sobras dos processos envolvidos nos vários estágios da produção de suas mercadorias. O impacto desta indústria na região pesquisada foi de grande intensidade, tanto em termos sociais quanto econômicos, e tudo o que se associa à mesma tem valor diferenciado para os sujeitos. Podemos observar julgamentos acerca da chegada desta indústria, que vão da valorização das oportunidades que este negócio proporcionou à região ao preconceito aos migrantes, brasileiros vindos de fora do estado do Rio Grande do Sul.

Nesta conjuntura, podemos encarar a implantação destas indústrias como o estabelecimento de perspectivas dominantes, além da representação mais

¹⁰ Apesar de toda esta região estar, agora, sendo afetada por uma crise, que surge a partir dos problemas que a indústria naval vem sofrendo relacionados a desvios de diversos tipos, e seus desdobramentos que podem vir a afetar também o destino final das coisas descartadas.

literal do modelo hilemórfico de pensamento: em que o projeto se impõe à forma, e se algum material não se adequa ao pensamento, é descartado.

Parte determinante para a decisão de realização deste trabalho de campo aconteceu pelo fato de que me encontro extremamente envolvida no contexto destas indústrias desde que cheguei à região, na condição de migrante e esposa de funcionário de uma delas. Minhas relações sociais e pessoais primeiramente foram definidas, neste novo ambiente em que escolhemos morar, pelas companhias de outras famílias que também migraram e trabalhavam juntas nas indústrias do polo naval. Todos compartilhando o mesmo estranhamento das diferenças culturais e ambientais, unidos em um novo grupo social formado na busca do conhecimento, adaptação e aprendizado das novas formas de “ver o mundo”.

Passei muitos churrascos, aniversários, domingos e feriados em companhia de interlocutores que trabalhavam dentro das indústrias do polo naval, o que, por um lado, facilitou o meu acesso a dados, mas, por outro, colocou-me na situação de pesquisar um ambiente que me era familiar. Meu maior interlocutor estava dentro de casa: meu marido. Através dele, ouvi muitas narrativas e tive acesso a pessoas e informações que, de outra forma, não teria.

Conhecendo de forma muito próxima os sujeitos de todas as hierarquias dentro das empresas, muitas vezes me eram reveladas informações que não poderiam circular livremente. O mesmo fato que me permitiu acesso irrestrito aos dados que apresentarei a seguir, também me levou a usar o anonimato destes informantes nos contextos industriais pesquisados. “O anonimato, nesta proposta, é a maneira do antropólogo assumir sua responsabilidade autoral” (FONSECA, 2008, p.49), admitindo as consequências da escrita.

Encarando as indústrias da pesquisa como estruturas de poder impostas à região, opto por pleitear a causa nativa dentro destas estruturas vigentes com a intenção de reconsiderar as narrativas hegemônicas, trazer outras subjetividades e fazer repensar nosso próprio sistema de classificação,

conforme nos lembra Claudia Fonseca (2008).

A inequívoca impessoalidade dos modos de produção característica do universo industrial do polo naval da cidade de Rio Grande revelam o caráter público e utilitário do trabalho, em contraste com o universo da olaria na periferia de Pelotas, onde prevalece nas relações uma dimensão artesanal, pessoal, humana e afetiva, que esta etnografia pretende descrever. Esta polarização entre meus dois universos de investigação é ideologicamente radicalizada em uma suposta compreensão do mundo, simultaneamente refletindo e moldando o entendimento das pessoas sobre os objetos, mas, na prática, não é rígida e sim permeada por trocas. Os fios de vida que vazam do polo naval fazem parte da trama que permeia a periferia da cidade e o campo, cheia de vida e afeto. Não há como delimitar e a própria história social de cada um dos materiais descartados faz sobressair de forma poderosa o cruzamento da produção com o consumo, da impessoalidade com a humanidade das relações familiares e seus efeitos, em nível local, desfazendo essa polarização. Entretanto, dada esta construção cultural, assumirei a oposição *a priori* para justificar, do lado de meus interlocutores no polo naval, a opção pelo anonimato; esvaziados em sua humanidade e presença frente à materialidade dos resíduos da produção industrial. No que tange o universo onde realizei a maior parte da etnografia, no espaço da olaria, em bairro periférico do município de Pelotas, optarei pela identificação dos meus interlocutores.

Revelar ou não revelar nomes e identificar situações sociais vividas implicam escolhas e suas consequências. Não identifico meus informantes dentro do polo naval justamente para ter amplo acesso a informações que de outra maneira não seriam possíveis. Além do que “devemos reconhecer que o anonimato não é necessariamente visto como sinal de respeito”, mas ao contrário lembra “os rostos borrados ou as tarjas pretas cobrindo os olhos”. (Fonseca, 2008). Ademais, a intenção nesta escrita é a de evidenciar as potencialidades dos fluxos vitais das coisas depois de serem descartadas deste ambiente industrial. O interesse etnográfico foi o de observar quais eram as

relações relevantes, as que realmente cruzavam e modificavam o fluxo vital da madeira. Na verdade, quero evidenciar o caminho das coisas, e estas não se relacionam muito “pessoalmente” com os sujeitos na indústria naval, como o fazem no seu próximo local de estada: a olaria.

Claudia Fonseca (2008) também alerta “para o fato de que não basta proteger o anonimato dos participantes, pois, dependendo, por exemplo, de suas falas ou do cargo que as pessoas ocupam, sua identidade é facilmente identificada.”

Como não identificar a **única** olaria que recebe **todos** os resíduos escolhidos por esta pesquisa de **todas** as indústrias do polo naval? Não adiantaria mudar nomes para garantir qualquer tipo de anonimato. Também fez parte de toda a relação etnográfica a devolução diária do valor atribuído por mim às táticas criativas na olaria. Como mostrar e “devolver” a minha valorização do “saber fazer” (Ingold, 2013) dos sujeitos da olaria com nomes trocados? Usar o anonimato dos sujeitos na olaria seria condenar suas práticas a ilegitimidade, quando pretendo, justamente o oposto. A finalidade é conhecer as potencialidades de suas práticas nativas e aprender com estas.

2.5 Seguindo a trajetória dos objetos: Polo Naval

Como visto no tópico 2.2 sobre os resíduos (Tabela 1, p.13), a amostra dos dados coletados permite-nos ter uma idéia dos tipos de materiais descartados e suas quantidades, o que auxiliou na definição dos resíduos cujas trajetórias sociais escolhi para acompanhar e descrever nesta pesquisa. Além disso, estes mesmos dados permitiram-me conhecer os locais de sua destinação, facilitando o início da investigação.

Conforme verificado na tabela, o metal ferroso e a madeira são os materiais descartados em maior volume por estas indústrias. Além deste fato, o que também justificou elegê-los como interesse principal da pesquisa foi por serem as coisas que tem mais fluxos e linhas de devir na trama social, possibilitando averiguar seus efeitos e engajamentos nos ambientes que perpassam.

Para entender esta dinâmica dos materiais dentro do contexto industrial, fiz uma visita aos espaços de produção naval. Contrariando o que qualquer um pensaria, em um ambiente de produção a partir de gigantescas chapas de metal pesado, a madeira surpreendentemente é um material usado em todas as etapas produtivas cotidianas destas indústrias da região. Suas características físicas - naturalmente resistente, relativamente leve e possuidora de alguma maleabilidade - possibilita uma imensidade de usos e traz a flexibilidade para as atividades nas quais o metal ferroso não poderia ser empregado, devido a sua consistência.

A madeira é escora, apoio, rampa, montagem, nivelamento, isolamento, armazenamento e organização de peças diversas. Sem a madeira, não é possível a realização de grande parte das atividades diárias industriais. Mas são descartadas do ambiente, assim que se deslocam de uma destas funções pré-estabelecidas. Se um pedaço de madeira era apoio entre chapas de ferro de grande porte, assim que estas chapas são movidas, aquelas peças que escapam à ordem industrial são descartadas. Muitas destas madeiras vêm embalando e/ou escorando outros materiais em navios que fazem o transporte de peças e equipamentos para estas indústrias, vindos de outras partes do mundo (China, Japão e Turquia, por exemplo).

Madeiras usadas em nivelamento de peças industriais sofrem a compressão de toneladas, diariamente. A sua qualidade, em praticamente todas as formas de uso, é a de ter a capacidade de absorver as forças e moderar ou intermediar os materiais mais densos que ela: pesadas peças de metal ferroso,

acima, e grandes estruturas de concreto, abaixo, por exemplo. Este momento da trajetória de sua vida, sob forças de compressão, afetam sua resistência material, dia após dia.

Durante o desenvolvimento da árvore, alguns ramos secam, mas continuam presos à árvore por algum tempo. As camadas de crescimento posteriores deixam de ser incluídas no ramo morto, crescem ao redor dele. Assim, os traços de inserção dos ramos mortos dão origem aos nós, que são apenas o conteúdo de um furo preenchido com material do ramo ainda incluído e que podem soltar-se facilmente. Os nós da madeira afetam a resistência a rachaduras e quebras, assim como sua maleabilidade e flexibilidade, principalmente sob tamanha intensidade de compressão das forças envolvidas. Mesmo grandes pedaços de madeira são descartados quando iniciam um processo de deformação, que é resultado das forças, abrindo caminho através dos traços que vêm a partir do centro de crescimento do qual se gerou o engrossamento pelo crescimento da árvore.

Já o metal é a matéria-prima principal das atividades das indústrias navais, pelo motivo óbvio de que é parte principal das estruturas que estão sendo produzidas ali. Dentre os diversos tipos de metal, aqui estamos falando de metal ferroso de uso industrial, chamado de aço-liga ou aço-carbono, que possui alguns elementos de ligação que atuam na resistência mecânica e na resistência à corrosão das ligas ferrosas, tanto na baixa como na alta temperatura. Este metal ferroso é encontrado em vários formatos e dimensões, trazidos de outras partes do mundo: são chapas de porte industrial que vieram da China, perfis metálicos¹¹, da Turquia e tubulações de grande porte, do Japão.

O que sobra dos cortes e forças atuantes sobre este material ferroso imposto pelo desenho técnico é descartado, mas entra no ciclo de reciclagem deste material que pode ser indefinidamente reciclado, sem qualquer perda de

¹¹ Peças para enrijecimento das chapas metálicas que em conjunto formarão partes da estrutura naval.

qualidade. O aço reciclado representa 40%¹² dos recursos ferrosos da indústria do aço no mundo, porque seu ciclo de reciclagem é assegurado pelo valor econômico intrínseco ao material.

A sucata de ferro e aço proveniente do descarte, também chamada de sucata de obsolescência ou “ferro-velho”, é um importante insumo para processos siderúrgicos. A sucata gerada internamente nas usinas ou como resíduos em outras indústrias alimentará novamente o processo das usinas siderúrgicas, proporcionando nova produção de aço a partir da reciclagem de materiais já utilizados, minimizando o consumo de matérias-primas como minério de ferro e carvão, importantes recursos naturais não renováveis. Uma informação para adicionar ao conhecimento aqui é de que o Brasil é o segundo maior produtor de minério de ferro e divide com a Austrália a participação no Mercado (*market share*) de 70-72% até o final de 2015. Em 2012, o principal comprador de minério de ferro brasileiro foi a China, adquirindo 45,78% do total da produção¹³. Isto nos leva a pensar que existe a possibilidade das chapas de ferro, compradas da China, terem sido feitas com o minério de ferro brasileiro.

Nesta pesquisa, o metal ferroso é recolhido por outra indústria, uma siderúrgica, que compra, recolhe, separa e recicla o material na produção de aços longos de carbono e aços longos especiais no mercado brasileiro, repassando-o a outros setores produtivos, como construção civil, indústria, agropecuária e automotiva. Mas uma pequena parcela desta sucata de ferro acaba se desviando de seu trajeto projetado quando é misturado à madeira ao ser descartado. Chegando no destino planejado para a madeira, parte é vendida, enquanto outra parte ganha novas formas de uso: como elementos de

¹² Dados disponíveis no website: Aço - o material mais reciclável do mundo. em: http://www.constructalia.com/portugues_br/construcao_sustentavel/as_vantagens_do_aco/aco_o_material_mais_reciclavel_do_mundo#.Vb6JbGAVeOM acesso 30/07/2015

¹³ Informações da 7^a Edição de Informações e Análise da Economia Mineral Brasileira do Instituto Brasileiro de Mineração, p.32 e 34. Dez, 2012. Disponível em <http://www.ibram.org.br/sites/1300/1382/00002806.pdf> acessado em 30/07/2016

carrinhos de mão, acabamento em equipamentos ou construções.

Como o metal se mantém primordialmente no contexto industrial impessoal, considere mais relevante para essa pesquisa com intenções antropológicas e sociais seguir a trajetória da madeira na busca de caminhos mais espontâneos. No entanto, é importante constar que encontrei, durante o trabalho de campo, parte destes metais em meio ao descarte da madeira, ocasionando oportunidades de reaproveitamento neste novo ambiente.

A madeira é descartada nas indústrias do polo naval quando não resiste às forças da correspondência com o metal ou quando resiste às “forças” da ordem. Onde, aparentemente, é espaço da ordem, quando o caos “chega de mansinho” - seja saindo do padrão imposto de ordenação, dentro de caixas ou caçambas, seja entre espaços destinados à organização - a estrutura de poder vigente resolve a situação, descartando os materiais, em uma busca pelo retorno à ordem. Temos aqui uma disputa de forças entre o metal e a madeira, e seus caminhos espontâneos permeados pelas mudanças de sua matéria, estando a ordem como representação da imposição do modelo hilemórfico de pensamento.

O reaproveitamento do descarte da madeira por estas indústrias não é viabilizado, baseado no fato de que grande parte destes materiais vêm de outros continentes e poderia trazer contaminações orgânicas. Para evitar problemas deste tipo, a madeira é fumigada¹⁴ em seu país de origem, antes de embarcar no navio para o Brasil. Ela somente desembarca aqui, dentre outras coisas, após a inspeção da Vigilância Sanitária quanto à realização da fumigação. Portanto, a madeira aqui é doada como fonte de energia renovável, forma mais antiga de biomassa¹⁵, na produção de energia, a partir de processos como a

¹⁴ **Fumigação** é um tipo de controle de pragas através do tratamento químico realizado com compostos ou formulações pesticidas voláteis (no estado de vapor ou gás) em um sistema hermético (fechado), visando a desinfestação de materiais, objetos e instalações.

¹⁵ Em geração de energia, o termo **biomassa** abrange os derivados de organismos vivos

combustão de material orgânico produzido e acumulado em um ambiente. No caso verificado nesta etnografia, ela é utilizada como lenha em fornos de uma olaria para a produção de tijolos cerâmicos. O termo “renovável” pode ser debatido, mas é associado a este tipo de energia porque o processo da queima da madeira devolve ao meio ambiente o gás carbônico que vai ser utilizado novamente na fotossíntese de outras plantas ou árvores, que geram novas levas de madeira.

A permuta da madeira aqui acontece tanto com as empresas do polo naval que trocam os resíduos por um certificado de registro ambiental, quanto nas relações que envolvem posteriormente a madeira. Permuta é, segundo Arjun Appadurai (2008) uma troca mútua de objetos sem alusão a dinheiro e é o que poderia definir a madeira aqui como mercadoria, pois possui atribuição de valor por outrem.

Em outras palavras, as indústrias do polo naval contratam uma empresa de transporte de resíduos para levar a madeira e alguns metais acidentais até uma olaria, que possui licença ambiental para receber o material doado e usá-lo como lenha em seus fornos no cozimento de seus tijolos. Esta olaria fica em uma área afastada do município vizinho a Rio Grande, Pelotas, a mais de 70 quilômetros da região do polo naval.

Diversamente da relativa estabilidade que verifiquei nos espaços industriais do polo naval, esta olaria apresenta-se como uma construção viva, modificando-se continuamente, diferente a cada presença minha em campo. Nesse sentido, ela converge para a descrição de coisa feita por Tim Ingold, pois está em constante processo de formação, com telhado diferente, partes novas sendo adicionadas, fileiras de tijolos que se modificam, aberturas que se abrem e fecham, descartes que chegam e circulam pelos ambientes.

utilizados como combustíveis ou para a sua produção. Do ponto de vista da ecologia, **biomassa** é a quantidade total de matéria viva existente em um ecossistema ou numa população animal ou vegetal. Os dois conceitos estão, portanto, interligados, embora sejam diferentes.

Isto nos traz de volta ao tema da polarização do pensamento, em que parecem claras as oposições - entre o modelo hilemórfico de pensamento *versus* a coisa viva em formação contínua, na linha de seu fluxo vital, do desenho técnico *versus* desenho à mão (Ingold, 2013) – evidenciando meu desafio no exercício da busca pela alteridade, de colocar-me no lugar do outro na relação etnográfica, desconstruindo a dicotomia exótico-familiar e desfazendo a oposição inicialmente colocada entre estes dois *locus* de meu campo: o polo naval e a olaria, respectivamente, meu ponto de partida e de chegada, em termos geográficos, sociais, culturais, humanos e não-humanos.











2.6 No devir do fluxo das coisas: rastreando os trajetos

Quem guia o trabalho de campo aqui é a madeira, enquanto material em sua contínua formação do fluxo de vida. Seguindo-a, busquei traçar os caminhos através dos quais as coisas são geradas, onde quer que elas me levassem.

Nesta busca pelas trajetórias do material, tentei várias estratégias, desde ficar nas portarias aguardando os caminhões saírem para segui-los, até visitar e conhecer os locais citados nas informações coletadas - depósitos ou locais intermediários do destino de resíduos - entre outros remetidos a diversos tipos de descarte dentro do município de Rio Grande, como o lixo doméstico. Desta forma, caso seguisse um caminhão, saberia se ele mudou sua rota.

Durante o trabalho de campo, ouvi relatos de desvios, que correspondem à definição de Appadurai como sendo “remoção calculada e interessada de coisas [...] para alocá-las em uma zona onde a troca é menos limitada e mais lucrativa” (2008, p. 42), pois o recolhimento e transporte dos resíduos era usado como camuflagem para o roubo de peças e equipamentos de dentro das próprias indústrias. Esta revelação me trouxe duas preocupações éticas. A primeira dizia respeito ao uso da câmera e do registro em imagem: em algumas situações, a presença da câmera poderia constranger ou intimidar os sujeitos em campo, devido a possíveis questões de caráter moral pelos quais não gostariam de ser registrados. Outra preocupação foi com relação a minha segurança e ao meio de ganhar a confiança dos sujeitos em campo, pois não era impossível lidar naquele contexto com pessoas envolvidas em algumas das situações narradas a mim.

Decidi não portar nada em minhas mãos durante os primeiros contatos, nem câmera, nem papel ou caneta. Adotei a estratégia de usar a meu favor os pré-julgamentos análogos a minha situação de gênero em um mundo de homens, para assumir o papel que eles me atribuíam imediatamente de “menina

inocente fazendo um trabalho para a faculdade sobre reciclagem”.

Em quase todos os locais visitados na cidade de Rio Grande, fui recebida com desconfiança quando tocava no tema dos resíduos. Mesmo assim, todos os contatos foram excelentes momentos de observação. Um deles só aceitou travar um diálogo comigo quando comentei que havia estado no centro de triagem da cidade, local de separação dos resíduos domésticos, mudando o foco do contexto específico da indústria, mas mantendo-me no tema principal da pesquisa. Desta forma, reverti o “O que você quer aqui?” por um diálogo a respeito do trabalho das cooperativas de catadores da cidade. A partir deste momento, meu interlocutor explicou-me prontamente qual era o destino dos resíduos que ele transportava, deixando bem claro que a empresa dele era responsável apenas pelo transporte. Pegou papel, caneta e escreveu os endereços das duas empresas para as quais ele destinava os resíduos: os mesmos nomes que eu já havia coletado. Logo abaixo escreveu seu telefone e, finalmente, por último, seu nome. Imediatamente pegou o seu telefone celular e falou que avisaria o “pessoal” que “de repente, você pode até tirar umas fotos por lá”, apesar de eu não ter nada nas mãos, nem um celular ou máquina fotográfica. Depois deste breve bate-papo, ele colocou-se à disposição, caso eu precisasse tirar alguma dúvida. Agradei e sai. Eu tinha conseguido reverter sua desconfiança inicial, e este contato foi importante para os que se seguiriam.

Com as visitas anteriores, eu já havia estado nas transportadoras dos resíduos e em todos os locais de destino dos materiais descartados dentro da cidade de Rio Grande. O próximo passo seria conhecer o local para onde iam os descartes de madeira: a olaria da Dona Olga, como é chamada por todos.

Com o endereço em mãos, e a ansiedade instalada, peguei a estrada, saindo do município de Rio Grande para a cidade de Pelotas. Percorri mais de 70 quilômetros, entre estrada asfaltada e ruas de terra batida. A olaria fica em Sanga Funda, um bairro distante do centro de Pelotas. Depois de passar por plantações, vilas pequenas, pedir informações a moradores locais e carroceiros

que passavam, cheguei em uma área mais movimentada, cheia de casas, muitas pessoas se locomovendo de bicicleta ou a pé e caminhões que passavam e levantavam a poeira da rua de terra. Nesta região, concentra-se um aglomerado de negócios de tamanhos variados em torno da cerâmica, uma olaria ao lado da outra.

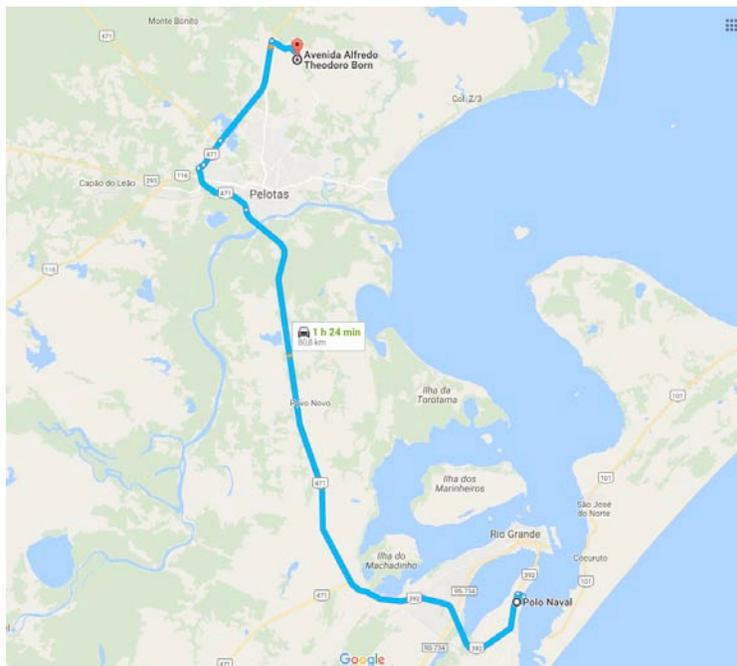
Apesar da inexistência de placa de identificação, parei, acreditando estar diante da olaria que eu procurava, pois identifiquei uma estrutura com telhado e tijolos colocados em arco levemente enviesado. Aproximei-me e fui prontamente recebida por um rapaz, que se apresentou como Emerson. Ao me apresentar e explicar que eu estava buscando as olarias que trabalhavam com resíduos, Emerson desabafou que aquele dia não era um bom dia para eu visitar a sua olaria, porque tinha pegado fogo (justamente) por causa dos resíduos de madeira que eles estocavam em cima do forno. Levou-me até a área que pegou fogo e mostrou que, ao lado, também estocava resíduos de madeira. No caso da sua olaria, estes resíduos vem da construção civil da cidade de Pelotas. Explicou-me que ele mesmo os buscava quando os engenheiros ligavam, desta forma os responsáveis pelas obras não precisavam pagar as caçambas de transporte.

Emerson contou, orgulhoso, que foi a primeira olaria a começar a trabalhar com resíduo, enquanto todos os outros riam dele porque ele “mexia com lixo”. Até o dia em que o IBAMA multou todos os estabelecimentos pelo uso da madeira, e quando ele mostrou que a reaproveitava, não precisou pagar a mesma taxa das outras olarias: “Todos tiveram que pagar uns R\$ 1.000,00 na época; eu paguei apenas R\$ 100,00.”

Depois de ser muito bem recebida por Emerson, continuei o trajeto em busca da olaria de Olga. Era a última daquela longa e larga rua de terra, com outras olarias e muitas casas em ambos os lados. Com frequência observei fileiras de tijolos queimados armazenados em frente ao muro baixo de algumas destas residências. Passando pela frente, percebi nítidamente resíduos de

madeira depositados na entrada de uma construção em forma de dois arcos construídos com tijolos maciços, recuados da rua, intervalados por um largo espaço, tudo protegido por uma estrutura de telhado que cobria ambas estruturas, e um “corredor” central, que divide as construções em arco. Tijolos prontos estavam enfileirados à frente da estrutura, ao lado das madeiras amontoadas.

Aproximei-me e busquei alguém na entrada do estabelecimento. Logo, um rapaz que me olhou lá de cima da estrutura deu-me a entender, sem falar, que eu podia ir entrando pela lateral direita da estrutura de telhado e tijolos. Eu o segui. Foi para a lateral direita e entrou em uma casa amarela de dois andares com uma pequena varanda em cima. Parecia uma residência. Pedi licença ao me aproximar, ainda fora da casa, e logo saiu da porta principal uma mulher de cabelos loiros lisos, mais ou menos baixa, que aparentava ter entre 40 e 50 anos de idade. De *short*, camiseta e chinelos. Veio simpática e com um sorriso em minha direção. Apresentei-me a ela também: “Você é a famosa Dona Olga?” ao que ela respondeu, sorridente, “Dona não, só Olga”.



Trajetória inicial da madeira: do polo naval de Rio Grande, onde existiam três grandes estaleiros, até a periferia de Pelotas, mais especificamente a região de Sanga Funda.

Expliquei o motivo de estar ali, e identifiquei-me como aluna da universidade que pesquisava sobre quem trabalhava com os resíduos. Não toquei no nome do estaleiro, pois pela minha experiência anterior com a questão dos “desvios”, não queria gerar resistências a qualquer tipo de assunto. A intenção era que os temas aparecessem espontaneamente nas conversas. Olga logo me levou em direção a uma parte da olaria que me pareceu um corredor, por sua característica de passagem, logo atrás destas estruturas em arco, que são os fornos e ficam na frente da olaria. Mostrou-me uma chapa de metal que estava no chão e um aparelho de solda: “Olha, nós aproveitamos tudo aqui. Esta chapa veio e nós vamos usar para fazer o acabamento de canto dos fornos”, falou ela, apontando para a parte que já estava pronta e instalada no forno. Em seguida, mostrou uma caixa cheia de peças curvas atravessadas por grandes parafusos: “Esses aqui, a gente usa para consertar o espiral da máquina”.

O mais curioso disto tudo é que, a cada material metálico que ela me mostrava com orgulho explicando como era aproveitado ali, eu lembrava da planilha oficial da empresa, indicando que para ali, deveriam ser remetidas apenas madeiras. Continuei acompanhando Olga que, com entusiasmo, passou pelas fileiras de tijolos secando e mostrou as máquinas que eles consertavam, as placas que chegavam e eram penduradas, indo, por fim, até um local onde ela armazenava e separava os resíduos, na parte traseira esquerda da olaria. Lá ela comentou: “daqui já saíram duas casas” referindo-se ao fato dela ter cedido madeira para pessoas que precisavam “construir alguma coisa, como um galinheiro”.

Olga parecia muito informada sobre o que ela achava que eu queria ver, pois, quase sem nenhuma solicitação minha, iniciou a incursão pela olaria, mostrando os reaproveitamentos alternativos dos materiais. Cheguei a pensar em algumas hipóteses naquele momento: ou a de que o interlocutor da empresa de transporte de resíduos onde eu tinha estado teria lhe avisado da possibilidade da minha visita, ou a de que ela recebia com frequência a visita de

estudantes que buscam informações sobre o assunto. Depois de passar a frequentar a olaria semanalmente, acho que considero a primeira hipótese mais evidente.

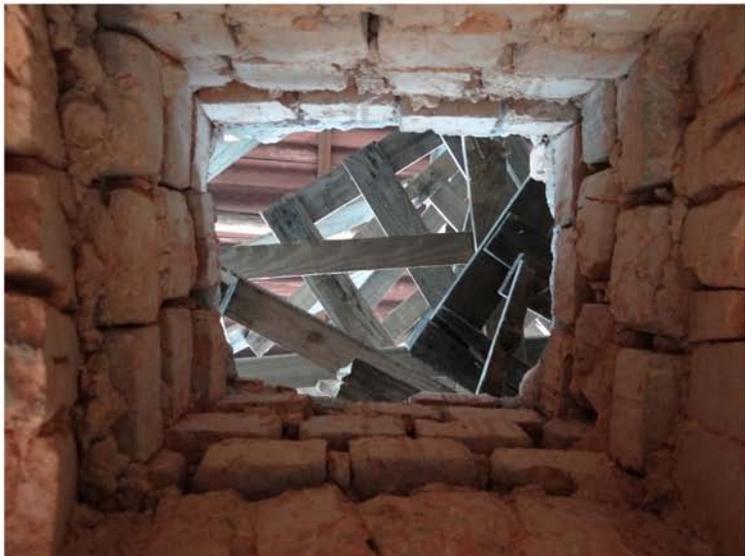
O lugar é cheio de pequenas “histórias” de engajamento e correspondência entre os materiais e forças, onde todos estão em seus fluxos vitais, sem interferência de modelos de imposição da forma ou estética. Depois de fazer o *tour* pela olaria, mostrando-me as formas de reaproveitamento, Olga retornou ao mesmo local onde iniciamos nossa conversa, perto da porta de entrada da casa amarela, como se nosso “passeio” tivesse terminado. Entendi que para um primeiro contato estava excelente e resolvi não me alongar mais. Conversamos rapidamente sobre a possibilidade de eu voltar mais vezes para acompanhar o trabalho na olaria, o acendimento do forno etc., o que foi bem aceito.

Nesta primeira ocasião, Olga mostrou-se mais entusiasmada com o trabalho de reaproveitamento dos metais do que com o funcionamento da olaria pela reutilização da madeira, o que ficou mais para o final do nosso encontro. Não tenho certeza quanto ao discurso do reaproveitamento do metal especificamente, porque, depois de passar a frequentar a olaria, não acompanhei os metais sendo realmente reaproveitados, mas vendidos. Apesar disso, pude perceber diversos equipamentos com soldas artesanais de pedaços de ferro em formatos diferentes, como os carrinhos de mão de ferros e madeiras usados ali para levar os tijolos úmidos recém cortados para “descansar” em grandes fileiras protegidas por outra grande estrutura de telhado, mais baixa e diferente do telhado da frente da olaria. Lá na frente da olaria, perto da abertura em curva do forno, Olga mostrou como fazia o acendimento, usando as madeiras que chegavam, depois colocando os tijolos para o cozimento dentro do forno. A receptividade foi excelente, e logo recebi a permissão para voltar e “tirar umas fotos para a pesquisa”.

Além de debater se lixo existe e porque a madeira foi a coisa escolhida a ser seguida, também situo o locus da pesquisa por onde comecei a seguir os objetos: do polo naval da cidade de Rio Grande até a olaria na periferia de Pelotas e demonstro o porquê da escolha do anonimato x nomação nesta etnografia.

No próximo capítulo tratarei das reflexões teórico-metodológicas que guiaram esta pesquisa, seguindo um breve histórico das coisas dentro das ciências sociais.





3 REFLEXÃO TEÓRICO METODOLÓGICA

3.1 Seguindo as teorias dos objetos

Para entendermos as “coisas”, diz Tim Ingold (2013), precisamos segui-las na busca do que revelam suas formas, seus usos e suas trajetórias. Neste caminho investigativo, as teorias e os métodos antropológicos que tratam da cultura material guiaram os fundamentos de meu trabalho de campo, considerando que a compreensão acerca da circulação e trajetória dos artefatos a partir de seu descarte no polo naval riograndino abrange os modos como se dão as forças a eles relacionadas e os seus sentidos e usos modificados.

Para a análise do material empírico coletado e produzido durante esta pesquisa, me fiz acompanhar do instrumental teórico-metodológico que apresento neste capítulo, dedicado ao estado da arte das teorias dos objetos, que será retomado, sempre que necessário, ao longo desta etnografia. Esta pesquisa qualitativa baseou-se no método etnográfico e apoiou-se ainda em consultas a obras publicadas e teses referentes a temas similares (pesquisas com catadores e em aterros sanitários), assim como em análise de acervos e informações públicas e particulares.

O trabalho de campo foi orientado pelas técnicas da observação flutuante (PÉTONNET, 2008) e da observação participante, seguida de anotações em caderno e diário de campo e de registros imagéticos. Mesmo reconhecendo suas limitações pessoais com a câmera fotográfica, Bronislaw Malinowski (1976) serviu-se amplamente deste recurso entre os trombriandeses, na pesquisa em que consagrou a observação participante como técnica incontornável do trabalho etnográfico. Percebe-se, portanto como o acompanhamento visual da imersão em campo já estava presente em etnografias clássicas.

A jornada para o entendimento das teorias que guiaram esta dissertação nos conduzem às interpretações arqueológicas e antropológicas produzidas

sobre os materiais que, de certa forma, são parte das mudanças nos paradigmas teóricos ao longo da história das ciências sociais. O panorama se faz necessário não apenas para consolidar meu percurso de pesquisadora, que parte da formação em Design e ingressa no campo das Ciências Sociais, como para dar conta da profunda transformação de paradigmas que envolveram, ao longo de um século, os estudos da cultura material no âmbito da Antropologia, incluindo sua vertente arqueológica. Este percurso teórico a respeito da cultura material parte de uma revisão das teorias clássicas, em que objetos e sujeitos se relacionam dialeticamente através da adaptação destes objetos às pessoas, pressupondo interação recíproca, e avança rumo à quebra desta dicotomia do pensamento “sujeito *versus* objeto” dentro de um novo movimento epistemológico e ontológico.

3.2 Os vestígios materiais humanos: fonte de estudos arqueológicos

Pode não ser atraente, mas certamente é muito interessante o fato de que boa parte do conhecimento arqueológico sobre o passado venha do que muitos considerariam “lixo”, definido por alguns como os produtos ou resíduos do consumo e comportamento humano tanto no passado quanto no presente. Apesar da discussão trazida no capítulo precedente já ter evidenciado a superação do termo “lixo” neste debate que aqui trago, resgato esta palavra por sua força no imaginário humano.

Estudar os vestígios materiais humanos sempre deu a arqueólogos e historiadores a chance de entender os hábitos que definiram o cotidiano das pessoas. Os "sambaquis"¹⁶ são exemplos de estudo bem característico dos

¹⁶ Os sambaquis são depósitos de conchas e restos de artefatos deixados pelos homens pré-históricos e indígenas brasileiros. Em tupi a palavra sambaqui significa "amontoado de conchas". São encontrados, principalmente, em regiões litorâneas do Brasil.

resíduos pela arqueologia, pois geralmente são “minas de ouro” arqueológicas e antropológicas: não apenas pelo que pode ser encontrado lá, mas pelo que nos dizem sobre povos antigos, o que eles consumiram e como organizaram seu espaço ao lidar com os seus restos materiais.

A arqueologia já foi considerada uma disciplina que estuda as culturas através dos modos de vida do passado, analisando os aspectos concretos da produção humana através de vestígios materiais de sociedades extintas, e das intervenções feitas pelo homem no meio ambiente. Mas aqui importa sua vertente dedicada às sociedades contemporâneas e à sua relação com o mundo material, trazendo referenciais etnográficos como dado importante às interpretações arqueológicas e antropológicas, principalmente como uma possibilidade de “arqueologia do presente”.

Dentro da arqueologia, esta nova abordagem ganhou notoriedade a partir do movimento processual¹⁷ da década de 1960 e se manteve parte de estudos arqueológicos pós-processuais¹⁸: a análise arqueológica de pessoas vivas e seus objetos. Esta abordagem é a etnoarqueologia, considerada uma especialidade da arqueologia, que estuda sociedades contemporâneas acerca da relação entre as pessoas e o mundo material, através da aplicação da etnografia à arqueologia. Entre as décadas de 60 e 80 a maioria dos trabalhos etnoarqueológicos foi conduzida sob o viés processualista, com o objetivo de apreender os princípios gerais do comportamento humano e buscar generalizações interculturais da relação do homem com o mundo material (neo-evolucionismo). Mas, da mesma forma como ocorreu na antropologia, dentro da arqueologia o evolucionismo também virou alvo de críticas com o desenvolvimento do difusionismo, do relativismo cultural e do particularismo

¹⁷ A **arqueologia processual** liderada pelo arqueólogo estadunidense Lewis Binford e também conhecida como “Nova Arqueologia”, recebeu influências do neo-evolucionismo através dos antropólogos culturais Julian Steward e Leslie White.

¹⁸ A **arqueologia pós-processual** também conhecida como “arqueologia interpretativa” é um movimento na teoria arqueológica que enfatiza a subjetividade das interpretações arqueológicas. Existe dentro do movimento pós-processualista uma grande variedade de pontos de vista teóricos, incluindo o estruturalismo, o neo-marxismo e a fenomenologia.

histórico, a partir da crítica pós-processualista.

O antievolucionismo, associado ao antirracismo e ao argumento particularista de que cada cultura devia ser entendida em seus próprios termos, redirecionou a arqueologia e diminuiu o interesse pelo dado etnográfico como recurso interpretativo até meados do século XX (SILVA, 2009). Na época, novos temas e problemas foram incorporados à pesquisa etnoarqueológica, e o objetivo passou a ser o estudo e a compreensão dos aspectos simbólicos da relação do homem com o mundo material. Nesta perspectiva pós-processual, a busca pela generalização e por princípios gerais do comportamento humano foi substituída pela investida de se entender a sua diversidade dentro de uma compreensão contextual e específica dos fenômenos.

Seguir as coisas descartadas, então, pode ser tratado como arqueologia do presente, quando temos a atenção da análise direcionada pela cultura material, ou melhor, pelas as coisas: nesta pesquisa, a madeira.



3.3 Um agregado de Objetos: a cultura material dentro do pensamento evolucionista

Nesta breve revisão sobre os estudos da cultura material dentro das teorias das ciências sociais, falar em neoevolucionismo e antievolucionismo implica em dar um passo atrás para situar o evolucionismo, mais precisamente quanto ao modo como os objetos foram estudados e percebidos dentro desta vertente, que foi posteriormente contestada tanto pela antropologia quanto pelos estudos arqueológicos.

No intuito de combater os princípios teológicos sobre o comportamento humano, os evolucionistas perceberam os grupos sociais como sistemas "naturais" visando extrair princípios gerais a respeito de sua diversidade, baseados numa ideia de progresso universal. Tanto em suas formas tecnoeconômicas, como nos seus aspectos sociais e culturais, a espécie humana apresentaria ritmos desiguais, mas estaria destinada a passar pelas mesmas etapas rumo à "civilização", cujo modelo era dado pelo Ocidente. Seu cientificismo, apoiado numa visão eurocêntrica e etnocêntrica, justificaram as políticas e práticas colonialistas.

Dentro deste contexto epistemológico evolucionista e difusionista, a cultura material foi alvo de colecionismo, classificação e exibição ao mundo "civilizado". Os objetos usurpados de povos originários eram destinados a reflexões e postulados com grandes sínteses antropológicas, mas sobretudo expostos em espaços museais do Ocidente, como forma de ilustrar as etapas da evolução sócio-cultural e os trajetos de difusão cultural. Retirados de diversos contextos, de diferentes pontos do planeta, estes objetos eram classificados pela sua funcionalidade, servindo como indicadores dos estágios de evolução humana, como observa Gonçalves:

Uma máscara ritual da Melanésia poderia ser colocada lado a lado com uma outra de origem africana. Uma vez identificada e descrita a sua

composição material e a sua forma estética, uma delas poderia ser classificada como a que apresentava maior complexidade e pressupondo uma tecnologia mais avançada do que a outra. (GONÇALVES, 2007, p.16).

A cultura humana era não somente um assunto de invenção (de evolução), mas também de transmissão. Alguns utilizavam modelos analíticos esboçados a partir de círculos concêntricos, em cujo ponto central situava-se o objeto em sua forma original. Conforme se difundia, transformava-se.

Esse raciocínio valia tanto para objetos materiais como para instituições, práticas sociais, idéias e valores. Apesar das diferenças que os separavam, os paradigmas evolucionistas e difusionistas segundo Gonçalves (2007), convergiam quanto a um ponto fundamental: a cultura era concebida como um agregado de objetos e traços culturais.

3.4 Os usos e significados do objeto: rompendo com o evolucionismo

Quando Franz Boas (1858-1942), ainda em 1896, formulou uma crítica poderosa às teorias antropológicas vigentes extensiva aos modelos de museus europeus, sua principal argumentação foi a de que os objetos eram pensados de acordo com seus esquemas de evolução e difusão, deixando-se de lado suas funções e significados no contexto específico de cada sociedade na qual foram feitos e usados. Ao sustentar que cada sociedade continha em si sua própria história e seus próprios valores, frutos de seu passado histórico único, Boas propõe uma concepção antropológica identificada como particularismo histórico.

As críticas ao evolucionismo apoiaram-se na defesa de um método de pesquisa baseado no trabalho de campo, em que, para Boas, tudo deveria ser

observado e registrado pelos próprios pesquisadores. O particularismo histórico vem assim contestar o determinismo geográfico e o método histórico (comparativo) e, não menos importante, vem colocar as pesquisas empíricas, atentas às diferenças culturais, como contraposição ao método dedutivo, por semelhança. Através de sua postura crítica ao evolucionismo, Boas trouxe para as ciências sociais os conceitos de etnocentrismo e relativismo cultural: diante de uma máscara melanésia e uma máscara africana, não era suficiente descrever o material com que eram feitas, nem a tecnologia mais ou menos evoluída com que eram produzidas; era necessário entender o uso dessas máscaras e, conseqüentemente, o seu significado para as pessoas que as empregavam em diversos rituais e contextos sociais. (GONÇALVES, 2007)

A descrição e análise dos objetos centradas em suas formas, materiais e métodos de fabricação deixa de fazer sentido diante destas críticas, passando-se a enfatizar seus usos e significados dentro das relações sociais nas quais os sujeitos estão envolvidos. A análise comparativa dessas relações nos mostraria as funções e significados dos objetos e dos traços culturais em diferentes culturas, segundo Boas.

Logo, superam-se estas idéias evolucionistas tanto no âmbito da Antropologia quanto da Arqueologia. Quando o etnoarqueólogo realiza uma etnografia com olhar arqueológico em um contexto específico, gera uma infinidade de descrições particulares do comportamento humano, propiciando um aprofundamento no entendimento da relação expressa através da cultura material. Essa abordagem deixa de voltar-se, exclusivamente, à compreensão dos povos do passado: a etnoarqueologia transforma-se, assim, em “arqueologia do presente”. O objetivo da observação é entender a relação dos homens com o mundo material no tempo presente e contribuir para o debate antropológico sobre a relação dos homens com a materialidade. (SILVA, 2009).

Da mesma forma que o movimento processual enriqueceu extraordinariamente a disciplina arqueológica do ponto de vista metodológico, é

inegável que o pós-processualismo trouxe importantes avanços teóricos, inserindo a arqueologia nos grandes debates contemporâneos acerca da oposição às grandes divisões na construção do conhecimento – como “natureza *versus* cultura” e “sujeito *versus* objeto”. Os arqueólogos passaram a perceber além da oposição radical entre essas categorias, que objeto e sujeito fazem parte da mesma relação dialética, como partes constitutivas uma da outra.

O movimento pós-processualista também demonstra a necessidade da incorporação dos aspectos simbólicos e cognitivos ao estudo da cultura material para expandir as possibilidades analíticas, abrindo caminho para a observação e análise de um campo até então praticamente inexplorado pela arqueologia: a dimensão sensorial das coisas materiais. Essa perspectiva, fundada na fenomenologia¹⁹ e na teoria social, começou a despontar na arqueologia com maior intensidade a partir de meados da década de 1990 e, embora a presente pesquisa não tenha um caráter arqueológico, ela se beneficia das contribuições desta área do conhecimento. Considerando que as pessoas se comunicam o tempo todo com o mundo ao seu redor por intermédio dos sentidos, este é um aspecto que não pode ser suprimido do entendimento sobre a materialidade, eixo desta investigação antropológica. (LIMA, 2011)

Assim, essa dimensão sensorial das coisas materiais é essencial na análise das trajetórias de resíduos oriundos do Polo Naval de Rio Grande e, para descrevê-los, incorporei à etnografia recursos visuais, o que não se restringe a uma questão de método. A imagem aqui é mais do que técnica ou objeto que se esgote enquanto documentação empírica. Ela concerne a uma experiência relacional e epistemológica, atingindo percepções inatingíveis pela palavra, o que envolve questões éticas, estéticas e opções teóricas visando delinear um campo de relações, tensões, continuidades e discontinuidades entre as práticas discursivas. A imagem também amplia as possibilidades para a análise dos dados, elaboração e divulgação dos resultados da pesquisa, sempre

¹⁹ A **fenomenologia** é o estudo de um conjunto de fenômenos e como eles se manifestam, seja através do tempo ou do espaço. É uma disciplina que consiste em estudar a essência das coisas e como estas são percebidas no mundo.

articulando-se com a experiência de campo e a etnografia textual, mas sem submeter-se ao texto, com o objetivo de levar a um adensamento da reflexão ao conhecimento antropológico. Deste modo, o recurso imagético vem ao encontro dos fundamentos teórico-metodológicos eleitos para a compreensão dos materiais em questão, desde sua observação e descrição, passando pela sua percepção compartilhada, de modo a que possam “falar por si”, através da potência e eloquência das imagens a eles associados.

As teorias que embasam o objetivo de seguir a trajetória social das coisas são parte determinante da metodologia desta pesquisa, como procuro demonstrar neste estado da arte da literatura sobre o tema. Os estudos que abordam o papel das coisas no campo social compõem, atualmente, um domínio bem mais amplo, de natureza interdisciplinar, que pesquisa a produção material da humanidade, passada e contemporânea. Além disso, um aspecto pode ser considerado superado no estudo da cultura material: o seu entendimento como um reflexo passivo de sistemas socioculturais. Estudos de diversos arqueólogos e antropólogos (LAW, 1992; OLSEN, 2007; WEBMOOR, 2007; MILLER, 2007, 2013; INGOLD, 2012, 2013) vem demonstrando o caráter ativo e transformador dos artefatos nas estratégias de negociação social. Entretanto, antes de passar a eles, vale ainda resgatar a contribuição de obras paradigmáticas da história da antropologia que colocaram em evidência a relevância dos objetos para alicerçar as relações sociais.

3.5 Os objetos no *Kula*: prestígio e valor

Em etnografia fundadora da Antropologia Moderna - *Argonautas do Pacífico Ocidental*, de 1922 - Bronislaw Malinowski (1884 -1942) percebe os objetos como passivos recebedores da ação humana, que “funcionavam” para algo. Esta primeira etnografia que seguiu os objetos foi, também, a que fundou os princípios do fazer antropológico através da observação participante, quando

o autor rumou para as Ilhas Trobriand, na nova Guiné, descrevendo toda a prática social que envolvia objetos como pulseiras, colares e também as canoas destes ilhéus. Em seu trabalho de campo, realizado entre 1914 e 1918, este etnógrafo se consagrou como um dos “fundadores” da antropologia social que conhecemos nos dias de hoje. Sua experiência vivida no campo de pesquisa, ao invés de salas de estudos, além da sistematização das etapas do método etnográfico e da observação participante, foram determinantes para que fosse assim consagrado.

Malinowski mostrou como, a partir de um costume - o *Kula* - ou mesmo de um único objeto - a canoa trobriandesa, por exemplo - aparentemente muito simples, pode-se entender o conjunto de uma sociedade. Embora igualmente crítico aos preceitos e métodos evolucionistas, este antropólogo adota uma abordagem diversa do particularismo histórico, de Franz Boas, pois enquanto este trabalhava com equipes interdisciplinares e investidas descontínuas em trabalho de campo, atento ao seu particularismo histórico, o outro realiza uma monografia intensiva, desprezando sua dimensão diacrônica e defendendo a importância de ater-se à totalidade de uma sociedade, para entender como funciona no momento em que a observamos.

Em sua obra, Malinowski detalha a construção de canoas decoradas e elaboradas para a realização de viagens para as ilhas vizinhas, que duravam meses. As canoas trobriandesas são descritas em relação ao grupo que as fabrica e utiliza, além do ritual mágico que as consagra. Algumas transportando, de ilha em ilha, colares de conchas vermelhas, e outras, pulseiras de conchas brancas, efetuando em sentidos contrários, percursos circulares, passando necessariamente de novo por seu local de origem. Malinowski desvenda esse processo de troca ritual cerimonial, chamado *Kula*, praticado por homens (ilhéus e habitantes das ilhas vizinhas) que moram em um anel de ilhas localizadas ao norte e leste da Nova Guiné. É um sistema de trocas circular, místico e sem noção de posse permanente, que influencia a vida e as instituições dos nativos em sua quase totalidade.

A partir de Malinowski, a antropologia torna-se uma ciência da alteridade que compreende a inviabilidade do projeto de reconstituição das origens da civilização. Dentro de seu modelo de pensamento, cada cultura tem como função satisfazer as necessidades fundamentais de seus indivíduos através de respostas coletivas (funcionalismo). Em busca desta funcionalidade fundamental, Malinowski seguiu os colares e pulseiras do *Kula* para descobrir sua significação social, sendo este o primeiro relato etnográfico que usou a circulação dos objetos para desvendar as relações humanas envolvidas.

Malinowski elege o *Kula* como um fenômeno social porque observa que tal instituição do universo daquele povo constrói um mundo repleto de significados próprios demonstrando o conjunto de regras a partir das trocas dos objetos em questão. Os trobriandeses demonstram, durante a prática do *kula*, que o ser humano busca mais do que vantagens puramente utilitárias em sua cultura material.

O *kula* era quase exclusivo aos chefes da tribo e envolvia questões de poder. Estas pessoas importantes das ilhas eram conectadas socialmente pelo *kula* e seus objetos: colares e pulseiras de concha. Era uma grande corrente de relações sociais baseada na cultura material. Cada peça possuía um valor que vinha de sua história única, conforme passava de sujeito para sujeito, de ilha em ilha. O valor dos objetos em questão estava em seus proprietários anteriores, a quem tinham pertencido anteriormente como uma história dos relacionamentos através do objeto. Quando a peça é passada adiante, o seu nome passa a fazer parte da história da peça. Cada peça então não é apenas uma peça feita de conchas mas uma peça de prestígio e poder. O *kula* é de importância fundamental na vida tribal daquela sociedade.

Nas cerimônias do *kula*, quando um nativo recebe uma doação eventual de um indivíduo, esse nativo tem que dar, em um espaço de tempo, um presente de igual justo valor. Para os nativos, quanto mais se tem, mais se deve dar, o indício de poder anda junto à generosidade, sinal de riqueza.

Enquanto objetos cerimoniais, eles não apenas demarcam posições sociais, mas permitem que os indivíduos e os grupos percebam e experimentem subjetivamente suas posições e identidades como algo tão real e concreto quanto os objetos materiais que os simbolizam. A função dos objetos dentro deste contexto, além de representar, era a de organizar e constituir a vida social. Assim, os artefatos estabelecem uma série de pontes, conectando diversas esferas da vida social. Por isso são instrumentos valiosos para a pesquisa antropológica.

3.6 O espírito da coisa dada: *hau* e *mana* em Mauss

A obra de Malinowski e o *Ensaio sobre a Dádiva* de Marcel Mauss (1872 - 1950) são publicados com um ano de intervalo, o primeiro em 1922, o segundo em 1923. Enquanto a primeira é uma descrição detalhada desses grandes circuitos que representam o coração da sociedade trobriandesa, o *Ensaio sobre a Dádiva* é uma obra interpretativa acerca da obra de Malinowski (entre outros) na qual Mauss elabora a teoria das leis da reciprocidade (dom e contradom) a partir deste processo de troca simbólica descrito. Em sua obra, Marcel Mauss desbrava o caráter “voluntário”, aparentemente livre e gratuito, mas que se revela obrigatório e interessado, embutido nas trocas do sistema do *Kula*, descrito por Malinowski em *Argonautas do Pacífico Ocidental*.

Mauss interpreta o *kula* como “um vasto sistema de prestações e de contra- prestações que, em verdade, parece englobar a totalidade da vida econômica e civil das ilhas Trobriand.” (MAUSS 2013, p.49). De todo o processo das trocas simbólicas, Mauss traz para o conhecimento antropológico o sistema de prestações totais, como princípio da reciprocidade e fato social total. O sistema que é a base da moral da dádiva-troca é conceituado na releitura dos *Argonautas do Pacífico Ocidental* por Mauss como prestações totais, aquelas em que indivíduos e grupos trocam entre si, que “constitui o mais antigo sistema

de economia e de direito que podemos constatar e conceber.” (MAUSS 2013, p.119)

Mauss também consolida o fato de que a noção de valor é diferente da noção de utilidade que circula nessas sociedades, e as trocas não se reduzem apenas ao aspecto material. Mas destaca que, do mesmo modo que essas dádivas não são livres, também não são desinteressadas. “Se o presente recebido, trocado, obriga, é que a coisa recebida não é inerte.” (MAUSS 2013, p.24). São contra-prestações feitas a fim de pagar serviços, coisas e, principalmente, manter alianças proveitosas.

O autor ainda traz a explicação do nativo sobre o espírito da coisa dada, *mana*²⁰ e *hau*²¹, que move as trocas rituais: “Nesse sistema de idéias aceitar alguma coisa de alguém é aceitar algo de sua essência espiritual, de sua alma.” (MAUSS 2013, p.25). As obrigações em dar, receber e retribuir, base das leis da reciprocidade, são movidas pelo ‘*mana*’, palavra polinésia que significa “espírito da coisa dada”. No pensamento de Mauss o mana é o reflexo da existência de uma totalidade não percebida, que mantém os relacionamentos entre os clãs e famílias através das trocas rituais. Assim, por trás dessa circulação de presentes, impulsionada pelo mana, a própria sociedade vai se estabelecendo em alianças, impulsionando atividades econômicas, troca de amabilidades e de interesses. A troca ritual, portanto, instaura a lei da reciprocidade, que é o fundamento da sociedade.

Mas essa mistura íntima de direitos e deveres simétricos e contrários deixa de parecer contraditória se pensarmos que há, antes de tudo, mistura de vínculos espirituais entre as coisas, que de certo modo têm alma, e os indivíduos e grupos, que se tratam de certo modo como coisas. (MAUSS, 2013).

Partindo deste pressuposto, podemos interpretar que Mauss, quando

²⁰ O elemento da honra, do prestígio, o *mana* confere a riqueza e o da obrigação absoluta de retribuição das dádivas como ferramenta de manutenção da autoridade.

²¹ *Hau* é o espírito das coisas.

expôs a tese de que *taonga*²² (determinado artigo) seria um “veículo” para o *hau* e o *mana*, em sua teoria sobre troca e reciprocidade, constrói uma imagem de cultura que não está baseada na oposição dualista entre pessoas e coisas. Afinal demonstra como as coisas e as pessoas são indissociáveis, e como carregam um pouco da alma umas das outras – os objetos incorporando relações existentes entre as pessoas, em virtude de uma mútua obrigação de dar, receber e retribuir.

Misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas e assim as pessoas, e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam (MAUSS, 2013, p.38).

Tal perspectiva de Mauss trouxe para a teoria antropológica os objetos como dignos de espírito ou algum tipo de ação social por si mesmos, deixando contribuições importantes para diversas áreas de pesquisa, principalmente para os estudos das ciências sociais a respeito da cultura material e circulação de objetos.

Na medida em que os objetos materiais circulam permanentemente na vida social, importa acompanhar, descritiva e analiticamente, seus deslocamentos e suas transformações através dos diversos contextos sociais e simbólicos: sejam as trocas mercantis, sejam as trocas cerimoniais entre outras formas de trajetórias descortinadas pelo trabalho de campo. Acompanhar o deslocamento dos objetos ao longo dos seus diversos trajetos e contextos é em grande parte entender a própria dinâmica da vida social e cultural, seus conflitos, ambigüidades e paradoxos, assim como seus efeitos na subjetividade individual e coletiva.

²² O *taonga* é determinado artigo que, na teoria do direito e na religião maori, é fortemente ligado à pessoa, ao clã, ao solo; são veículo de seu *mana*, de sua força mágica, religiosa e espiritual. (MAUSS 2013, p.22 e 23)

3.6 A vida social das coisas

Considerando a importância da reflexão etnográfica sobre a circulação dos objetos, seus usos e sentidos, para o entendimento da vida em sociedade em seus múltiplos contextos, surge, nos anos 1980, uma perspectiva inovadora na antropologia a respeito da relação entre pessoas e coisas, apresentada pelo indiano Arjun Appadurai em sua obra “A vida social das coisas”, primeiramente publicado em 1986.

Ao colocar os objetos, tratados na introdução da obra como mercadorias, no centro de sua pauta etnográfica, o autor tornou impossível ignorar a materialidade humana, demonstrando como a observação dirigida a objetos dentro da etnografia, análise e teoria, enriquecem o entendimento antropológico do social.

Se esta não foi uma idéia completamente nova para o pensamento antropológico - pois desde Marcel Mauss as coisas são tratadas como fatos sociais totais - ainda assim as contribuições de Appadurai podem ser consideradas um marco para os estudos da cultura material, porque colocam o objeto - enquanto mercadoria - em lugar de destaque nos estudos antropológicos, antes voltados apenas para o objeto da dádiva. Uma das grandes conquistas foi mostrar que as mercadorias, artefatos da cultura material fruto da industrialização do capitalismo, também podem ser analisadas como possuidoras de espírito e ação no mundo. Apesar do autor ainda partir da dicotomia “sujeito *versus* objeto”, sua abordagem foi inovadora ao focar a circulação social das coisas, sugeridas e analisadas pela perspectiva das dádivas.

Um dos principais argumentos e contribuições de Appadurai foi de que o dualismo insinuado entre uma economia do dom e a de mercado é reducionista, artificial e confunde as afinidades entre os dois sistemas. Em sua obra, o autor quebra a polaridade entre dádiva e mercadoria, ajudando a desfetichizar esta

última e revelando as relações presentes ao longo do processo de construção de valor da cultura material. O discurso antropológico anterior separava dádivas de mercadorias; emoção de razão, retirando-lhes toda vida e agência que produziram no decorrer de suas existências.

Neste novo enquadramento, o autor explica a circulação de mercadorias através de uma lógica bem conhecida aos antropólogos: a do *kula*. A partir do que o autor chamou de rotas e desvios, entendemos que o fluxo das coisas é sempre oscilante entre rotas socialmente reguladas e desvios motivados, através dos quais sofrem deslocamentos e podem ser colocadas em novos contextos de circulação. Dentro desta perspectiva, entende-se a potencialidade de analisarmos "as coisas em movimento", todo o ciclo de vida de um objeto incluindo a sua forma, relações e a trajetória, enquanto mercadoria, mas não apenas. É importante frisar aqui que uma mercadoria não é uma coisa, mas uma fase na vida plena da coisa, fase na qual o objeto recebe valor econômico a partir da troca, sem a qual limita-se a ser apenas coisa.

Sob o argumento das relações que tangem a materialidade e seu valor econômico, essas idéias são imediatamente associadas ao consumo. Mas os estudos do consumo nas ciências sociais não se restringem a saber "quem compra o quê", mas quem obtém o quê, em determinadas condições de acesso, e que uso faz das coisas assim adquiridas (BARBOSA; CAMPBELL, 2007). Apesar do consumo sempre ter estado intimamente associado à exaustão, ao esgotamento e à aquisição de algo, assim como a aspectos moralistas, não se deve restringi-lo à forma econômica das trocas ou a julgamentos precipitados. O consumo é um campo de investigação complexo que engloba diferentes formas de estudo, além daquelas concebidas no formato tradicional de compra e venda de mercadorias.

3.7 Objetos como bens

Como o domínio abrangente dos estudos da cultura material engloba, certamente, o estudo das práticas de consumo, esta é mais uma abordagem que vem enriquecer a investigação sobre a materialidade aqui em questão. O consumo é um processo que media relações e práticas sociais das pessoas com os bens, além de permitir verificar o papel dos objetos na subjetividade humana. Assim, incluir neste estudo a perspectiva do consumo permite enriquecer a base mais ampla de estudos em torno das coisas.

Consumo é um mecanismo social percebido pelas ciências sociais como produtor de sentido independentemente da aquisição de um bem; trata-se de uma estratégia utilizada no cotidiano por diferentes grupos sociais para definir diversas situações em termos de direitos, estilo de vida e identidades; além de ser uma categoria central na definição da sociedade contemporânea. (BARBOSA; CAMPBELL, 2007, p.22)

Uma estudiosa do tema, a antropóloga Mary Douglas (1921 – 2007), também trouxe um pensamento inovador para as ciências sociais ao tratar do consumo sob a perspectiva da antropologia, investigando os seus complexos significados, em um esforço pioneiro para conhecer sua lógica cultural. Na sua obra clássica, *Mundo dos Bens* - primeiramente publicada em 1976 junto com Baron Isherwood – a autora trata do consumo de produtos e serviços como um fenômeno cultural público. O consumo retira sua significação, elabora sua ideologia e realiza seu destino na esfera coletiva, existindo por ser algo culturalmente compartilhado; logo, é um fenômeno cultural e se torna essencial no projeto de conhecimento da cultura contemporânea.

Douglas e Isherwood (2004) mostram-nos a necessidade de desconstruir discursos e reducionismos sobre o consumo, quando é geralmente tratado como essencial para a felicidade e realização pessoal em um enquadramento

hedonista²³, ou em um enquadramento moralista²⁴ no qual o tom é denunciatório e responsabilizado por diversas mazelas da sociedade, ou até mesmo explicado em um quadro naturalista²⁵ atendendo a necessidades físicas ou desejos psicológicos, como bem apresenta Everardo Rocha (2004). O sentido de consumo que Mary Douglas descortina refere-se a uma questão cultural, simbólica, definidora de práticas sociais, modos de ser, diferenças e semelhanças. Precisamos entender o consumo como sistema de significação, que pode ser estudado através de uma teoria informativa a respeito da circulação de pessoas e bens. Logo, para os autores, os bens são necessários, antes e acima de tudo, para evidenciar e estabilizar categorias culturais, e sua função essencial é fazer sentido.

Dentro desta idéia de Mary Douglas, podemos lembrar que a antropologia simbólica de Clifford Geertz também conferia aos objetos um caráter simbólico de “fazer sentido” dentro da cultura estudada, onde são os humanos que dão sentido e simbolizam a cultura material. Dessa forma, a cultura seria para este autor um contexto e é através do fluxo do comportamento – da ação social – que as formas culturais encontram sua articulação, dando sentido a variados artefatos.

Logo, mesmo trazendo importantes contribuições aos estudos acerca da relação entre pessoas e coisas através do consumo, a abordagem cultural de Mary Douglas ainda é, como a de Appadurai, em sua obra “A vida social das

²³ “A visão **hedonista** refere-se ao consumo pelo enfoque da publicidade, onde o sucesso traduz-se na posse infinita de bens, como uma forma perene de felicidade. Geralmente esta visão é o *mainstream* do consumo” (ROCHA 2004, p.11)

²⁴ Instaurada pelo contraste à visão hedonista do consumo, o enquadramento **moralista** sobre ele invade discursos politicamente corretos.

²⁵ O **naturalismo** explica o consumo como algo da natureza, universal e da biologia. Este sentido de consumo, como algo biologicamente necessário, naturalmente inscrito e universalmente experimentado está num plano diferente do dilema que a cultura contemporânea experimenta para escolher marcas, sabores, lojas, etc. comum acerca deste tema de estudo.

coisas”, humanocêntrica. Mas sua verdadeira contribuição foi de trazer os estudos do consumo como uma oportunidade para o entendimento dos processos sociais e culturais envolvendo as pessoas e as coisas como parte da observação antropológica, que conecta outras esferas da experiência humana, afastando o tema consumo de interpretações do senso comum.

“O consumo se conecta com outras esferas da experiência humana e funciona como uma ‘janela’ para o entendimento de múltiplos processos sociais e culturais” (BARBOSA 2004, p.11), da mesma forma que os materiais também são estas “janelas” de observação antropológica nesta pesquisa. Observar e seguir as coisas é uma abordagem da observação antropológica que caracteriza os estudos da antropologia dos objetos, parte importante dos estudos do consumo dentro das ciências sociais.

3.8 Observação Flutuante: pairando por coisas, pessoas e feitos

Nesta dissertação, busco entender a eliminação de resíduos, o consumo e os padrões de reaproveitamento, seguindo a trajetória ou fluxo social das coisas em questão a partir de uma “arqueologia do presente”. Dentro desta proposta, o recurso à observação flutuante – noção cunhada por Colette Pétonnet (2008) que implica em deixar-se “flutuar” e conduzir pelo inesperado, pelos fatos, pessoas, e neste caso pelas coisas que se apresentam num determinado momento e local – mostra-se particularmente adequada ao trabalho de campo sobre os trajetos sociais dos materiais. Esta técnica de pesquisa permitiu-me perceber os múltiplos significados que as coisas ganham em seu processo de transformação dentro das novas relações pesquisadas, as formas como acontecem as interações entre as coisas, e os fluxos vitais que as mesmas tomam em suas trajetórias de vida. Para tanto, é preciso deixar de considerar unicamente o planejamento oficial previsto pelas empresas para a

destinação dos resíduos em questão e ir ao encontro da dimensão mais cotidiana e individual das relações que envolvem estes materiais. A observação flutuante apresenta-se, assim, como uma forma adequada para investigar a “vida social das coisas”, na medida em que, assim como os sujeitos, os objetos também têm vida social (Appadurai, 2008) e segui-los é um convite a analisar sua trajetória total. Através desta técnica etnográfica, também estima-se reconhecer ações e relações sociais que as envolvam, assim como os valores, as intenções e motivações que orientam os trajetos envolvidos nesses processos, e os grupos ou indivíduos que passam a fazer parte das relações percebidas.

3.9 Buscando um ponto de vista descolonizado

Novas teorias trazem diferenças epistemológicas quanto àquelas revisadas até aqui, incluindo a crítica ao pensamento dominante que se apresenta como uma forma de opressão social. Nelas reconhecemos o colonialismo como gerador de uma missão civilizadora dentro da história ocidental, na qual o desenvolvimento europeu guiava o resto do mundo, com seu pensamento hegemônico apresentado como modelo de sociabilidade autoritária e discriminatória. Uma das diferenças ontológicas dos novos pensamentos sociais acerca do “estar-no-mundo” destas teorias é a forma de abordagem a respeito do mundo dos objetos no campo de investigação.

Hoje, sabemos que a cultura material é indissociável e constitutiva da condição humana desde o seu surgimento, onipresente no mundo (MILLER, 1994 *apud* LIMA, 2011). Mas para entendermos estas teorias que estendem seu olhar sobre os artefatos, devemos estudar todos os aspectos das relações entre o material e o social que ultrapassam a prática arqueológica, o que requer um novo ponto de vista epistemológico sobre a forma de apreensão do mundo: um ponto de vista descolonizado. Além disso, é importante reconhecer que termos

como sociedade, natureza, sujeito e objeto estão longe de ser meros rótulos, abrigando em si sempre um sentido moral, político ou avaliativo.

A partir da contextualização dos estudos sobre a materialidade dentro da antropologia e da arqueologia e destas mudanças de paradigmas, devemos também refletir sobre a origem e as implicações do uso do termo “cultura material”, mesmo que em muitos casos não encontremos outro termo para substituí-lo. A cultura material, entendida inadequadamente até a década de 1980 pelas diferentes perspectivas teóricas da Arqueologia, era tida como um epifenômeno da cultura que produz os artefatos como resultado do comportamento humano, sendo entendido como um reflexo passivo da cultura. O termo artefato, por exemplo, refere-se a objetos produzidos pelo trabalho humano, em oposição aos objetos naturais. Cultura material é o nome dado ao universo de objetos, ou artefatos, produzidos e usados pela humanidade para lidar com o mundo físico, para facilitar as relações sociais, e tem sua origem no estudo dos povos considerados “primitivos” pelos seus colonizadores europeus (CARDOSO, 1998). Isto é, a interpretação original de “cultura material” se referia aos artefatos produzidos pelos “outros”, ou seja, por grupos excluídos da concepção moderna de uma “civilização ocidental”, segundo Cardoso (1998). O termo raramente era atribuído a objetos produzidos pela própria cultura européia.

Perceber os objetos como parte do social requer o exercício de uma nova forma de fazer antropologia, entendendo e superando as relações envolvidas nas dicotomias instauradas no entendimento de nossa sociedade. A busca pelo olhar mais apurado e mais crítico com relação à materialidade, implicando na superação da dualidade entre sujeito e objeto (dentro da grande divisão “cultura *versus* natureza”), na qual sujeito está para cultura assim como objeto está para natureza, é fator determinante para o entendimento de como ocorre a quebra do paradigma dominante no estudo das ciências sociais. A complexidade da relação sujeito e objeto desenvolve-se a partir de importantes contribuições de estudiosos que nos informam uma concepção do conhecimento articulando

teoria e método, convidando o leitor a uma nova compreensão, não colonizada, do mundo e de toda a sua complexidade.

Desta forma, a partir do fim da década de 90, a antropologia voltou sua atenção aos objetos, ao invés de vê-los apenas como metáforas, textos ou símbolos e retratá-los como receptores passivos da ação humana, o interesse passou a recair sobre o modo como acontece a sua ação social no mundo. O foco na pesquisa do mundo material leva a antropologia a atribuir um papel ativo aos objetos, sendo estes percebidos como um componente fundamental, tanto na criação, quanto na manutenção de relações sociais.

Assim como Appadurai, Miller toma por base a interpretação de Mauss acerca dos mitos e objetos do *kula*, etnografado por Malinowski, no qual destaca-se a ideia de que uma coisa dada e a obrigação de retribuí-la gera uma relação. Na teoria do dom, ou dádiva, o que importa é a circulação de coisas que criam a sociedade, ou seja, “o que chamamos de sociedade ou treco são separações artificiais vindas do mesmo processo”. (MILLER, 2013, p. 103)

Daniel Miller é outro antropólogo reconhecido na contemporaneidade pelos estudos acerca da compreensão da materialidade e das práticas de consumo. Ele não considera o consumo como sua principal área de investigação, mas como área mais abrangente dos estudos da cultura material que englobam o estudo das práticas de consumo. Formado em arqueologia e antropologia, a importância da materialidade na construção das relações entre pessoas e coisas tem inspirado as pesquisas de Miller. Um dos grandes méritos do autor reside na enorme importância que confere à tradição etnográfica, a qual se tornou uma de suas maiores bandeiras. Para Daniel Miller é a experiência de campo que confere solidez às pesquisas antropológicas, mantendo o pesquisador “verdadeiro e envolvido com as pessoas, de modo que as coisas façam sentido no nível teórico” (VIANNA; RIBEIRO, 2009, p.425).

Miller constroi seu argumento central a partir do questionamento da oposição vigente entre pessoa e coisa, animado e inanimado, sujeito e objeto,

desmontando a visão equivocada de que objetos nos dão significados ou nos representam como simples signos ou símbolos, pois, para o autor, os objetos nos criam. Desta forma, ele contraria a ideia de que os bens sejam neutros, e os humanos projetariam sua vitalidade e moral sobre estes, dentro da clássica perspectiva de Mary Douglas (2004): “os bens são neutros, seus usos são sociais; podem ser usados como cercas ou como pontes”.

Mesmo assumindo o caráter revolucionário da abordagem de Mary Douglas dos bens de consumo pensados enquanto um sistema simbólico que abre possibilidades de interpretação da própria sociedade através do padrão formado por estes, Daniel Miller rejeita sua análise semiótica sobre o estudo da cultura material, que acaba sendo vista como uma pseudolinguagem que nos permite “dizer” quem somos. Nesta condição, a cultura material acaba sendo relegada ao estudo da linguagem, uma comunicação não falada, em que os objetos, inanimados, são interpretados de modo limitado e superficial, com pouca consequência. O problema da semiótica, segundo o autor, é presumir certa exterioridade do objeto em relação aos seres humanos, como se o que somos estivesse situado profundamente dentro de nós, em contraposição direta à superfície (MILLER, 2013). Seguindo esse raciocínio de que a teoria da representação pouco nos diz sobre a verdadeira relação entre pessoas e coisas, tendendo a reduzir as últimas às primeiras, Miller atesta a necessidade de se desenvolver uma teoria das coisas que não se reduza às relações sociais.

Após afastar a ideia de que pessoas fazem coisas que as representam, o autor deixa claro que, ao contrário, através da cultura material queremos perceber, na mesma medida, como as coisas fazem as pessoas. Para tanto, apresenta a cultura material a partir da teoria da objetificação, com o intuito de levar à perspectiva da indistinção entre sujeitos e objetos, baseada no exame das consequências de nossas crenças sobre as propriedades do material.

A palavra “treco” (*stuff*, na versão original), na obra de Daniel Miller “Trecos, troços e coisas”, não tenta delimitar exatamente aquilo que seria

excluído do termo: “treco é um e-mail, uma moda, um beijo, uma folha ou uma embalagem de poliestireno” (MILLER, 2013, p. 7). Na verdade, Miller quer falar sobre a diversidade do que podemos chamar de treco e traz sua perspectiva do consumo como um aspecto da cultura material. A idéia de que os trecos, de algum modo, drenam a nossa humanidade corresponde, segundo Miller, à tentativa de preservar uma visão simplista e falsa de uma humanidade pura e previamente imaculada. Ao contrário, os estudos mostram que sociedades não industriais são culturas tão materiais quanto a nossa e não correspondem ao modelo de selvagem nobre, não materialista. Para criticar a suposição de que os povos tribais não possuíam muitos trecos, e portanto seriam menos materialistas do que as sociedades “modernas”, Miller lembra que algumas das mais sofisticadas relações com as coisas podem ser encontradas entre os aborígenes australianos, os índios norte-americanos da costa noroeste, os ilhéus trobriandeses (com sua devoção às proas das canoas) ou o povo nuer, com seu gado.

Um debate importante acerca da materialidade é o caráter moral geralmente atribuído aos estudos que incluem esta temática e o consumo. O consumo tende a ser visto como algo maligno que se opõe à produção, a qual constroi o mundo. Mas, nesta dissertação pretendo trazer também a visão de Daniel Miller segundo a qual os bens devem, primeiramente, ter sido envolvidos em trocas produtoras de relações sociais. Justamente uma abordagem oposta à postura que percebe a materialidade como uma ameaça à sociedade e aos valores espirituais e morais. Moralidade e materialidade seguem juntas no julgamento rotineiro, alimentado pelas religiões que realizam seu ideal de transcendência por meio do repúdio ao material. Dentro deste dualismo, pode-se verificar como as religiões são contraditórias em seus argumentos, na medida em que todas elas expressam sua imaterialidade pela materialidade de monumentos, múmias, imagens sacras, ou até mesmo alimento, deixando legados de trecos.

Esta dissertação adere à abordagem dos objetos como dimensão criadora

de uma compreensão mais profunda da humanidade, inseparável de sua materialidade, destacando que o consumo traz os bens para a criação das relações depois de extraí-los das condições anônimas e alienadas de sua produção.

Logo, podemos dizer que a “cultura material” é parte fundamental dos estudos antropológicos, e que, neste estudo, o ponto focal parte do objeto como produtor da relação entre ele mesmo e os vários materiais, animais e pessoas com que interagem, sem desconsiderar ainda a relação entre estas pessoas ao longo da trajetória destes materiais.

3.10 Inanimados na teoria social contemporânea

Importantes estudos atuais trazem outras alternativas teóricas propícias a reconsiderações sobre os paradigmas acerca dos materiais. Ao invés de procurarem responder à pergunta sobre o modo como conhecemos o mundo, buscam esclarecer questões acerca da natureza dos distintos modos de ser nele encontrados.

Mais do que mudanças de paradigmas²⁶, estes novos rumos dos estudos antropológicos podem ser considerados como transformações ontológicas, tomadas como pontos de partida para o processo de construção do conhecimento, sem partir de pressupostos pré-concebidos de nossa representação da “realidade”. Nestas abordagens, existe uma recusa à ideia de

²⁶ “O uso do termo ontologias [...] aparece com mais força na antropologia quando se difunde na disciplina a sensação de que a palavra cultura deixou de desempenhar a sua função, por não levar a questão da alteridade suficientemente a sério e, por conseguinte, por ter perdido seu vigor analítico e retórico. A necessidade da palavra ontologia vem do receio de que falar de diferença cultural não implica em um reconhecimento suficiente da diferença. A expressão diferença cultural em certos contextos foi reduzida pela crítica cultural a um mero efeito da instrumentalidade política. Assim, por contraste, ontologia é uma tentativa de levar a sério os outros em sua diferença”. (SOUZA, 2012, p.3)

que haja uma única realidade e muitas perspectivas (ou representações) sobre ela, pois a própria realidade é percebida agora como múltipla e fluida.

Tal mudança de enfoque envolveu a construção de teorias mais elaboradas acerca da agência ou animacidade (*animacity*) material, dos objetos e não-humanos²⁷, renovando a reflexão da própria teoria social. Nesta perspectiva, as coisas não são inertes: possuem forças, trajetórias, tendências e trazem uma margem de ambiguidade que não nos permite fixar previamente o que podemos esperar delas. A ciência social, nesta concepção, também é feita de substâncias, equipamentos, animais, coisas que são percebidas em suas atuações diversas, sendo capazes de proporcionar novas questões de investigação.

Pesquisadores como Bruno Latour e Tim Ingold trazem novas abordagens a partir destes pensamentos, que têm em comum a intenção de dar mais atenção e respeito à materialidade, entendendo as coisas como agentes de relações sociais e parte integrante de nossa existência no mundo. O desafio é pensar antropologicamente em coletivos de humanos e não-humanos de maneira simétrica²⁸, sem submissão, sem redução e especialmente sem recorrer a essências. Ao seguir os fluxos das coisas, além de conhecermos a sua biografia, também tomamos conhecimento de suas formas de engajamento no mundo e suas trilhas incorporadas na paisagem. Este entendimento da circulação das coisas acaba por expor os contextos humanos e sociais de sua existência, tornando-os poderosas fontes de informação, analisando o que podemos chamar de “trajetória social” ou “biografia cultural” destas coisas.

Ambos teóricos que iremos abordar a seguir, Latour e Ingold, apontam em suas análises para um objetivo intelectual convergente em que criticam a

²⁷ Assim como o termo humano é relativo ao ser pertencente à espécie humana, o termo não-humano é relativo aos outros sujeitos, como animais, plantas e materialidades resultantes ou não da cultura material.

²⁸ Uma relação de paridade. Função simétrica, em matemática, é a função das variáveis que, permutadas entre si, se mantêm inalteradas.

maneira de pensar e de fazer ciência dos modernos e ocidentais. Entretanto os caminhos de cada pensamento teórico são diferentes, embora também possam ser complementares.

3.11 Da agência dos objetos...

Na teoria do sociólogo Bruno Latour não há previamente o mundo das coisas em si de um lado, e o mundo dos humanos de outro, pois 'natureza' e 'sociedade' são ambas efeitos de redes sociais heterogêneas, feita de humanos e não-humanos, de forma que ambos são pensados igualmente, fugindo de uma abordagem assimétrica que privilegie um dos polos.

Logo, o social é formado por redes de certos padrões de materiais heterogêneos - e não simplesmente humanos - nos quais as várias redes participam do social e o moldam. Precisamos redefinir o social como não sendo nem de sujeitos, nem de objetos, nem naturais, nem sociais. Mas pensar o social como associações traçadas entre humanos e não-humanos, formando coletivos que se compõe e se transformam mutuamente - sejam eles pessoas, coisas, animais ou outros agentes. Latour propõe uma concepção do social como movimento de criar associações entre diferentes elementos diluídos "em toda a parte e ainda em nenhuma parte em particular", na qual a teoria ator-rede é um desdobramento da superação da dicotomia natureza *versus* cultura.

Para Bruno Latour, ator é tudo o que age, deixa traço, produz efeito no mundo, que modifica e é modificado pela rede: podem ser pessoas, instituições, objetos, animais ou máquinas, por exemplo. Um ator é definido pelos efeitos de suas ações, logo o que não deixa traço ou efeito na rede não pode ser considerado um ator naquele momento da observação. Nesta abordagem, para identificar quais atores farão diferença, devemos acompanhar seus movimentos, buscando e enfatizando os fluxos, as circulações e alianças nas quais os atores estão envolvidos, interferem e se modificam.

A construção dos fatos é um processo coletivo, e a interpretação destes fatos ele chama de “tradução”. Traduzir aqui significa deslocar objetivos e pode implicar num desvio de rota, invenção de um elo que antes não existia e que de alguma forma pode modificar a percepção dos elementos envolvidos.

Assim, a teoria ator-rede traz o antropólogo como mediador, pois ele opera uma tradução de uma coisa em outra, em um esforço de sistematização dos princípios e regras metodológicas implícitas a uma forma de pensar e tratar a realidade que, ao invés de interpretar o mundo a partir das “grandes divisões”, descreve-o, levando em conta a hibridização²⁹ do mesmo. Afinal, a proliferação de objetos já não pode ser considerada totalmente natural, nem totalmente social, e nos faz questionar sobre essa radical separação entre natureza e cultura produzida pelo mundo moderno.

Desta forma, a teoria de Bruno Latour também detém o interesse do pesquisador em seguir os fatos, os quase-sujeitos e quase-objetos, observando as redes através das alianças entre os atores humanos e não-humanos, descrevendo os efeitos produzidos por estes vínculos, que revelam o mundo como linhas da rede social.

Uma crítica à abordagem de Bruno Latour é de que ela acaba por preservar a distinção entre pessoas e coisas quando usa nomes como híbridos e termos antropocêntricos como “humanos” e “não-humanos”, mas ainda é uma busca ao exercício da simetrização do pensamento e nesta Latour reavalia e repensa seus estudos quando substitui os termos citados por quase-sujeitos e quase-objetos. A tarefa bem sucedida destas abordagens é a de redistribuição: de mudar a agência de seu *locus* modernista convencional em indivíduos, e colocá-la onde mais pode ser localizada e dispersa.

²⁹ Para Bruno Latour, um conjunto de práticas cria “híbridos”, ou seja, misturas de natureza e cultura: metade objeto, metade sujeito. As lentes de contato, os telefones celulares, a parafernália de próteses que nos acompanham, manifestam bem esse nosso lado de criaturas híbridas.

3.12 As coisas vivas

Já o antropólogo Tim Ingold parte da filosofia e da fenomenologia para demonstrar em sua teoria que “em um mundo onde há vida, a relação essencial se dá não entre matéria e forma, substância e atributo, mas entre materiais e forças.” (INGOLD, 2012, p.26) Desta forma, o antropólogo pretende derrubar o modelo hilemórfico³⁰ de pensamento, no qual a forma é imposta à matéria, e substituí-lo por um pensamento que dê prioridade aos processos de formação, seus fluxos e transformações da matéria, ao invés do produto final. Para Ingold, forma é morte, enquanto dar forma é vida.

Mesmo que um fabricante (*maker*) tenha uma forma na cabeça, não é esta forma que cria o trabalho. É seu engajamento com os materiais, e é neste engajamento que nós precisamos prestar atenção se nós queremos entender como as coisas são feitas. (INGOLD, 2013) O foco é nos processos vitais, que exige que abordemos não a materialidade, mas os fluxos, seguindo-os e traçando os caminhos através dos quais a forma é gerada. Os caminhos de vida não são predeterminados como rotas a serem seguidas, mas devem ser continuamente elaborados sob novas formas. Esses caminhos, longe de serem registrados sobre a superfície de um mundo inanimado, são os próprios fios a partir dos quais o mundo é tecido.

Para Tim Ingold, o interesse está em compreender a experiência da vida que se dá no fluxo dos materiais (luz, som, vento, líquidos, etc.) que diluem os limites dos corpos, das mentes e das superfícies. A antropologia, por esta perspectiva, pode ser definida como um engajamento no mundo, em que a

³⁰ Na literatura a teoria conhecida como **hilemorfismo**, do grego Hylo (matéria) e morphe (forma) traz que no fazer dos artefatos, praticantes impõe formas internas da mente sobre um mundo material “lá fora” (INGOLD, 2013). O **hilemorfismo**, em Filosofia, é a teoria elaborada por Aristóteles, segundo a qual todos os seres corpóreos são compostos por matéria e forma.

percepção para as possibilidades dos humanos, coisas e natureza de estar neste mundo são igualmente tratadas. Uma universalidade que inclui e simetriza os polos natureza e cultura, situando-os em um horizonte no qual as forças vitais os atravessam, constituindo-os, ao mesmo tempo em que suas trajetórias os constituem.

Desta forma, o ambiente dá lugar ao movimento, e o foco se desloca do habitar para o fluxo de vida, no qual as trajetórias são linhas ao longo das quais as coisas são continuamente formadas, como uma malha de linhas entrelaçadas de crescimento e movimento. Devemos seguir esses fluxos, traçando os caminhos através dos quais a forma é gerada, onde quer que eles nos levem. Dentro de todos estes argumentos, a chave da compreensão está em ter como foco a atividade em si mesma, independente de quem a realiza. Para Ingold, a vida não está contida dentro de coisas, ao invés disso é deixada ao longo de trilhas de movimento, de ação e percepção, tramas que são incorporadas na paisagem. Assim desfazem-se as dicotomias, ao mesmo tempo em que se aproximam os diferentes campos de conhecimento, permitindo o estabelecimento de uma continuidade entre eles, os conhecimentos científico, técnico e tradicional. Afinal, em todos os campos, a produção do conhecimento se dá pelo engajamento e pela imersão dos sujeitos no mundo material da experiência.

Tim Ingold traz uma crítica às abordagens da cultura material que se concentram apenas nos objetos, mas excluem outras coisas materiais e suas relações vitais com o mundo à sua volta. Seu objetivo é restaurar a vida e refutar o hilomorfismo dos estudos destes materiais, condenando o caminho para a compreensão e para a empatia “naquilo que as pessoas fazem com os objetos”. (MILLER, 1998 *apud* INGOLD, 2012, p.26)

A análise de Ingold acerca da perspectiva de Daniel Miller (2013), que coloca sua atenção apenas nos objetos ao invés de pô-la nos materiais, fica mais evidente quando cita o exemplo da cozinha, no qual os estudos se

concentraram nos potes, panelas e colheres, enquanto “houve uma exclusão virtual da sopa” (INGOLD, 2013, p.19, tradução minha). Para Ingold, não deve haver uma divisão entre objetos e materiais, mas um foco nas perspectivas: “As donas de casa devem pensar em potes e panelas como objetos, ao menos até começarem a cozinhar, mas para o comerciante de sucata de metal, eles são pedaços de material.” (INGOLD, 2013, p.19, tradução minha). A vida não é contida, ela é inerente às próprias circulações de materiais, que continuamente dão origem à forma das coisas. É através de sua imersão nessas circulações que as coisas são trazidas à vida.

Seu argumento também traz uma crítica a respeito da atual ênfase na agência material: “quanto mais os teóricos falam sobre agência, menos eles parecem ter a dizer sobre a vida; quero inverter essa ênfase.” (INGOLD, 2012, p.27). Para as teorias da agência material, se as pessoas podem agir sobre os objetos então, dizem, os objetos agem e fazem com que elas façam aquilo que de outro modo não fariam. Este é o problema da agência segundo Ingold, que surge da “tentativa de reanimar um mundo de coisas já morto ou tornado inerte pela interrupção dos fluxos de substância que lhe dão vida.” (INGOLD, 2012, p.33). Se organismos crescem e se desenvolvem, para Ingold materiais também o fazem. As coisas se movem e crescem porque elas estão vivas e não foram reduzidas ao estado de objeto, não porque elas têm agência.

A ideia de que objetos têm agência é, na melhor das hipóteses, uma figura de linguagem. Impõe-se a nós pela estrutura de uma linguagem que exige de todo verbo de ação, um sujeito nominal. Na pior, ela tem levado grandes mentes a se enganar, de um modo que não gostaríamos de repetir. Com efeito, tomar a vida de coisas pela agência de objetos é realizar uma dupla redução: de coisas a objetos, e de vida a agência. A fonte dessa lógica redutivista é, acredito, o modelo hilemórfico. (INGOLD, 2012)

Para Ingold, por reduzirem as coisas para enfocá-las em sua qualidade de objeto, estas são retiradas dos fluxos que as trazem à vida, o que não faz nada

para “animar” o material. Dentro desta abordagem dos estudos da cultura material, se o pote tem uma história de vida (e esta poderia ser curta ou longa, dependendo se nós contarmos do momento da manufatura ao descarte ou a sua eventual redescoberta, recuperação), não é a história de uma vida intrínseca da coisa da qual foi feita. É da vida humana que a cercou e deu significado. (INGOLD, 2013, tradução minha). Desta forma, continua-se trabalhando dentro do modelo hilemórfico de imposição de forma e atribuição da ação pelo humano ao material, o qual reduz matéria à substância inerte.

Quando fala de caminhos ou trajetórias através dos quais a prática se desenrola, refere-se a linhas ao longo das quais as coisas são continuamente formadas. Fundamentalmente, no entanto, elas não se conectam, nem descrevem relações entre uma coisa e outra. Isto é o que distingue a noção de malha, defendida por Ingold, da noção de rede, colocada por Latour. Então, um emaranhado de linhas, para Ingold, é concebido num sentido literal: não uma rede de conexões, mas uma malha de linhas entrelaçadas de crescimento e movimento contínuo. São temporais, "linhas de tornar-se". (INGOLD, 2013, p.132, tradução minha). Se devir é relacionado a estas mudanças pelas quais passam as coisas ou materiais, então busco aqui o tornar-se da materialidade em si: o devir das coisas.

Afinal, ao antropólogo cabe, como Tim Ingold afirma, acompanhar a história dos materiais e descrever suas propriedades, atento a como elas se apresentam em diferentes arranjos e momentos particulares. Seria uma antropologia que retira seu foco das relações e o coloca nos fluxos e movimentos nos quais os organismos são constituídos. Dentro deste ponto de vista, objetos, sujeitos e ambientes não se apresentam como unidades que se contrapõem em um campo de relações e oposições, mas se entrelaçam durante as trajetórias que realizam, criam e reproduzem em seu fluxo ou movimento social e natural incluídos e entrelaçados. O mundo é uma continuidade de si, para o que se olha, sobre o que se pensa; não são coisas externas, mas continuidades que o rodeiam. As relações sociais e a consciência não são causa

e efeito, são engajamento. Por isso, Ingold busca evidenciar uma “vida própria da matéria”, em que as propriedades dos materiais, como a pedregosidade da pedra ‘não são atributos mas histórias’ (INGOLD, 2011 *apud* INGOLD, 2013, p.30, tradução minha).

Materiais não podem ser expressos de maneira verbal, não podem ser presos em termos de conceitos ou categorias estabelecidas. Descrever qualquer material é representar um enigma, do qual a resposta pode ser descoberta apenas através de observação e engajamento com o que está lá. O enigma dá ao material uma voz e permite que ele conte sua própria história: devemos, então, escutar, e a partir das pistas oferecidas, descobrir o que está sendo falado. (INGOLD, 2013, p. 31, tradução minha)

Na busca pela descrição da dimensão sensorial das coisas materiais e pelo entendimento deste enigma que é a representação dos materiais, uso a imagem como meio de reflexão antropológica e do fazer etnográfico, pois esta revela mais do que o próprio elemento contido em sua leitura. Imagens permitem discursos através delas e trazem olhares múltiplos em sua recepção. O poder discursivo da imagem nunca se limitará à representação do real, pois ao mesmo tempo que esconde, revela a polissemia dos olhares e seus códigos, que estão além da própria imagem e também do próprio material retratado. Esta é a forma que melhor encontrei para me aproximar das múltiplas formas de entendimento deste enigma, que é a descrição dos materiais em seus fluxos vitais.

Ceder espaço aos materiais dentro do estudo antropológico pode ser um caminho rico, se entendermos os fluxos vitais e engajamentos envolvidos em suas trajetórias. A problematização da dicotomia natureza *versus* cultura contribui para tornar a antropologia mais reflexiva e mais atenta a sua forma de constituir e apreender o mundo. Como se trata de um pensamento historicamente contextualizado, a tentativa de dissolução da dicotomia em questão desafia o antropólogo à realização de um exercício de distanciamento

crítico acerca de sua própria forma de conceituar a experiência etnográfica. Uma formação em antropologia deve antes educar nossa percepção do mundo e abrir nossos olhos e mentes às possibilidades do ser. Devemos, como Ingold nos mostra, ultrapassar as dicotomias, buscando traços de continuidade e simetria onde a modernidade vê oposição e distinção.

Porém, é importante atentar para o fato de que esse exercício impõe limites já que, por mais que o antropólogo realize experimentos com os conceitos nativos e teóricos, muitas vezes não consegue se desfazer de suas próprias estruturas mentais, de forma que seus próprios conceitos podem vir a modelar seu pensamento.

Partindo dos conhecimentos aqui explanados como pressupostos teóricos, procuro reconhecer e respeitar os materiais, expondo-nos à nossa própria materialidade, sem negá-la nem colocá-la em um pedestal, trazendo para esta pesquisa uma perspectiva que busca ultrapassar a dicotomia sujeito *versus* objeto em busca de um exercício de olhar mais simétrico dentro dos estudos acerca dos descartes da indústria naval do município de Rio Grande.

Não tenho a pretensão de realizar uma descrição densa, mas busco um exercício provocador pelo olhar mais simétrico. Fica aqui a intenção de um exercício a ser praticado através de um olhar especial a partir da materialidade e de todos os aprendizados que possamos ter com esta. Apesar desta busca contínua, ainda me sirvo de texto e referenciais bibliográficos que se apoiam na representação que os humanos fazem da materialidade. Mas a intenção é principalmente trazer, além da mera descrição, uma observação crítica do conhecimento empírico vivido na observação do fluxo vital das coisas, quando deixo o inesperado me levar em uma observação flutuante. Imagens me ajudam a refletir e afetam as observações e relações, assim como as coisas. Sempre lembrando que nenhuma descrição ou documentação é inocente de teoria (INGOLD, 2013). Pela mesma razão, nenhuma transformação genuína nos modos de pensar e sentir é possível, que não seja baseada na observação

rigorosa e atenta.

Neste capítulo fiz uma breve revisão das teorias e metodologias que tratam das coisas (cultura material) nas ciências sociais e guiam esta pesquisa e reflexão antropológica. Em seguida, mostro como a imagem e a comida foram determinantes na relação etnográfica deste trabalho de campo.



4 ETNOGRAFIA DE UMA OLARIA: o protagonismo da imagem e da comida nas relações de alteridade

Como visto no Capítulo 1, a madeira é descartada pelas indústrias do polo naval quando não resiste às forças da correspondência com o metal ou quando resiste às “forças” da ordem. O que antes foi escora e apoio importante – mas sem reconhecimento - na construção naval, sai do ambiente industrial como descarte e chega ao destino na olaria, na cidade vizinha, como biomassa. A madeira se torna biomassa quando é trocada por um certificado de descarte correto e ambientalmente responsável. Mas o que seria destino final se ramifica em uma infinidade de novos caminhos de vida e novas possibilidades na biografia desta madeira.

Nesta etapa do fluxo dos materiais, estes interagem com uma ampla diversidade de outras vidas. Trago a nomenclatura de todos que perspassaram o meu fluxo vital enquanto pesquisadora nestes novos caminhos. Procuo demonstrar no texto etnográfico, a partir da oposição do anonimato dos interlocutores na indústria com a nomenclatura no ambiente da olaria, como os sujeitos correspondem aos materiais e estes se transformam de muitas formas neste novo meio. Enquanto nas indústrias estes materiais são colocados de lado e logo descartados como resíduo, na olaria se tornam muitas outras coisas, mais precisamente tudo o que sua materialidade permite.

Reitero que a impessoalidade dos modos de produção, representada nesta pesquisa pelas indústrias do polo naval da cidade de Rio Grande, é retratada aqui pelo anonimato dos interlocutores humanos no que se refere ao ambiente industrial. A impessoalidade inicial desta etnografia contrasta com o domínio pessoal, humano e afetivo da família da olaria, para onde os resíduos de madeira das indústrias do polo naval são destinados. Apesar deste contraste aqui apresentado pelo anonimato *versus* nomenclatura, devo lembrar que a própria história social de cada um dos materiais descartados faz sobressair de forma

poderosa o cruzamento da produção com o consumo, e seus efeitos em nível local, desfazendo essa oposição. Os materiais, principalmente a madeira, são nossos guias nesta trajetória social que começa enfatizada pela própria materialidade e nos leva a conhecer a nossa própria humanidade, aqui representada pela relações familiares que permeiam o caminho dos materiais.

As novas relações dos materiais descartados acontecem através de permuta, tanto em relação às empresas do polo naval que trocam os resíduos por um certificado de registro ambiental, quanto nas relações que envolvem posteriormente a madeira. Permuta é, segundo Arjun Appadurai (2008) uma troca mútua de objetos sem alusão a dinheiro. É exatamente o que se pode perceber nesta pesquisa: a madeira, apesar de sair como resíduo descartado, pode ser vista nesta troca como uma mercadoria pois possui atribuição de valor por outrem, chegando na olaria com muito mais valor do que apenas a pretendida biomassa.

Portanto, depois de deixar as indústrias do polo naval através de empresa de transporte de resíduos, em caminhões que levam as grandes caçambas que recebem o que é descartado, a madeira e alguns metais acidentais são deslocados até a olaria de Olga, que possui licença ambiental para receber o material doado a fim de usá-lo como lenha em seus fornos no cozimento de tijolos. Esta olaria situa-se em uma área bem afastada do município vizinho a Rio Grande, Pelotas, a mais de 70 quilômetros da região do polo naval. Mais especificamente no bairro de Sanga Funda, anteriormente chamada de vila Sanga Funda, localizada no extremo norte do município de Pelotas. Esta região da Sanga Funda, que possui grande concentração de olarias, não apenas a de Olga, antes era denominada Logradouro Público e configurava-se como uma grande área de campo.

A olaria que recebe as madeiras é de Olga e sua família e, segundo ela, que tornou-se minha interlocutora privilegiada, o nome do local se deve a um rio pequeno que cruza a região. Ela lembra que, em sua infância, ela e as crianças

costumavam brincar nas águas deste rio, o que hoje não é possível devido à poluição. O termo “sanga”, no Rio Grande do Sul, significa pequeno ribeiro alagado e de pouca água. Durante a pesquisa, atravessei, algumas vezes de carro, uma pequena ponte feita apenas de madeira por sobre a “sanga funda”, e esta me pareceu uma escavação que se encontra atualmente com água parada e poluída por esgoto. Olga também compartilhou comigo a história das olarias em Sanga Funda:

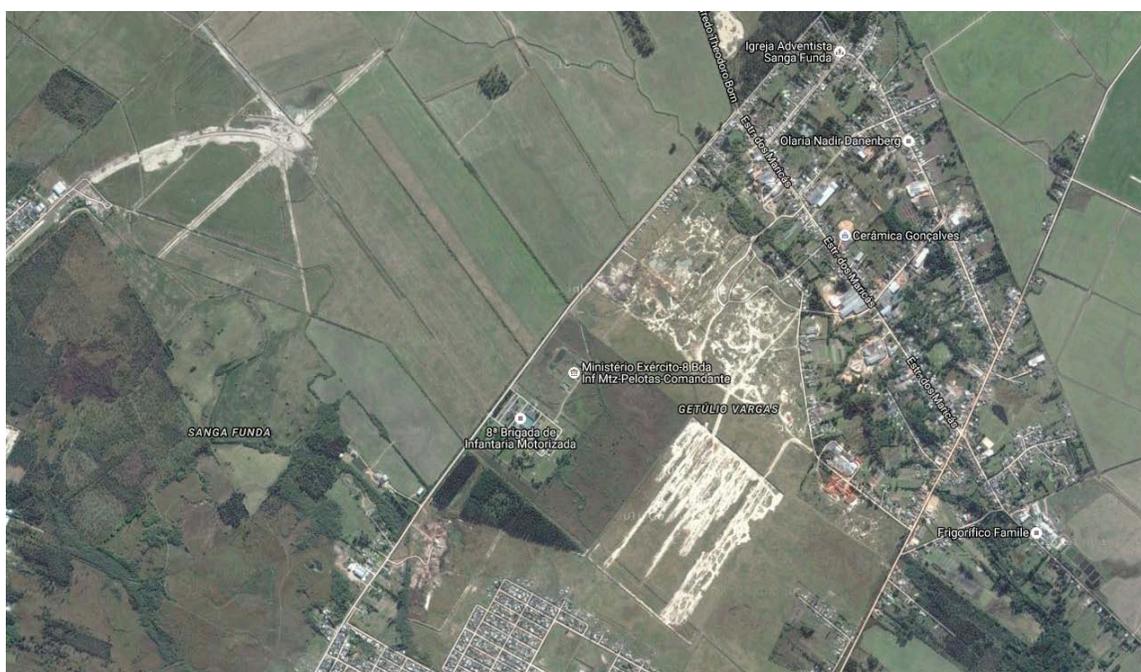
“Há uns 40 anos, quando eu ainda era pequena, veio um “irmão” de São Lourenço para montar uma olaria ali porque viu que o barro era bom. Depois vieram os outros irmãos, quatro no total. Assim começou o trabalho com olarias aqui. Outros chegaram depois, vendo a oportunidade, algumas foram vendidas e por aí vai.” (Olga, fragmento do diário de campo)

Essa área atualmente apresenta aspectos rurais e de periferia, e concentra mais de 25 olarias, em função de seu solo argiloso (Oliveira & Vieira, 2010). A região não possui ruas pavimentadas, vê-se apenas barro, o que pode ocasionar atolamento no trajeto em dias de muitas chuvas. Justamente por este motivo essas indústrias produtoras de tijolos, pequenas ou grandes, utilizam como matéria prima material extraído de jazida localizada em área pública em Sanga Funda mesmo, com autorização da prefeitura. A licença ambiental e ampliação da área de extração mineral de argila foi solicitada e conseguida pela Associação de Ceramistas de Pelotas (Acerpel) presidida e representada por Olga, nossa anfitriã nesta pesquisa. O principal argumento frente aos órgãos públicos foi o fato de que as olarias representam o potencial de desenvolvimento da região de Sanga Funda por apresentar como característica a sustentabilidade local já que geram uma média de 600 empregos diretos, além de que todos trabalham e moram na região.

Com esta conquista de Olga, através de seu trabalho com a Associação, aos seis hectares hoje em processo de reflorestamento pelo seu esgotamento como matéria-prima, somaram-se outros quinze que foram agregados à área de

exploração, capaz de abastecer todas as empresas ligadas à Associação dos Ceramistas de Pelotas (Acerpel), aptas a produzir cinco milhões de tijolos por mês.

Apesar de todas estas conquistas, a região ainda carrega um estigma dentro da própria cidade de Pelotas. Para entendermos melhor, basta saber que Sanga Funda se encontra em uma lista da Wikipedia³¹, onde a definição encontrada para o termo é a de “assentamentos urbanos irregulares que são popularmente conhecidos como favelas”.



Mapa da região que os moradores chamam de Sanga Funda, neste mapa nomeada por Getúlio Vargas. O barro é extraído do local onde vemos riscos brancos paralelos. (fonte: Google)

Sempre acessei a região sem problemas ou imprevistos e só tive uma real dimensão do que representava a região para os cidadãos da cidade depois de tomar conhecimento por mapas (anexo1) de que a mesma ficava depois, e junto, ao BGV (Bairro Getúlio Vargas). Os bairros BGV, tanto na cidade de Rio Grande, quanto na cidade de Pelotas, são associados a noticiários e

³¹ https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_favelas_do_Brasil

comentários de violência e histórico policial.

Fico feliz em ter iniciado esta pesquisa sem “pré-conceitos”, sem saber que esta região era associada a tantos rótulos. Isto se deve ao fato de eu ser nova na região e ter tido a oportunidade de trazer um olhar *de perto e de dentro*, em contraste com visões determinadas por um olhar distanciado *de fora e de longe*, próprio de outras áreas de pesquisa e intervenção que trabalham sobre a cidade (Magnani, 2002)

O que vivi e aprendi ao conviver com as pessoas que circulavam na olaria, adotando a posição “de perto e de dentro” requerida pelo trabalho etnográfico, foi o modo como a comunidade de Sanga Funda organiza a si mesma, com suas figuras importantes, que auxiliam uns aos outros e mantêm a ordem local. Ali, todos se conhecem e sabem histórias uns dos outros. Apesar da olaria de Olga não ser uma das maiores, possui igual importância à das grandes olarias para a população local, devido à posição de sua proprietária dentro da associação e da comunidade, que depende destes negócios. Em qualquer parte de Sanga Funda pode-se perguntar onde fica a “olaria da Dona Olga”, que a informação será prontamente compartilhada.



Sanga Funda além do mapa.

4.1 A Olaria: uma construção viva

Chegando-se a esta olaria, percebe-se que é uma construção viva, modificando-se continuamente, diferente a cada presença minha em campo. O lugar é cheio de pequenas “histórias” de engajamento e correspondência entre os materiais e forças, onde todos estão continuamente em seus fluxos vitais, sem interferência de modelos de imposição da forma ou estética. Nesse sentido, converge para a descrição de “coisa” feita por Tim Ingold (2012), pois está em contínuo processo de formação e transformação, de acordo com suas relações e com seus montículos de madeira que se deslocam, queimam e tornam-se novas coisas.

Sua fumaça toma conta da paisagem e das conversas animadas dos “meninos”³² que trabalham todos os dias por ali com o barro, a madeira e o fogo. A olaria das aberturas desobstruídas e fechadas continuamente é claramente um devir em si mesma. Não há melhor descrição do que um texto contínuo desta trama entrelaçada de fluxos vitais, inspirado na casa kabyle de Pierre Boudieu (1970). A olaria é uma construção que não pára de se desenrolar ao logo de seus inúmeros caminhos de crescimento, desgaste e regeneração. Não é uma coisa acabada, é exercida em seu uso.

A olaria encontra-se na parte central do terreno, que não possui grades ou qualquer divisão frontal com a via de carros. O barro da rua, sem pavimento, se estende até as construções da olaria. Os montículos de resíduos de madeira e as pilhas arrumadas de tijolos prontos, que são continuamente modificados de posição, estabelecem o limite de onde começa a olaria em sua parte frontal. Na lateral direita, uma construção baixa, pintada de branco e comprida, indo por quase toda a lateral até a rua, faz a divisa do terreno, como um muro e ao

³² Embora o termo não seja característico do linguajar regional, mas próprio do centro do país, de onde provenho, chamo os “meninos” desta forma por causa da euforia que toma conta deles, talvez pela minha presença e da câmera durante o trabalho, brincando sempre uns com os outros, sendo falantes e fazendo piadas entre si.

mesmo tempo garagem, estoque de peças de ferro, uma aparente oficina, além de uma loja de roupas na parte da frente que mais tarde se tornou sala de eventos e reuniões da Associação dos Oleiros da região presidida por Olga, como explicado acima. No final desta construção, à direita, encontra-se uma casa de dois andares na cor amarela com portas e janelas brancas. Em baixo, moram Olga, seu marido João Manuel e suas duas filhas. A primeira é Manuela, enfermeira formada há cinco anos, professora, “separada” do ex-marido e mãe do menino Heitor de um ano e meio. A segunda filha, caçula, nunca está em casa; é Carolina, estudante que está fazendo curso pré-vestibular e tem tentado ingressar no curso de medicina pelo ENEM³³. Heitor tem adoração pelo tio, Lucas, filho do meio de Olga, que mora no andar de cima da casa amarela, junto com a esposa e o filho de dois anos, Davi. Lucas estuda Engenharia Mecânica na Universidade Católica de Pelotas e está sempre presente na olaria nas vezes em que lá esteve, sai apenas para cumprir tarefas referentes à rotina deste trabalho. O filho de Lucas adora bichos, segundo Olga, e ganhou um porquinho, além de ter pedido um cavalo para o pai. Pergunta sempre onde está o vô, querendo saber de João Manuel. João Manuel costuma fazer “as coisas da rua” para Olga: ir ao banco, levar documentos e levar Olga em reuniões, porque ela não dirige. Neuza é a empregada doméstica de Olga e discute sempre com um dos “rapazes” que aparece duas vezes por semana por ali para fazer trabalhos diversos, na olaria ou na casa de Olga. Neuza não vem aos sábados e nem nas quintas-feiras.

Na divisa esquerda do terreno da olaria, ao lado da área onde as madeiras são despejadas e armazenadas, morava em uma casa de tijolos aparentes Eduardo, um dos “meninos” que trabalha na olaria, “casado” com Vanessa, mãe de uma menina de cinco anos, fruto de outro relacionamento, e também do filho de Eduardo. Este filho de Eduardo e Vanessa tem quase a mesma idade de Heitor. Nesta casa, morava anteriormente o sogro de Eduardo e de Lucas, “seu Valcir”. Havia vindo com a esposa da região rural de Canguçu,

³³ ENEM: Exame Nacional do Ensino Médio

porque seu investimento na agricultura do café não tinha dado certo por lá. Quando sua esposa, que fazia pães e lanches para os “meninos” da olaria, faleceu, ele ficou desgostoso e mudou-se para outro lugar. Deixou ali sua filha, que passou a morar nesta casa com Eduardo e seus filhos. Quando Eduardo e Vanessa se separaram, seu Valcir voltou à casa junto com sua filha caçula, Letícia, e sua neném, Mirela, para arrumar as coisas por ali e cuidar dos animais. Lucas, filho de Olga, é casado com a outra filha deste senhor: Lidiane. Vanessa e Lidiane, esposa de Lucas, são irmãs. Lidiane cuida da irmã mais nova, Larissa. Nesta lateral esquerda do terreno, tem um caminho que segue até a parte de trás da olaria, sempre seguindo ao lado, por fora do grande galpão onde são secados os tijolos úmidos. Neste galpão central geralmente trabalham os “meninos”. Seguindo este acesso até a parte de trás do terreno, chega-se a um local onde são estacionados os caminhões, junto aos restos de madeira. Tudo isto fica ao lado da casa de Valcir, onde à frente, via-se uma casinha de madeira reaproveitada e alguns carretéis de madeira pintados de roxo, usados como mesinhas para criança brincar. A casinha era a representação física da relação de Eduardo, que construiu a casinha para Dani, a filha de 5 anos de Vanessa. Ao término da relação, a casinha foi tomada pelas galinhas e, logo após, seu Valcir a desmontou. Atrás da casa de Valcir é possível ver “casinhas” feitas de madeira, onde estão as abelhas.

No galpão central, os “meninos” trabalham vestindo bermudas e chinelos, geralmente sem camisa. A maior parte deles usa bonés e, quando está frio, agasalham-se finalmente com uma camiseta enquanto trabalham. Provavelmente porque o trabalho deles é muito físico: carregam o carrinho de mão com tijolos recém cortados e úmidos, recém saídos da máquina que prensa a argila em tijolo. Levam cada um para a sua fileira de tijolos e empilham os mesmos para que sequem ao ar livre, debaixo do telhado. Na próxima etapa de trabalho, levam os tijolos menos úmidos até a parte interna do forno, também em carrinhos de mão, empilhando-os em fileiras com grandes corredores entre elas. Estes corredores coincidem com as aberturas no topo do forno. Nestes corredores serão adicionadas as madeiras que pegarão fogo e proporcionarão o

cozimento dos tijolos. Quando o forno está com fogo, o exaustor que puxa a fumaça de dentro do forno precisa estar ligado a fim de evitar incêndios. O exaustor funciona com energia elétrica, sendo um problema quando falta luz. A idade do grupo é variada, tendo “meninos” por volta dos vinte e poucos anos principalmente, até outros mais velhos, já com idade a partir dos quarenta anos. O trabalho no acendimento do forno é feito pela frente e posteriormente pela parte de cima, onde os mais antigos se revezam, noite e dia, alimentando o forno com o resíduo de madeira, que foi colocado ali por outros com a ajuda de um dos velhos caminhões da olaria. Quando o forno está acesso, a fumaça toma conta de tudo, expelida pela ventilação barulhenta do exaustor que leva a fumaça para a chaminé. A chaminé tem rachaduras por onde esta fumaça extrapola. Parece fazer parte da rotina dos “meninos” parar de trabalhar para fumar e conversar ouvindo música, segundo João Manuel. Sobram brincadeiras para o Seu Alexandre: “dá um sorriso para câmera!”, mexem eles com o senhor de idade que trabalha junto com o grupo, mas em seu próprio tempo. Seu Alexandre apenas me olha sem mudar sua expressão, mas sempre que pode puxa assunto para conversar comigo. Já Giovani (Pitiço) e Vitor (Anão) são mais novos e, junto com Zé (do Brinco), são funcionários fixos da olaria, sem vínculo familiar. Zé é o funcionário no qual Olga mais confia e a quem destina tarefas além da olaria, como comprar alimento e cuidar dos animais, limpar algumas áreas, refazer e reaproveitar *pallets*³⁴. Antônio era o funcionário que pediu para sair, que gerenciava a olaria e o trabalho dos “meninos”, sem precisar da supervisão de Olga. Ele, por sua vez, não parava de trabalhar um minuto, apenas na hora do lanche. Na falta de Antônio, Pitiço assume, mas sempre supervisionado por Olga, circulando pela olaria e muitas vezes ela trabalha junto com os meninos enquanto os gerencia. Pitiço e Zé são os mais antigos funcionários da empresa.

Atrás da casa amarela de Olga, que não possui acabamento em sua parte

³⁴ Pallet ou palete é um estrado de madeira (existem também em metal ou plástico) que é utilizado para movimentação de cargas facilitando a organização e transporte através do uso de empilhadeiras.

traseira, há um galinheiro que é coberto por uma estrutura onde tem plantado um pé de maracujá. Dentro do galinheiro também tem filhotes de pato, que nadam em uma pequena lagoa improvisada com lona de caminhão. As galinhas brancas têm casinhas e se alimentam em comedouros, todos feitos de madeiras reaproveitadas. Outras vagam soltas pelo terreno. Na parte de trás da casa amarela com fundo de tijolos, pode-se ver uma “caixa d’água” do banheiro da casa de Olga, feita com uma bombona azul. Todas as estruturas deste quintal são feitas de madeira selecionada dentre as que chegam ali. No fundo do terreno há dois porcos, um preto e outro branco, cada um dentro de seu chiqueiro feito de madeira. Mais tarde foi construída mais uma estrutura com parte coberta e parte aberta, mas cercada, maior do que os chiqueiros já existentes, que passou a abrigar uma ninhada de porcos marrons. Também surgiu uma porca branca que, segundo me contaram, foi trocada com outra pessoa da região e veio “prenha”. Desta, nasceu um filhote que ficava junta à mãe no chiqueiro de madeira reaproveitada. Uma família de gansos passou a frequentar o quintal em certo momento e grassava a cada aproximação minha. Seguindo o terreno, depois dos chiqueiros e bem mais ao fundo da olaria, vê-se um lago onde nadam os patos e gansos soltos. Tartarugas pegam sol nas suas margens; vieram junto com a lama que a prefeitura trouxe de uma obra. Por toda a beira do lago percebe-se caixas de madeira: são do apiário. O cenário ali no fundo é belo de se observar. Seu Valcir cuida dos animais sempre que está por lá. Na sua ausência, Zé é quem faz o trabalho. A família tem um gato persa, que se chama Romeu, e dois cachorros, que circulam pela olaria, um marrom e outro branco. O cachorro branco, mais tarde, foi colocado em um canil, construído com madeira e tijolos dali, junto com uma cadela branca, também vira-latas, para dar filhotes. O cachorro marrom seria de um dos meninos. Também adquiriram um cachorro com aparência da raça galgo, que é de Manuela. Recentemente adotaram mais um filhote de cachorro, que adora brincar em cima da madeira. Ele foi encontrado em um domingo no (bairro) Laranjal, na praia de lagoa pertencente ao município de Pelotas.

4.2 A câmera e a comida em campo

Como sabemos “a etnografia é um exercício interativo e reflexivo em que sujeitos, objetos e contexto são pensados como totalidade relacional” (Rocha & Eckert, 2013, p.117). Nesta totalidade, incluo a imagem, cujo estatuto vai muito além de técnica de registro de campo, pois engloba desde objeto mnemônico para análise posterior, passando por potencializador da relação etnográfica, até ponto de partida para reflexões conjuntas sobre os contextos que se apresentam durante a pesquisa. Entendo que a produção de imagens ou narrativas visuais definem, principalmente nesta pesquisa, formas específicas de apreensão da biografia dos objetos em questão e proporcionam modos de compreensão e interpretação das tramas culturais nas quais estão inseridas, dado o seu caráter polissêmico.

A câmera foi introduzida no trabalho de campo com o intuito de se observar e ampliar a percepção dos aspectos relacionais, tanto das coisas entre si, quanto das pessoas entre si, e ainda das pessoas e coisas, todas elas engajadas no meio em que se encontram. A imagem expande ainda o meu olhar na pesquisa, ao provocar no espectador reflexões acerca da complexidade dos fatos apresentados, sendo, em resumo, uma forma de submeter-me a ouvir e sentir, “educar minha atenção”, principalmente quando trato das coisas. Ter um olhar a partir das coisas, tal como propõem Ingold (2013), é um exercício a ser continuamente praticado, que determina em grande parte a forma como a pesquisa aconteceu. O caminho para a sabedoria, afirma Ingold, está na correspondência muito antes, e principalmente além, do escape do domínio autorreferencial dos textos acadêmicos, correspondência esta que acontece na relação através da imagem e da comida como fatores de interação na relação etnográfica desta pesquisa. O uso de material empírico produzido em imagens mesmo esteticamente anômalos aqui tem o objetivo de permitir mediante o conjunto de imagens obtidas, corrigir falhas de memória, como um laboratório de pesquisa, conforme Freire & Lourdou (2009) nos apontam, ao sugerirem que os

conteúdos das imagens sejam vistos e analisados de forma repetida e reflexiva no momento de análise dos dados. A imagem, tanto estática quanto em movimento, foi minha grande aliada na observação dos resíduos de madeira e ferro, permitindo-me análise posterior ao momento do trabalho de campo.

Devemos levar em conta que as imagens também são capturadas pela visão e realçadas ou moderadas pelos outros sentidos. Imagem e texto proporcionam diferentes possibilidades de engajamento e se complementam: a escrita, com seu caráter analítico, e a imagem, polissêmica (NOVAES, 2014).

Tendo conhecimento dos impactos da presença da câmera dentre os interlocutores e nas relações de pesquisa durante o trabalho de campo, a introdução da mesma foi feita gradualmente, após estabelecidos os primeiros vínculos e a empatia necessária com os sujeitos. Embora as primeiras aproximações tenham ocorrido sem a presença da câmera, trago aqui o destaque e a centralidade que este instrumento acabou adquirindo durante todo o trabalho de campo.

Olga me convidou para entrar, já na segunda ocasião em que estive por lá. Era sábado, dia de descanso de sua “funcionária” (como é chamada empregada doméstica na região). Dentro da casa amarela, percebia-se uma mesa logo na entrada, à direita, com toda a papelada que seria de um escritório. Atrás da porta branca da entrada, um arquivo. À esquerda da entrada, uma mesa com computador e cadeira, ao lado de um grande móvel com uma grande televisão de tela plana. Neste móvel da televisão, muitos jornais dobrados em suas prateleiras mais baixas. Em frente ao móvel, na parede oposta, um sofá grande com uma manta colorida colocada por cima, no qual fui convidada a me sentar. Sentei-me e percebi, ao lado do móvel da televisão, uma poltrona em quina perpendicular com seu par, esta encostada em uma meia parede que divide esta área de sala da cozinha da casa. No meio do espaço, um cercado, com o neto de um ano e pouco e seus brinquedos. Em cima desta meia parede encontram-se vasos de violeta

e dois enormes parafusos que vieram junto com o resíduo da madeira. Logo atrás desta meia parede, um fogão de quatro bocas com uma lixeira ao lado. Na parede, em baixo de uma janela, um móvel com pia. Ao lado desta janela, uma geladeira. Na parede do fundo, uma porta que dá passagem para um ambiente antes de possibilitar a saída para os fundos da casa, e um móvel onde se guardam as louças e os mantimentos.

Começamos a conversar e, como Olga mexia nas panelas, em seguida me convidou para almoçar. Aceitei prontamente, afinal, dividir uma refeição é uma grande oportunidade dentro do encontro etnográfico, uma troca que passa a estabelecer as bases de nossa relação de confiança. Mais alguns minutos de conversa e me convidou para sentar-me à mesa explicando o cardápio: salada de alface com tomate, arroz preparado como “carreteiro” com linguiça da colônia, acompanhado de batata doce e suco de manga natural. Desculpou-se pelo fato de não ter feijão naquele dia. Com o decorrer da pesquisa etnográfica, percebi que aquela linguiça “da colônia” era feita ali mesmo, com o porco do quintal. Seguindo a direção deste móvel de mantimentos e louças, a cozinha continua à direita atrás da parede deste primeiro quarto. Ali se encontra a mesa de refeição, à qual fui convidada a me sentar juntamente com Olga, seu neto Heitor, no colo dela, e João Manuel, na outra ponta. Antes, durante e depois da refeição, a conversa aconteceu de forma agradável, a respeito da família de Olga, filhos, netos, alimentação dos mesmos e saúde.

Lembro que, pouco depois de ser convidada a entrar na casa de Olga, comentei que tinha acabado a memória da minha câmera. Não sei até que ponto este fato pode ter influenciado no seu convite, afinal ela tinha certeza de que eu não fotografaria ou gravaria nada do que falaríamos.

Depois de almoçarmos, convidou-me a sentar novamente no sofá e enquanto colocava o neto para dormir balançando o carrinho. João Manuel saiu da sala. Em seguida, ela foi “deitar o neto lá dentro” e me ofereceu um café, que tomamos sentadas à mesa. (fragmentos de diário de campo)

Na Antropologia, de modo geral, o pesquisador negocia a sua inserção em campo na aceitação de sua presença pelos indivíduos ou grupo de interesse através de troca e convívio sistemático. Pretendo demonstrar como a câmera e a imagem em si tornaram-se um importante meio de relação na vida social da comunidade comigo, permitindo-me exercer uma atividade compreensível a eles, mas orientada para a tarefa da observação. A explicação mais rápida que eu tinha para o que eu estava fazendo ali era “estudando os resíduos e fotografando a atividade deles na olaria”.

Era uma quinta-feira quando retornei à casa de Olga mais uma vez. “Revelei” uma foto que havia tirado anteriormente na olaria. A palavra “oi” aparecia, formada por peças de ferro que estavam jogadas no meio dos resíduos no terreno da olaria. Fiz uma dedicatória atrás da foto, agradecendo a receptividade de Olga e levei este agrado, junto com um ovo de chocolate sem açúcar (durante o almoço anterior ela havia me explicado como se descobrira com problemas de açúcar no sangue), pois estávamos perto da Páscoa. A intenção foi a de retribuir a gentileza do seu convite anterior para partilharmos a refeição, e estabelecer vínculos na relação etnográfica, atenta às leis da reciprocidade do dom e contradom, de Mauss (2013). (fragmento do diário de campo referente a imagem que consta na página 43 desta dissertação)

Em sua obra, Marcel Mauss desbrava o caráter “voluntário” - aparentemente livre e gratuito mas que se revela obrigatório e interessado - embutido nas trocas do sistema do *Kula*, descrito por Malinowski em *Argonautas do Pacífico Ocidental*. Pois, a partir deste processo de trocas materiais e simbólicas, o dar, o receber e o retribuir acontecem a fim de se manter alianças proveitosas e construir a relação de confiança necessária à pesquisa etnográfica.

Olga adorou a fotografia, surpreendendo-se pela beleza da imagem. Agradeceu bastante, falando que mostraria para todos. Esta foto

motivou uma conversa em outro encontro, quando ela, ao lembrar da imagem, falou: “Você que é criativa, deve saber o que fazer - se referindo às madeiras - igual uma vizinha que pediu para pegar umas peças aqui para fazer toda a parte da frente da casa dela. Ficou muito interessante!”. Devo registrar aqui que Olga e João Manuel “sabem o que fazer” com as madeiras pelas inúmeras possibilidades que encontrei de reaproveitamento e novas funções para esta dada ali na olaria e em seu quintal. (fragmento do diário de campo)

É nítida a forma como as imagens passam, de exercício de registro de dados, para “evento” do encontro etnográfico e daí, para objeto de estudo, podendo ainda ampliar suas possibilidades para a análise do visível e daquilo que não se vê, mas se intui. Exemplo disso são os indícios que uma foto apresenta sobre o que está fora de quadro, ou ainda sobre o modo de ver daquele que se utiliza da câmera (o ângulo, a distância, o foco, na sua relação com o fotografado), o que é revelador da qualidade da relação de alteridade. Nesse sentido, a construção da fotografia na relação etnográfica contribui para a reflexividade do pesquisador, para a objetivação de sua subjetividade. Os trabalhos antropológicos que se servem da imagem lidam com o cruzamento de olhares dos próprios sujeitos envolvidos, além da recepção e interpretação das mesmas. A problematização dos “modos de ver” passa pela variada possibilidade de apreensão de sentido na recepção das imagens, dado seu caráter polissêmico. A imagem registrada revela mais do que o próprio elemento contido em sua leitura, permite discursos através dela, que trazem olhares múltiplos em sua recepção. O poder discursivo e expressivo da imagem nunca se limitará à representação do real, pois ao mesmo tempo em que esconde, revela a polissemia dos olhares e de seus códigos, que estão além da própria imagem.

Além disso, preciso levar em consideração nesta pesquisa que as pessoas se comunicam com o mundo ao seu redor por meio dos sentidos. Esta é uma dimensão que não pode ser deixada de lado na investigação da

materialidade. Podemos pensar nesta relação com as coisas nos termos da correspondência proposta por Tim Ingold, sempre em relação uma com a outra definida em si, em uma narrativa de uso na qual nós nos envolvemos materialmente com as coisas sem nos fundir, mas em “diálogo” com sua materialidade. Desta forma, consideramos a imagem também como parte da cultura material ou, melhor, como sendo também uma coisa não passiva. A imagem pode ser responsável pelas relações de pesquisa, sendo produtora de sentidos e significados múltiplos, além de um meio que possibilita o caminho para a investigação de um domínio pouco explorado pelas ciências sociais: a dimensão sensorial das coisas materiais.

A imagem pode ser, assim, desde o ponto de partida até o resultado final de um trabalho de campo antropológico. A relação dialógica proporcionada pela presença da câmera possibilita uma troca e um estímulo à memória e à narrativa, fornecendo uma ampliação surpreendente às informações do diário de campo. Comentários dos interlocutores podem ser estimulados pela fotografia, e o processo de restituição da pesquisa aos pesquisados (ao longo e/ou ao fim do processo) pode ser determinante para os rumos da etnografia, quando as imagens correspondem no estabelecimento de vínculos com os sujeitos no campo. Não é apenas um meio de produzir dados ou estabelecer contato e vínculos em campo, mas um vetor para a proposição de novas questões e novos problemas, através do qual são considerados os caminhos críticos e éticos referentes ao uso das imagens no campo das ciências humanas.

Estas questões sobre a forma de apreensão e interpretação da imagem mostram como a observação etnográfica deve estar centrada na construção do olhar compartilhado e empático, resultado da relação entre universos culturais distintos, em que tanto a técnica quanto a estética são elementos constitutivos da linguagem imagética que abarca a possibilidade da reflexão acerca do interesse antropológico. Isto posto, traz à tona a necessidade de que a imagem seja eficiente na função de recolher e transmitir informações do encontro etnográfico.

Nesta pesquisa, as imagens foram, durante todos os encontros do trabalho de campo, uma forma de restituição da pesquisa aos meus interlocutores, além de meio de criação de vínculos, permitindo-me desnudar meu olhar perante o outro e mostrar o enfoque que estava sendo dado aos temas ali conversados. Foram, assim, um estímulo ao diálogo, pois estas devoluções do meu olhar, materializado na fotografia, que aconteceram com frequência durante a pesquisa de campo, sempre geraram novas narrativas, estimularam e alimentaram a troca com meus interlocutores. Essa troca e restituição da pesquisa ao longo de seu processo de realização envolve e exprime uma preocupação ética e acabam por possibilitar novas e frutíferas observações de campo.

O que se espera da imagem em antropologia é a condução ou invocação da arte do poder, do fazer pensar - através dela e por ela - e, porque não, do sentir. A fotografia permite mudar o foco da observação – do verbo para o comportamento, o corpo, os gestos, os detalhes e coisas sobre as quais nem sempre é possível falar (NOVAES, 2014)

A imagem também é um dispositivo de autocrítica dentro da pesquisa. O desafio sempre será analisar os dados e os devires que participam da oscilação de imagem para objeto, e de objeto para imagem, em fluxos de materiais e correntes de consciência sensorial, em que as imagens e objetos, reciprocamente, se fazem perceber como coisas em suas linhas de vida e na relação etnográfica. A imagem torna-se, assim, agente na relação de aproximação das pessoas e coisas em campo. Não só o processo de visualização é uma interação dinâmica entre o fotógrafo, o espectador e a imagem ativamente sentida e construída, não recebida passivamente. O processo da pesquisa de campo que envolve a câmera coloca mais um participante na relação etnográfica: a imagem.

Dentro da casa de Olga, não introduzi a camera fotográfica até ser convidada para tal. Inclusive, somente fui convidada a entrar quando percebia-se que eu estava sem a possibilidade de usar o equipamento. Lá dentro da casa

amarela, o alimento foi a nossa forma de relação e outro aspecto da observação que possibilitou entender a relação etnográfica.

As relações de troca e reciprocidade viabilizadas pela fotografia, tanto quanto aquelas geradas pela comida, estimularam o diálogo e enriqueceram o encontro etnográfico, inclusive com as crianças, que assim que me conheceram melhor até posaram para a câmera.

Era por volta de 18hs quando, em outra ida a campo, fui me despedir de Olga, encontrando-a em um vestido preto, de cabelo preso em um rabo de cavalo e maquiagem no rosto. Elogiei a “produção” quando ela me explicou que ia receber “outras associações” que tinham vindo de Porto Alegre. Ela não quis entrar em detalhes sobre seu evento, mas fez questão de me chamar para dentro para tomar um café, mesmo estando com horário marcado para seu compromisso.

Liberou uma cadeira perto da mesa e explicou que estavam sem luz porque João Manuel tinha feito alguma coisa lá na olaria. Perguntei sobre o exaustor que precisava estar ligado quando o forno estava aceso. Ela respondeu que tinha energia na olaria, só não havia na casa deles. Fiquei impressionada com a aparente calma de Olga nesta situação: ela pronta para um evento, me chamando para tomar café, sem luz em casa, e o marido lá fora com o filho tentando consertar o problema ao pôr do sol, quase sem luz natural. Aliás, eles estavam sem luz porque João Manuel, na tentativa de consertar uma velha empilhadeira, puxou fios elétricos e ocasionou um curto circuito por lá.

Naquele “lusco fusco”, quase escuro, ela me oferecendo um café instantâneo, solúvel mesmo, fez questão de me servir uma cuca doce e um pão salgado, fazendo elogios ao “rapaz que faz as cucas”: “Um dia posso te levar lá”. Realmente estava ótimo! Enquanto ela conversava comigo, pediu para a filha fazer uma térmica de café solúvel para levar ao evento e, buscando um pote, encheu-o de doce de abóbora que ela mesma tinha feito para que eu levasse para casa. Terminei rápido meu café, preocupada com a hora do compromisso de Olga e me despedi oferecendo carona. Em meu retorno seguinte, levei de presente um

pote com um sorvete natural de goiaba, feito por mim, acompanhado de uma fotografia do gato da família, Romeu. A intenção era brincar com o nome da sobremesa, Romeu e Julieta, preparada com queijo e goiabada. (fragmentos do diário de campo)

Tanto a imagem quanto a comida podem ser objetificadas nesta relação etnográfica. Como catadora de imagens e histórias na linha de vida das coisas, tive também a comida como um grande trunfo para a relação dialógica, além de fonte de análise e reflexão. O consumo do alimento é um indicador pelo qual objetificamos nossas relações sociais, principalmente dentro da casa de Olga.

Como princípios da percepção das peculiaridades das culturas, sem recorrer à linguística, o alimento é concebido como revelador de valores socio-culturais e expressão de gostos, desejos, ideias, modos de vida, práticas, relações de afeto, gentilezas, e rupturas dentro da dádiva de Mauss. (Turra-Magni, *et al.*, 2015).

É interessante como a relação etnográfica pela imagem e pela comida acontece de forma diferente, com meus interlocutores na olaria ou dentro da casa de Olga. Fora da casa da família, na olaria, a presença da câmera foi rapidamente e amplamente aceita. Já as trocas que aconteceram no momento de intervalo, quando os meninos lanchavam, foi mais tímida. Dentro da casa de Olga, a relação etnográfica acontecia através do alimento; em almoços, cafés e lanches. Estas refeições que me acolheram amplamente, aconteciam quando a câmera era desligada, e foram determinantes ao me demonstrarem quando eu passei a ser “de casa”.

Apesar de ser possível ouvir as vozes deles mesmos antes de adentrar pela olaria, quando sou avistada o grupo fica mais agitado. A presença da câmera deixa-os mais falantes e motivados, querendo chamar a

atenção através de seus comportamentos. O trabalho fica mais animado e eles parecem divertir-se. Mas quando aponto-lhes a câmera, eles ficam mais sérios e compenetrados, como se estivessem atuando em um filme. Sempre falo com todos assim que chego, mas alguns mal me olham nos olhos, apesar de falarem a respeito da minha presença entre eles mesmos, na minha frente. O grupo é diferente a cada vez que os encontro, mantendo-se fixos apenas alguns membros.

Pedi para colocar a câmera nos carrinhos de alguns dos “meninos” com os quais eu já possuo mais convívio. Todos aceitaram e “atuaram” perfeitamente. Na frente da câmera, ninguém conversa, apenas faz a sua tarefa. A presença da câmera beneficia a relação com este grupo, pois todos querem ser filmados e tem curiosidade sobre a minha presença. O mais velho posava para mim; o mais novo corria com o carrinho, mostrando sua eficiência no trabalho. Assim segue a tarde.

No horário do intervalo, 15:30h, todos param para fazer um lanche. Eduardo vai para casa, ali mesmo ao lado da olaria. Antônio se junta, em roda, com os rapazes em um dos corredores perto do forno que funciona também de garagem para os caminhões. Geralmente neste momento também se junta à equipe algum outro rapaz, amigo do grupo, mesmo que não esteja trabalhando naquele momento. Aliás, em várias das minhas visitas, percebi a presença de algum outro que não estava trabalhando, mas que ficava sentado perto, conversando, como se passando o tempo por ali. Cada um dos “meninos” recebe um pão francês preparado com mortadela dentro e um refresco escuro, sem gás, em uma garrafa sem rótulo. O lanche é separado em sacolas plásticas individuais. Em uma destas tardes em que estive com eles, no momento de intervalo, um dos “meninos” saiu e foi na “venda”. Voltou com uma garrafa grande de um guaraná de marca popular, copos descartáveis e um pacote de biscoitos recheados. Ofereceu a todos, que estavam sentados em roda, sobre tijolos apoiados no chão de terra, inclusive para mim. Aceitei.



Conforme o tempo de pesquisa passava (cerca de nove meses) e as trocas pela imagem aconteciam continuamente, a relação pela comida se modificou dentro da casa de Olga. No início, sempre que eu dava a entender que havia terminado minha observação na olaria, antes de sair, a mesa era posta e Olga, além de quem estivesse na casa, se sentava à mesa para tomar um café com bolo comigo. Nos últimos tempos de trabalho de campo, eu procurava cada um da família em seu afazer para me despedir antes de sair, e Olga me perguntava lá do meio dos montes de madeira onde ela orientava a separação: “Já tomou o seu café?” Eu, chegando mais perto respondi, perguntando também se ela e sua família já haviam lanchado e obtive imediatamente a resposta: “Aqui é assim, cada um senta lá e toma o café na sua hora mesmo.” Neuza ainda era a que mais fazia questão de que eu me sentasse enquanto ela esquentava a água do café que era servido só para mim, enquanto os outros se ocupavam de suas tarefas em casa ou na olaria. Essa modificação das trocas pela comida, com o tempo de presença em campo, me mostrou que, agora, eu era “de casa”. Não precisava mais de formalidades à mesa, podia chegar a qualquer momento, assim como sair. A câmera também passou a ser permitida dentro da casa de Olga, que chegou até a posar para fotografias. Minha presença, e a da câmera, já não modificava mais a rotina familiar e de trabalho, estava naturalizada.

Fundamentalmente, a tecelagem da malha envolve a passagem do tempo. Na troca de presentes não se faz recompensa imediata, mas sempre permite um determinado período a decorrer. (GATT; INGOLD, 2013, p.142, tradução minha)

Com o tempo, passei a compartilhar o chimarrão (mate) da família de Olga, dentro de casa e também dentro da olaria. Esta mesma cuia não é compartilhada com os “funcionários”. Como o consumo pode ser compreendido

com base na cultura, podemos concluir que, tanto o compartilhamento do chimarrão, quanto o alimento “da colônia”³⁵ reforçam valores importantes nesta região específica do Rio Grande do Sul, à qual Olga (Sanga Funda) busca se vincular. Interessante citar que Lucas, filho de Olga, me contou que o time de futebol de Sanga Funda joga nos campeonatos das associações das “colônias” da região de Pelotas. Como nos lembra Daniel Miller, na narrativa de Bourdieu, o agente-chave que nos torna característicos de nossa própria sociedade é o treco³⁶. Nota-se não só o chimarrão, mas também a “comida da colônia” como fatos sociais cujas lembranças remetem ao “ser gaúcho” da família de Olga. A identidade é discursiva e construída nas narrativas destes, elaboradas na relação entre sujeitos sociais, que são também os lugares, as idéias e as coisas no e do discurso. Não é meu objetivo neste texto discorrer acerca dos costumes da “tradição” no Rio Grande do Sul, mas sim demonstrar como a relação etnográfica aconteceu de forma dialógica e quais valores estavam sendo transmitido a mim.

O que temos é um processo dinâmico em si mesmo, que produz simultaneamente aquilo que passamos a mencionar informalmente, como objetos ou coisas, com os sujeitos se reconhecendo naquilo que foi criado. O alimento aqui age na construção da relação, mantém a identidade, interferindo e estabelecendo fronteiras entre grupos de pessoas. A família de Olga define esta

³⁵ Nas charqueadas de Pelotas, a mão de obra negra intercalava a produção de charque com trabalhos em olarias e na construção civil nas áreas mais planas, além de extração de madeira na região serrana. A partir de 1848, a colonização passa a ser incentivada pelo Governo Geral o qual cedeu certa quantidade de terras com o fim de formarem-se colônias agrícolas. As terras destinadas foram as que não eram propícias a pecuária, ou seja, áreas de matas e de relevo mais íngreme. Para o estado “eram colonos todos aqueles que recebiam um lote de terras em áreas destinadas à colonização”, logo podemos dizer também camponês que possui pequena propriedade familiar em área destinada a “colonização”. Assim, no sul do Brasil, reconhecem-se e são conhecidos como colonos os agricultores descendentes de imigrantes europeus, exceto os portugueses (SALAMONI; WASKIEVICZ, 2013). Atualmente, além de região de agricultura familiar, a região da “colônia” de Pelotas vem se desenvolvendo amplamente na área do turismo, com diversas pousadas, cachoeiras e demais atrações turísticas encontradas na região.

³⁶ A palavra “treco” (*stuff*, na versão original) não tenta delimitar exatamente aquilo que seria excluído do termo: “treco é um e-mail, uma moda, um beijo, uma folha ou uma embalagem de poliestireno” (MILLER, 2013, p. 7).

fronteira por suas escolhas de consumo, principalmente pelo alimento, comprado ou vindo de sua criação de animais atrás de casa. O comportamento relativo à comida revela repetidamente a cultura em que está inserido o grupo social pesquisado, e liga o mundo das coisas ao mundo das idéias (Mintz, 2001), mesmo que seja para tornar visível um conjunto particular de julgamentos nos processos fluidos de classificar pessoas e eventos, como nos sugere Mary Douglas.

A câmera e o alimento, com suas polissemias, objetificaram também a relação etnográfica e mostraram quando a confiança foi estabelecida. Observando este fato e sabendo que a correspondência nunca é unilateral, podemos perceber a transformação de todos os envolvidos neste encontro. A imagem e alimento constroem não só narrativas sobre nós mesmos, mas sobre nós mesmos face ao mundo do outro, num processo de construção conjunta. Elas agem como método e paradigma da relação dialógica de uma antropologia compartilhada³⁷: relação, engajamento e correspondência pela materialidade em ação. Ambos, imagem e comida, são dados e retribuídos porque se dão e se retribuem “respeitos” – podemos dizer igualmente “cortesias” e afetos. Mas também porque as pessoas se dão ao darem e, se as pessoas se dão, é porque se “devem” aos outros, dentro da lógica nos apresentada por Marcel Mauss de dar, receber e retribuir que guia boa parte dos comportamentos humanos.

Podemos afirmar que a imagem e o alimento são também o “afeto” representado - afeto no sentido do resultado de um processo de afetar (FAVRET-SAADA, 2005), aquém ou além da representação percebida - pois o próprio fato de que aceito me colocar dentro destas trocas e ser afetada, permite uma comunicação específica, sempre involuntária, que pode ser verbal ou não. O “deixar-se afetar” é importante para o conhecimento de dentro, que se trata de um processo ativo de seguir, de ir junto como nos lembra Tim Ingold (2013). Mas o mais importante no fato de introduzir a imagem como fundamento teórico-

³⁷ na qual o antropólogo literalmente põe-se em interação com o nativo – o outro – a ponto de desconstruir ideias de autoridade etnográfica em função de uma intersubjetividade.

metodológico e epistemológico nesta pesquisa foi permitir a elaboração de conceitos e observação das trocas relacionais feitas através das imagens, transformando-as - não apenas a análise das imagens em texto mas, principalmente, uma reflexão antropológica das relações construídas através da imagem em campo.

A inspiração em Tim Ingold para esta pesquisa foi no sentido de educar a minha atenção para perceber o movimento do fluxo de vida das coisas ao meu redor, afinal, com a audição e o tato, se chegarmos perto de algo, então a fronteira entre você e a coisa começa a diluir-se e eventualmente pode se dissolver completamente. Assim podemos pensar a relação pelo alimento e a proximidade dos materiais na olaria. Na visão, ao contrário, se estivermos muito perto de algo, não podemos vê-lo. Para ver, pelo menos com a visão binocular, devemos tomar uma certa distância e nesse distanciamento encontramos a possibilidade de um tipo de auto-consciência reflexiva, o autodistanciamento necessário para a fotografia. Você não apenas vê, mas vê-se vendo através da imagem. É esta consciência de si, então, que torna possível chegar perto de outra coisa ou ser, e, portanto, de se envolver com ele materialmente, sem realmente se fundir com ele. (Ingold, 2012)

Neste capítulo trago a importância da imagem e da comida na relação etnográfica, e esta relação se modifica positivamente com o tempo. Em seguida volto a seguir as coisas, agora já na olaria, um lugar cheio de vida, engajamentos e correspondências entre os materiais e forças. No próximo capítulo trato dos inúmeros fluxos vitais que a madeira tem a partir da olaria, e que acompanhei a fim de conhecer suas relações com os sujeitos.

















5 HAVERES E DEVIRES DA MADEIRA

O mundo do qual participamos e observamos é um mundo em movimento, um contínuo devir. A pesquisadora aqui atravessa os fluxos vitais nos quais tem a possibilidade de descrever e compreender o mundo procurando mostrar que o devir das coisas, aqui a madeira, importa.

“A madeira é muito importante. Pra tudo. Se não tivermos as árvores o que vai ser de nós? Como é que nós vamos respirar? Né? E a gente vai pescar e eu brigo com eles: tchê, não faz fogo aí perto! Ele chega e faz fogo e eu tiro. Boto água, e ele fica brabo comigo ainda; ‘você não sabe de nada!’ Eu comprei uma churrasqueira por causa disso. Uma churrasqueirinha pequena portátil pra não queimar no matto. Mas ai ele tá brigando, eu tenho que levar a churrasqueira. Aqui na olaria mesmo, já faz dois ou três anos que ela (Olga) não compra lenha. Isso tudo é ganhado. Que vai fora, então vai tudo aproveitado. Quanto ela ganha nisso aí? Se ela vai gastar na lenha mesmo que ela comprar, vai gastá um horror de dinheiro. Então isso é tudo um amor, de dizê, se vai fora...”(Zé do Brinco, fragmento de diário de campo)

A madeira, antes árvore vinda de diversas partes do mundo, no ambiente das indústrias do polo naval de Rio Grande se torna escora, apoio, rampa, montagem, nivelamento, isolamento, armazenamento e organização de peças diversas em tamanho e formatos variados. Parte importante nos processos desta indústria corresponde com outros materiais, como o metal ferroso, mas não obtem correspondência suficiente com os sujeitos neste ambiente industrial, sendo pouco valorizada e facilmente descartada. Basta que se desloque de uma das funções pré-estabelecidas a ela. Se uma madeira era apoio entre chapas de ferro de grande porte, assim que estas chapas são movidas aqueles pedaços de

madeira ficam ali jogados sem um uso imediato, escapando à ordem industrial. Por este motivo são descartadas, coletadas por equipes que arrumam a área e as colocam em caçambas destinadas apenas para madeiras. Outro motivo do descarte acontece quando a correspondência com as pesadas peças metálicas acaba por abrir veios, como rachaduras em sua estrutura, a partir de seus nós. No ambiente industrial, as madeiras são também anônimas sem o reconhecimento de sua importância na construção naval, enquanto que no ambiente da olaria, seus fluxos vitais são plenos de possibilidades.

Ao chegar, bati na porta da casa de Olga que se encontrava fechada. Veio abrir a sua “ajudante”, Neuza. Ela abriu a porta e logo sumiu da minha vista, como já havia acontecido anteriormente. Entrou para chamar Olga. Em poucos minutos Olga apareceu, junto com a sua filha Manuela, e veio conversar comigo. Olga me falou que estava de saída e que eu podia ficar à vontade, enquanto já se dirigia até o carro. Antes de ir me avisou que havia recebido um caminhão pela manhã e que os motoristas avisaram que voltariam à tarde com mais madeira. Assim Olga, sua filha Manuela e o neto entraram no carro e saíram. Eu, voltei minha atenção para a olaria. (fragmento de diário de campo)

Já nas caçambas, as madeiras são transportadas semanalmente até a periferia de Pelotas. São quase 70 quilômetros que são percorridos primeiro por estrada asfaltada, depois cruzando a cidade de Pelotas e em seguida pode-se fazer o caminho que passa pelo aeroporto e segue ainda um bom trecho de estrada de terra batida ou o caminho que chega pelo lado extremo da região, seguindo pelo cemitério da cidade e chegando a outras ruas também de terra batida. Em Sanga Funda, os caminhões descarregam a madeira no fundo da olaria de Olga, com muito barulho e poeira. No despejo dos caminhões que basculam as caçambas, a grande massa de madeira escorrega para o terreno e forma grandes montes de materiais. A madeira é levada para a olaria, porque Olga possui um certificado de registro ambiental que autoriza o manejo destas

madeiras como biomassa em seus fornos. Olga me contou que foi indicada para receber os materiais e que antes comprava madeira para queimar.

No final da tarde fui embora. Quinze minutos após minha saída, Olga ligou para avisar que o caminhão tinha chegado, avisei que estava voltando. “Assim que caminhão chegou fiquei com pena que tu não estava aqui. Aí Manuela (sua filha) lembrou que você tinha deixado o número de telefone”. Fiquei feliz que ela tivesse ligado pela primeira vez e não perdi a oportunidade; voltei no primeiro retorno. Chegando lá vi um caminhão, do tipo bitrem (quando um caminhão leva uma combinação de duas caçambas traseiras através de “reboques” entre elas) neste caso eram containers ocupando toda a frente da olaria. Assim que me aproximei, três homens com uniformes verdes estavam sentados na pilha de madeiras tomando um “litrão” de refrigerante e comendo biscoitos. Um deles logo me perguntou “você é a moça da foto?”. Logo percebi que Olga havia pedido para que eles me esperassem. Conversei rapidamente, eles fizeram piadas e em seguida mostrei a câmera perguntando se poderíamos colocar no alto da caçamba para filmar a madeira sendo descarregada. Um deles imediatamente subiu e os outros ficaram orientando como prender. Neste momento, Olga veio para fora de casa trazendo a nota de entrega da madeira assinada e aproveitei para agradecer a ligação. Ela voltou para dentro. O foco agora era o caminhão. Quase todos na olaria pararam seu trabalho para acompanhar o descarregamento, não sei se sempre acontece desta forma, mas hoje tinha plateia além de mim.

Quando a primeira caçamba foi descarregada, dei a câmera para Eduardo filmar o evento. Os motoristas estavam muito solícitos e simpáticos. Fiquei bastante surpresa com a boa vontade deles em se ocupar com as câmeras para me ajudar na filmagem. Aproveitei os rápidos momentos entre uma tarefa e outra para conversar com eles. Falaram que a madeira vinha do “porto” e quando eles pegavam lá, traziam imediatamente para Olga, porque não tinham onde “botar”. Aquele dia vieram para mostrar o caminho para o novo motorista que ia

substituir o senhor Renato, motorista anterior deste trajeto. (fragmento de diário de campo)

Com esta madeira acumulada em montes no fundo do terreno onde os caminhões despejam, começa o trabalho de colocar estas em um caminhão da olaria. O trabalho é feito a mão, peça por peça, e é neste momento que se separam algumas peças de madeira específica: as boas peças que estão inteiras em tábuas, pesadas peças com mais qualidade ou folhas de compensado quando o objetivo são construções. As tábuas separadas ficam organizadas na frente da casa de Olga e no fundo, no meio do galinheiro. Pallets também são separados, mesmo quebrados. Depois Zé os desmonta. De dois pallets quebrados recupera um inteiro para ser usado nas entregas dos tijolos da olaria. Assim também são separadas peças de ferro que porventura vieram junto com a madeira. As peças de ferro também ficam organizadas, todas juntas, na parte da frente e lateral da casa. Essa separação não é organizada e pode acontecer em qualquer momento que os materiais estejam sendo manipulados, em qualquer parte da olaria. É um processo bem similar a catação³⁸, na verdade.

Seu João Manuel estava separando umas madeiras e perguntei como ele escolhia e para quê. Ele me respondeu “eu separo as melhores para fazer umas prateleiras.”

Entrando pelo acesso lateral logo percebi que as caixas que estavam cheias de parafusos de ferro vindos do “porto” estavam vazias e jogadas por ali. Pequenas peças de ferro costumam vir misturadas às peças de madeira. Ali, na olaria elas são separadas por similaridade de formas. Mais tarde, no mesmo dia, tive a oportunidade de perguntar

³⁸ Catação é o tipo de separação de misturas “sólido-sólido”, onde as substâncias são separadas manualmente. É utilizada na separação de grãos bons e ruins de feijão, por exemplo, e também na separação dos diferentes tipos de materiais que compoem os resíduos a serem destinados a reciclagem.

a João Manuel o que ele havia feito dos parafusos: “Vendi”, respondeu com naturalidade. (fragmento de diário de campo)

Os “meninos” vão catando a madeira e colocando no caminhão da olaria. As vezes o trabalho acontece sob supervisão de Olga, em outras João Manuel passa e separa algo que lhe interessa: ferro ou madeira. Esse caminhão então leva esta madeira que será usada nos fornos, dos fundos até o espaço entre os fornos. A madeira é descarregada através de arremessos no ar da carroceria do caminhão para a parte de cima dos fornos. Ali a madeira fica aguardando seu uso, amontoada nas duas laterais. No meio estão os buracos, por onde o fogo é alimentado. Enquanto uns separam, carregam e descarregam a madeira, outros estão trabalhando com os tijolos. Os tijolos feitos ali são maciços sem furos e sem fôrma, bem artesanais.

Quando a máquina que prensa a argila em tijolo está ligada, um dos “meninos” precisa ficar no galpão onde a argila é depositada. Este joga a argila para baixo com pá. Em baixo, outro precisa ficar gerenciando esta argila, se ela está na cinta de borracha, e recolhendo o que caiu fora. A argila vem em cintas de baixo para cima, levando em um caminho que derruba o material diretamente na entrada da máquina. A argila então é prensada e sai em formato comprimido e contínuo de argila úmida, como um infinito prisma retangular. Na “boca” da máquina tem um rolo pequeno com o nome da olaria, que vai “imprimindo” as letras em uma das faces. Esta forma retangular contínua é cortada por um fio de arame que gira circularmente sempre no mesmo intervalo.

Assim que as peças retangulares são cortadas já na forma definitiva do tijolo, os “meninos” as recolhem com as mãos, duas ou três ao mesmo tempo, e as colocam em um carrinho de mão. Estes carrinhos de mão foram feitos por João Manuel com madeira e ferro dali mesmo e formam uma “família” igual em sua função mas diversa em sua montagem e aparência. Os carrinhos circulam

freneticamente em um ir e vir, da máquina para os corredores feitos com estes tijolos úmidos. Acumulados em fileiras formando corredores, estes tijolos ficam ali para secar em baixo do telhado, mas ainda assim ao ar livre, por alguns dias.

Depois de descansar o suficiente para tirar o excesso de umidade, os tijolos são colocados dentro de um dos fornos. O processo de enchimento do forno lembra muito o movimento que acontecia na feitura. Os “meninos” usam os mesmos carrinhos de mão para levar os tijolos para dentro do forno. Dois ficam lá dentro recebendo os carrinhos e arrumando os tijolos da forma correta, em colunas, de forma que o ar quente depois possa circular entre todas as peças. Os vãos entre as colunas de tijolos dentro do forno coincidem com as aberturas na parte superior, por onde será colocada a madeira que alimentará o forno. Quem chega com um carrinho cheio, volta com um vazio para fora do forno. O forno é uma estrutura retangular feita de tijolos com duas aberturas em arco, na frente e atrás. Na sua base ele possui uma abertura de ventilação que se comunica com a chaminé e no seu topo estão várias aberturas por onde são colocadas as madeiras que alimentam o fogo para o pleno cozimento dos tijolos. O forno possui um telhado em cima que protege as aberturas superiores da chuva, por exemplo. O trabalho acontece até que todo o espaço do forno esteja ocupado. Aí o Zé o fecha.

No fechamento usam uns tijolos maiores que são reaproveitados para esta função. A própria argila é usada bem molhada como massa que acomoda os tijolos e fecha as frestas. A argila é trazida em uma caixa feita de madeira da olaria. Depois da abertura fechada, Zé passa uma camada de argila por cima de tudo para finalizar. Fecha-se com argila também as aberturas superiores e parte da frente do forno. Zé também usa embalagem de óleo cortada ao meio e com um arame como alça na função de balde para levar a argila molhada para cima do forno.

“Meu trabalho na olaria é só abrir e fechar (se referindo às aberturas dos fornos). Não é aquilo de fazer o serviço e acabar. Isso às vezes cansa. Tudo sempre igual”, falou Zé fechando um forno e me explicando porque alguns tijolos ficam pretos e outros não: “É a fumaça que ele pega”. (fragmento de diário de campo)

A abertura da frente do forno ganha uma espécie de lareira formada por uma abertura menor por onde se coloca o fogo inicial que irá pré-aquecer todo o forno. “São 12 hora de queima na frente”, me explica Pitiço, e observei que costuma ser feito durante o dia. “Depois a queima aqui em cima (do forno), que dá umas 10 a 12 hora, mais ou menos, para ele ficar no padrão mesmo pra vender.” Em seguida, um ou dois “meninos” viram a noite alimentando o forno por cima, das aberturas da frente até as aberturas de trás. Em cima do forno fica muito quente e é preciso cuidado para não se queimar ou deixar a madeira ali em cima acumulada se incendiar. O processo ao todo leva 24 horas.

Perguntei ao Zé sobre as chaleiras que sempre encontro nos cantos da olaria, nunca jogadas, sempre colocadas, ‘guardadas’ por ali. “É dos mateadores” respondeu com um sorriso largo. Comentei que nunca havia visto ninguém ‘mateando’³⁹ por ali (não os funcionários) e ele prontamente retrucou “é porque você nunca veio aqui com o forno aceso à noite. A gente coloca a chaleira em cima das tampas do forno” (aproveitando o calor extremo que sobe dali durante o acendimento e provavelmente tornando o trabalho mais prazeroso.) Durante o dia sempre tem um radio tocando música como companhia para quem trabalha ali em cima. (fragmento de diário de campo)

Enquanto o forno está aceso é necessário que o exaustor esteja ligado, puxando a fumaça de dentro do forno e liberando pela chaminé. Antônio, no início do meu trabalho de campo, comentou que se o exaustor não estivesse

³⁹ Mateador é quem gosta de tomar mate, ou seja, chimarrão.

funcionando, “podia pegar fogo ali”, do que entendi que o forno super aquece e pode incendiar toda a estrutura. Pelo que me informei, fora dali, o exaustor suga o calor dos fornos, acelerando o processo de cozimento e tempo de secagem. Este exaustor é um motor elétrico exposto e muito barulhento que acaba por liberar a fumaça por todo ambiente, já que existem frestas em várias partes da chaminé. E se faltar luz?, perguntei a Pitiço: “Aí tem que manter ele (forno) aceso, mantendo a caloria.”

Depois que o forno apaga “por conta” explicou Pitiço quando estava em cima de um dos fornos “conforme tem a chaminé, a tubulação grande que tem um maquinário ali em baixo ali. Ele puxa toda caloria daqui (forno) pra fora dele, e é aonde ele esfria e se apaga sozinho. Depois é só abrir e ‘submeter’. Assim é.” (fragmento de diário de campo)

Enquanto ainda estão esfriando, o forno e a chaminé já não liberam mais fumaça. Então Neuza e Lidiane aproveitam para pendurar roupa na parte superior, debaixo do telhado “porque aí seca rapidinho. O melhor dia para cuidar da roupa é quando o forno não está aceso, porque a fumaça deixa cheiro na roupa.” As madeiras então ajudam a amparar e apoiar a corda de roupa no topo da estrutura do forno que seca com o calor.

Frio, o forno é aberto na frente. Os tijolos são retirados e colocados arrumados na frente da olaria. Quando já tem a encomenda, são colocados em “fardos” em cima dos *pallets* refeitos por Zé e é passado um “plástico filme” transparente que garantirá que não se quebrem no transporte. Peças de madeira são usadas para escorar estes conjuntos de tijolos em *pallets* quando estão no caminhão. As madeiras mantêm o conjunto mais estável e impedem que a corda usada para amarrar a carga na carroceria do caminhão danifique os tijolos.

Zé estava fechando com barro molhado as aberturas superiores do

forno sempre com seu fone de ouvido, escutando as radios locais, segundo ele. Enquanto isso Giovani (Pitiço) colocava madeira dentro do forno meio cheio de tijolos pela abertura principal. Perguntei porque ele estava colocando a madeira por ali: “Para secar um pouco os tijolos que estão muito úmidos”. Por conta de tantos dias de chuva que a região tem sofrido, os tijolos não secam naturalmente e precisam tirar a excesso de umidade antes de cozinhar nos fornos.

Pitiço colocou algumas madeiras, derrubou diesel e colocou fogo. A fumaça começou a tomar conta do ambiente enquanto a chuva caia lá fora. Pitiço ligou um ventilador da olaria para direcionar o calor para os tijolos ali colocados. Entrava e saia do meio da fumaça, sempre verificando de perto como progredia o fogo ali dentro. Pitiço e Zé pouco conversam um com o outro também, mas estes já eram assim mesmo na época na qual ‘os meninos’ gostavam de ficar brincando entre si.

Em certo momento Lucas (filho de Olga), que sempre manobra os caminhões e máquinas buscando o barro na barreira, chamou Zé para ajudar em uma manobra onde ele ficou no caminhão e Zé ficou na retroescavadeira ajudando a levantar a caçamba do caminhão que estava muito pesada com o barro molhado que Lucas trazia para descarregar na olaria. Depois de auxiliar na tarefa de Lucas, voltou ao trabalho com as tampas do forno.

Depois de fechar as tampas do forno acima de Pitiço, Zé se encaminhou para a tarefa seguinte: abrir o forno ao lado que já estava com os tijolos cozidos dentro. É nítido como Zé e Pitiço não precisam de Olga para gerenciar o trabalho deles. Mas ela precisa gerenciar os ‘meninos’ que são novos e “diaristas” ali. (fragmentos de diário de campo)

Na olaria, Olga não para, mas faz tudo no seu ritmo. Ali ela gerencia todo o serviço dentro da olaria. João Manuel faz o serviço de rua, documento, banco “porque eu não dirijo ai tudo fica mais complicado” disse Olga e também o serviço com solda e ferro na olaria. Antes, João Manuel também cavava a argila e transportava com as máquinas. Hoje, quem faz isso é Lucas, seu filho.

Carolina, no outro dia, estava “arrumando a papelada” da associação dos oleiros para a mãe, porque iria ter uma reunião.

Mesmo dentro do percurso previsto pela indústria do polo naval de Rio Grande, que envolve desde o descarte até todo o processo da feitura dos tijolos, podemos perceber como a madeira é importante em cada etapa, sempre presente e atuante. Além do previsto. A vida de cada peça de madeira toma muitos e novos caminhos nesta trama de pessoas e coisas que cruzam seus fluxos vitais a partir do ambiente da olaria.































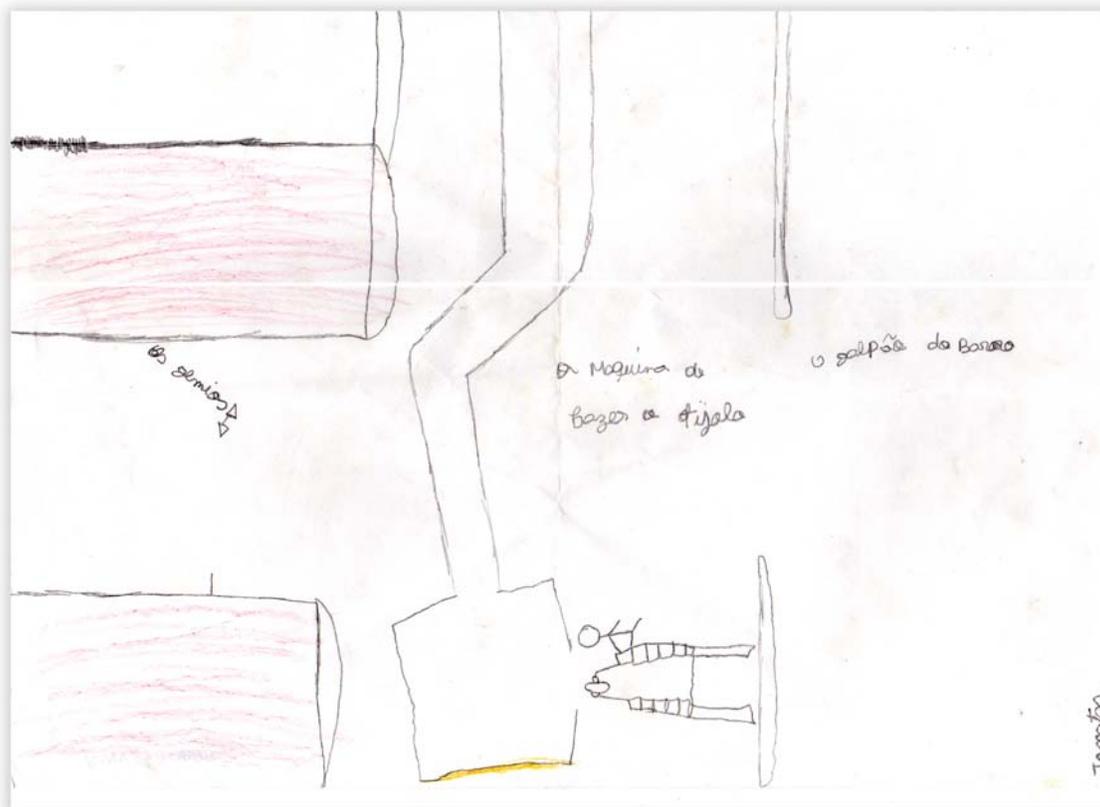


5.1 Contando histórias em traços: o desenho na etnografia

“Os úmidos (tijolos) saem da máquina e caem no processo de secagem. Aí do processo de secagem eles caem pra o processo de queima aqui dentro (do forno). Depois tá pronto pra ser vendido. Já é. Dali não tem mistério. Quem olha diz que é um bicho de sete cabeças mas não tem mistério”, explicou Pitiço, que completou, dirigindo-se à Jonatas, enquanto este assistia nossa conversa: “Mas estuda ô, estuda, que ‘Deus o livre’.” (Pitiço, fragmento de diário de campo)

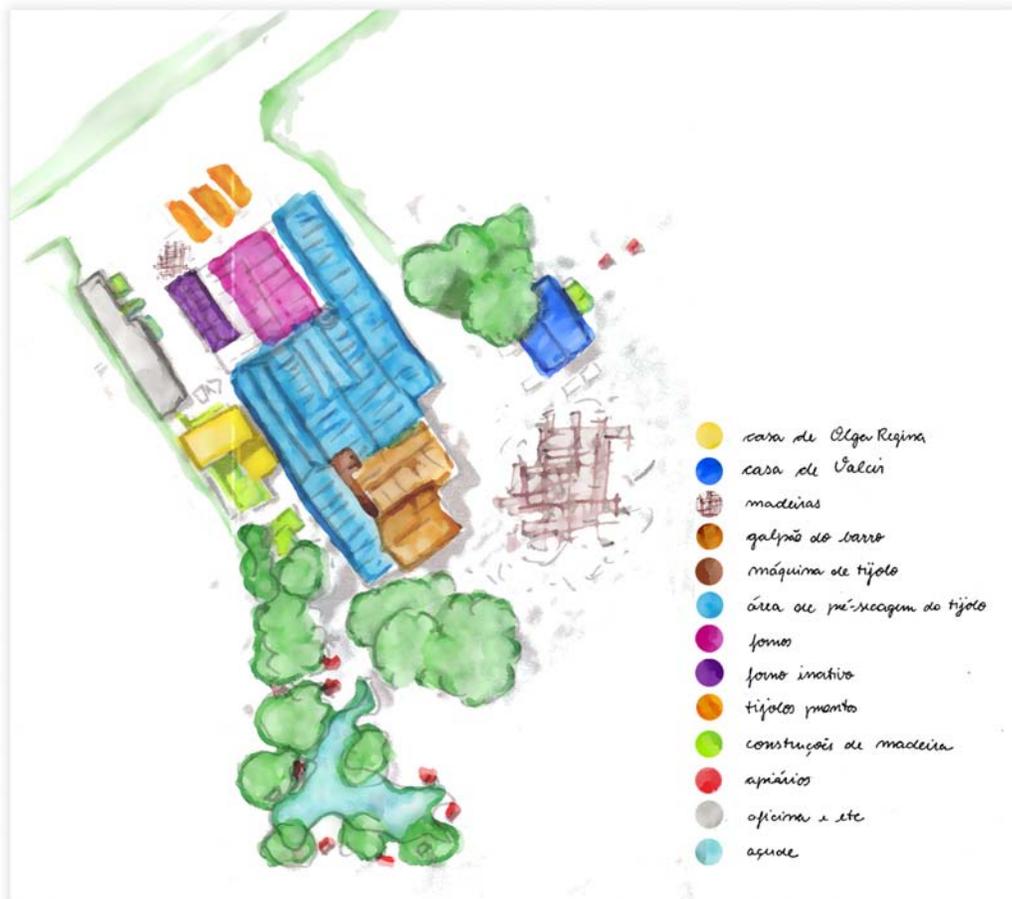
Jonatas é sobrinho de João Carlos, que chegou a aparecer algumas vezes na olaria quando eu estava. João Carlos faz trabalhos específicos, não carrega tijolo nem trabalha nos fornos, e todas as vezes em que eu estava lá, ele trouxe Jonatas junto. Este menino tem 11 anos e aparece sempre que pode por ali. “Eu acho legal (vir pra olaria). Eu aprendo bastante coisa, mas eles sempre me dizem: ‘estuda, estuda na vida, para não ser alguém na vida, pra não tá que nem nós’. Eles sempre falam isso”. Ele estuda no quinto ano.

Olga fica bem preocupada com a presença de Jonatas ali e fica vigiando para ele não fazer nada. Ficou claro que ela se preocupa com a acusação de trabalho infantil, inclusive nas conversas que tive com ela. “Os cara ficam brincando comigo de vez em quando, eu sou o “vai na venda”. Tô toda hora indo na venda pra eles.” Aproveitando que Jonatas fica puxando conversa comigo quando estou na olaria, sempre muito curiosa com tudo, pedi que ele fizesse um desenho de como percebia a olaria. Dei a ele papel e um conjunto de lápis de cor. Ele sentou ali mesmo em cima dos tijolos para desenhar.



Jonatas fez uma visão superior do interior da olaria e deu maior importância em seu desenho “à máquina de fazer o tijolo” e aos fornos, os quais ele chamou de “gemios” e o “galpão do barro” onde fica armazenado o material antes de virar tijolo. A grande área entre a máquina e os fornos onde ficam aos tijolos úmidos empilhados não foi contemplada no seu desenho. Neste seu relato em traços, vejo que Jonatas valoriza mais os locais onde acontece grande parte da ação, do trabalho.

Uso o desenho como uma forma de facilitar a narrativa (Kushnir, 2012) de Jonatas, Pitiço e Zé, os meninos com quem tive mais contato. Nestas representações, temos a oportunidade de “ver” a olaria pelo olhar deles e estimular diálogos iniciando narrativas pelo devir do engajamento com os materiais como uma estratégia para dar voz aos mesmos. Assim, torno visível suas percepções acerca do espaço e do trabalho com a madeira e o barro. Desenhos contam histórias e, por meio deles, entendemos como as pessoas percebem o lugar e as pessoas. Também eu, pesquisadora, desenho, posto que esta forma de grafia - um híbrido de imagem-texto - transmite o que uma fotografia ou o texto não comunicam completamente.



O desenho da pesquisadora busca localizar os espaços da olaria com cores e uma vista aérea (fonte: da autora)

Os desenhos, vistos como relatos, efetuam um trabalho que transforma “lugares em espaços ou espaços em lugares”, deixando claro também os jogos de relações da olaria. Não chamarei meu desenho de mapa ou cartografia pelo mesmo motivo que apontou DeCerteau (1994, p. 206); “seria um tentativa de colonizar e fixar o “lugar” das coisas e das pessoas, eliminando as práticas que modificam em seus fluxos.”

O espaço é um lugar praticado. Assim a rua geometricamente definida por um urbanista é transformada em espaço pelos pedestres [...] Deste ponto de vista, existem tantos espaços quantas experiências espaciais

distintas. A perspectiva é determinada por uma ‘fenomenologia’ do existir no mundo. (DeCerteau, 1994, pg 202)

O desenho apresenta minha percepção a partir do conhecimento “de dentro”, de seguir e ir junto com as pessoas em seus modos de fazer (Ingold, 2013). Mostro espaços distintos da olaria em um cruzamento animado pelo conjunto de movimentos que diariamente aí se desdobram. Um movimento associa o espaço a uma história de atividades situadas no ambiente, realizados ao longo de trilhas de circulação que se desenvolvem ao longo do tempo. São nós dentro de uma rede ampla de idas e vindas, ou seja, “toda parte” não é um espaço, mas uma região concatenada pelos movimentos de um lugar ao outro, de seres humanos, animais, coisas, ventos, cheiros, etc.

A ideia não é descrever o mundo, ou representá-lo, mas abrir nossa percepção para o que está acontecendo ali de modo que, por sua vez, possamos responder a ele. Antropologia, eu acredito, pode ser uma arte de questionar neste sentido. Nós precisamos não acumular mais e mais informações sobre o mundo, mas melhor nos corresponder com ele. (Ingold, 2013, p.7, tradução minha)

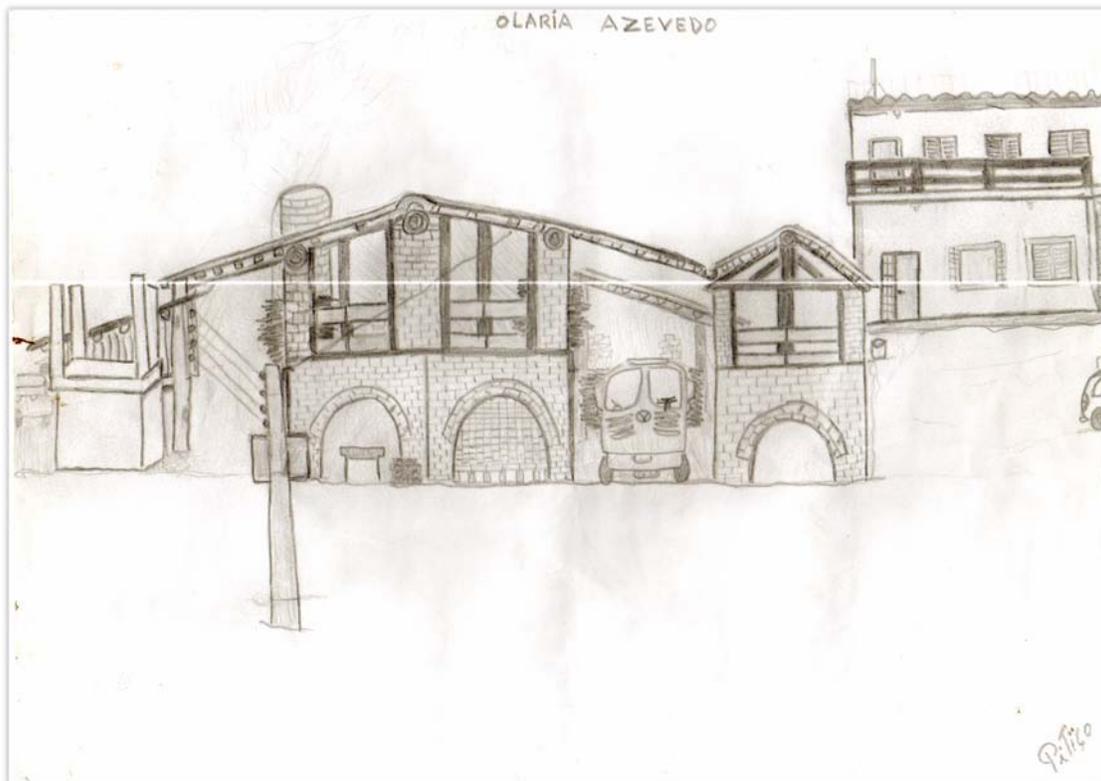
Quem fala sobre a importância de estudar com Jonatas é Pitiço. Ele tem 21 anos e seu nome é Giovani. Usa um pequeno alargador e outro brinco preto na orelha esquerda e pulseira feita de corda o que não me pareceu comum naquela região. Vaidoso e sempre risonho, “gosta de falar” como diz Olga e não se intimida com a câmera.

“Eu vim trabalhar aqui através de um amigo há uns quatro anos atrás. Ele me convidou pra vim trabalhar no final de semana com ele. E aí viemos aqui procura ela (Olga). Pedi serviço pra ela. Aí fiquei trabalhando ai, gostei de trabalhar ai e já faz quatro ano que eu tô aqui dentro aqui. Antigamente quando eu peguei aqui a primeira vez eu só sabia trabalhar com o tijolo. Aí o cara que trabalhava comigo ensinou os “trocós”, trabalhar com o maquinário, trabalhar com a mecânica.

Ensinou a trabalhar com tudo que tem aqui hoje. Aí hoje sim, o que tiver que fazer aqui dentro, hoje eu faço. Não tem problema. Hoje ele não trabalha mais aqui, foi o Hélio” falou apontado em uma direção do bairro. (Pitiço, fragmento de diário de campo)

Quando Olga viu que eu tinha pedido um desenho a Jonatas, logo comentou que Pitiço desenhava bem. “Eu nunca vi, mas todo mundo fala” disse ela me estimulando a falar com ele. Pitiço achou graça do meu pedido e falou que ia fazer em casa e depois trazia. Olga também estava curiosa para ver o desenho que Pitiço havia feito da olaria. Aliás este pedido meu, para que eles desenhassem a olaria, mobilizou tanto a família de Olga quanto os ‘meninos’. Apesar dos outros não quererem desenhar, todos gostaram da ideia e isto gerou bastante conversa entre eles e comigo. Pitiço tem tanto cuidado com seu desenho que não trouxe para não estragar e pediu para sua irmã trazer na hora do intervalo. Entregou o mesmo enrolado para não dobrar o papel. Olga ficou tão admirada com o desenho de Pitiço que pediu para tirar uma cópia antes de eu levar. Vendo a reação de todos, Pitiço falou alto “Tá vendo? Daqui a pouco vou fazer uma exposição aqui na olaria” saiu falando alto e rindo, enquanto sumia em meio às fileiras de tijolos.

Imediatamente, Olga levou o desenho ao “escritório”, ali no canto da sala da casa, e pediu para a filha Carolina tirar uma cópia. Carolina copiou e colou na parede com fita adesiva.



Pitiço contou, ao entregar o desenho, que “ficou sentado ali na frente desenhando” e todos quiseram ver o resultado. Na sua representação percebe-se os núcleos valorizados: a olaria e a casa de Olga, a amarela. O caminhão que carrega a madeira também aparece estacionado entre os fornos, assim como o poste de energia elétrica da rua. Ele também desenhava um forno fechado e outro preparado para o acender. No seu desenho, as madeiras estão organizadas no caminhão e em cima do forno.

Em outro dia, logo na chegada, comentei com Olga que estava curiosa para ver o desenho que Pitiço traria naquele dia, mas “o pitiço não veio trabalhar hoje. Funcionário de olaria é complicado. Segunda então, eles as vezes não aparecem.” contou Olga. Perguntei sobre folha de ponto e ela confirmou que eles tinham, mas que o Anão, por exemplo, já tinha perdido as férias e “estava devendo uns três meses de tantas faltas”. (fragmento de diário de campo)

Anão é o apelido de Vitor. Ele tem 19 anos e conta como começou a trabalhar na olaria: “Comecei a trabalhar aqui porque parei de estudar e não

tinha outro serviço, e aí a gente tem que fazer o serviço que tem, né?” falou. Como realmente Anão não estava muito por lá, eu não tive a oportunidade de conversar muito com ele e, conseqüentemente, não houve a troca etnográfica pelo desenho. Mesmo assim ele aceitou bem a câmera.

Essa relação através do desenho também consegui estabelecer com Dani, a afilhada de Lidiane, que sempre circula acompanhada pela olaria. Ao me ver segurando um estojo de lápis de cor, ficou muito curiosa. Eu logo lhe dei o estojo e falei para ela fazer um desenho da olaria para mim. Em meu retorno, perguntei se ela tinha feito o desenho e Dani acenou que não, com expressão preocupada. No mesmo dia mais tarde, ela apareceu com Larissa, e me deu um desenho. Eu estava com a câmera nas mãos e ela logo posou para mim, esperando que eu tirasse uma foto.

Mais cedo, quando estava caminhando pela olaria, percebi a porta da casa de seu Valcir aberta e vozes ali dentro. Me aproximei. Era seu Valcir sentado no sofá e Dani em uma poltrona vendo um filme na televisão. Em pé ao lado, estava Letícia com Mirela, sua bebê, no colo. Me convidaram a entrar e sentar no sofá “não liga para a bagunça” disse seu Valcir que é o único que sempre se desculpar acerca da arrumação. Ali conversando comentei sobre o desenho e fiquei sabendo que quem desenhou foi seu Valcir, quem pintou foi Letícia e não a Dani. (fragmento de diário de campo)



No desenho vemos a casa de seu Valcir “casa do vô” e o galinheiro ao lado da casa, mas na realidade fica atrás da casa de Olga do outro lado do terreno. Também aparecem uma árvore, nuvem e sol. A fumaça na chaminé da casa lembra os fazeres do campo, no fogão a lenha

Zé foi outro que fez desenhos da olaria para mim. O apelido de Zé vem de Zé do Brinco porque, mais jovem, usava brinco. Seu nome é João Ricardo de Brito Mota (foi o único que fez questão de falar o nome completo) e tem 46 anos. Morador de Sanga Funda há 30 anos, trabalha na olaria há mais de 4 anos.

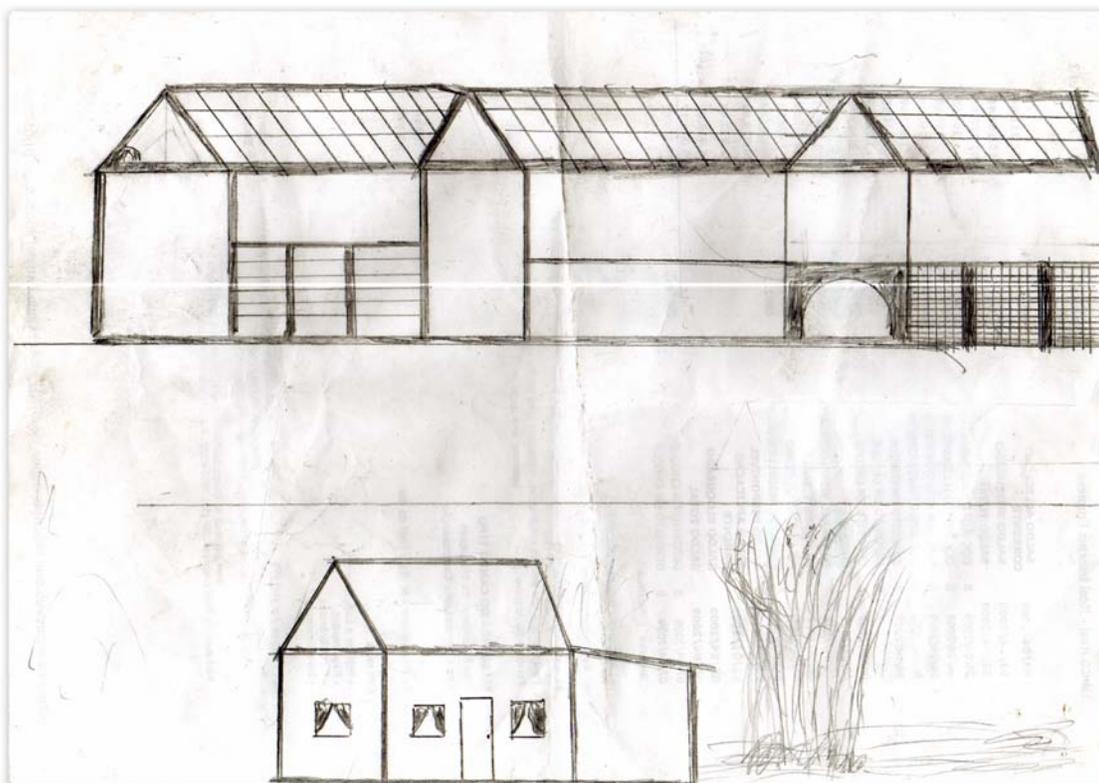
Quando estávamos conversando sobre o que já tinha sido feito com a madeira: “O galinheiro todo foi dali, o chiqueiro, tudo. O meu irmão fez uns quatro galpões lá. Eu não fiz ainda de preguiçoso. Fim de semana eu pesco muito. Eu saio cedo e pesco pra fora. Lá em Santa Vitória (do Palmar) e Santa Izabel (do Sul). Tanta preguiça. Eu chego cansado e não faço nada. Sei tudo de pesca. (Zé do Brinco, fragmento de diário de campo)

O trabalho aqui (na olaria) é muito bom. Trabalho aqui há quatro anos e meio e nunca tive uma “troca de palavra” com eles. São muito bom pra mim. Nunca mesmo. (Zé do Brinco, fragmento de diário de campo)

Já virou rotina que nem bola eu dô. Às vezes dou uma surtada. Ah dô! Ainda mais quando a ferramenta não tá no lugar. Eu procuro ela, aí vou procurando. Ai eu dô uma surtada. Aí ela (Olga) diz assim: ‘o Zé tá brabo. Também vai pegar a ferramenta dele. Tá brabo’.” (Zé do Brinco, fragmento de diário de campo)

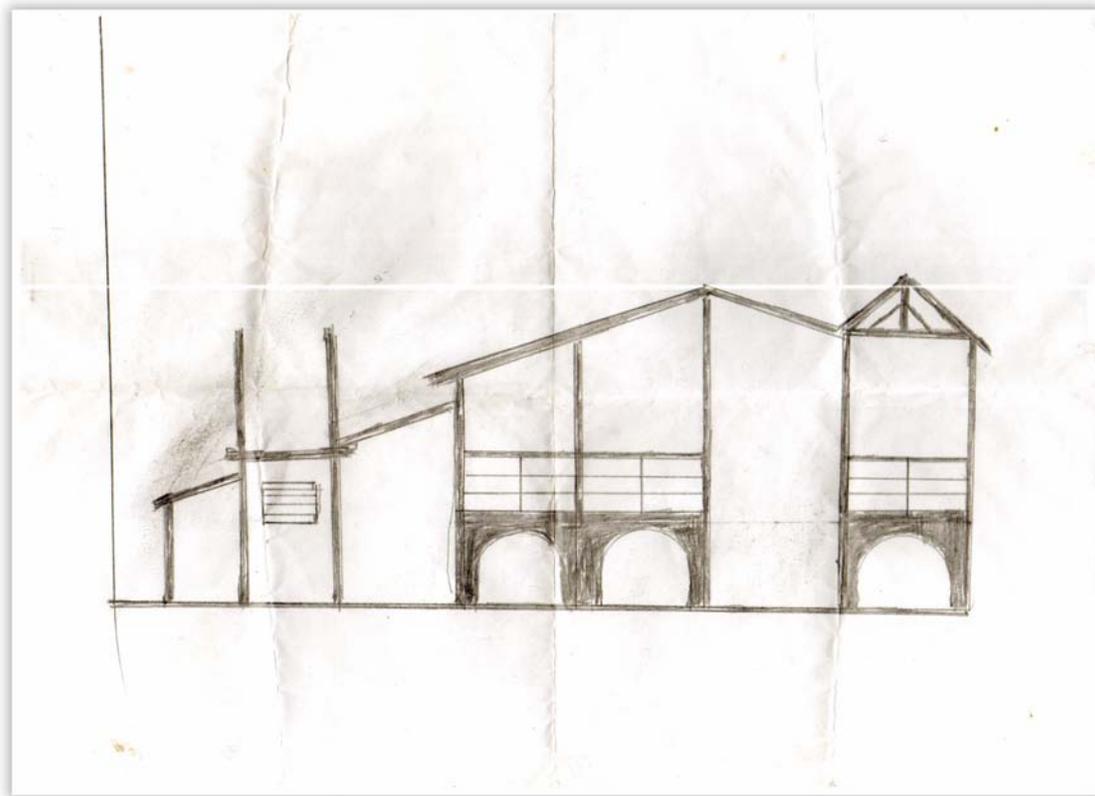
No final do meu trabalho de campo, me aproximei mais de Zé do que dos outros “meninos”. Passei a acompanhá-lo em suas tarefas na olaria, no galinheiro, e me sentava, em pedaços de madeira, junto com ele na hora do intervalo. Seguia-o, fotografava, conversava com ele, perguntando e respondendo curiosidades um do outro.

Zé estava varrendo o local que antes era a loja de roupas, agora sem as araras, sem roupas e sem a parede de fundo: um grande salão com piso irregular e muitas cadeiras que iria servir a uma reunião da associação de oleiros. Me despedi de Zé e sai com a promessa de voltar para buscar seu desenho. (fragmento de diário de campo)



Neste primeiro desenho, Zé fez uma visão lateral da olaria. No desenho de cima vemos, à esquerda o fundo do terreno, onde fica localizado o galpão do barro. O centro vazio do desenho é a parte da olaria onde são colocados os tijolos úmidos. No lado direito, um dos fornos. No desenho de baixo, a casa de seu Valcir, que fica exatamente nesta posição em relação a olaria. Zé costuma estar muito com seu Valcir, conversando e cuidando dos animais, por exemplo

Voltando novamente a campo, encontrei Zé saindo de bicicleta assim que cheguei. Perguntei se ele tinha tido tempo de fazer o novo desenho da olaria. Imediatamente Zé colocou a mão no bolso e retirou um papel dobrado. “Foi o melhor que deu para fazer.” Falei que estava ótimo e ele respondeu “Menos. Menos.” E saiu pedalando e falando “Não mostra para ninguém não”. (fragmento de diário de campo)



Neste segundo desenho, Zé lembrando do desenho do Pitiço, representou a olaria de frente, mas mesmo assim não inseriu a casa de Olga no desenho.

Zé costuma ser muito solicitado para fazer coisas ‘na rua’: colocar créditos no celular, comprar alimento para os animais, buscar coisas para a casa de Olga. Ele sempre o faz de bicicleta. Confidenciou-me sobre o trabalho na olaria: “é só abrir e fechar (se referindo às aberturas dos fornos). Não é aquilo de fazer o serviço e acabar. Tudo sempre igual.” Falou isso, fechando um forno e me explicando porque alguns tijolos ficam pretos e outros não: “é a fumaça que ele pega”.

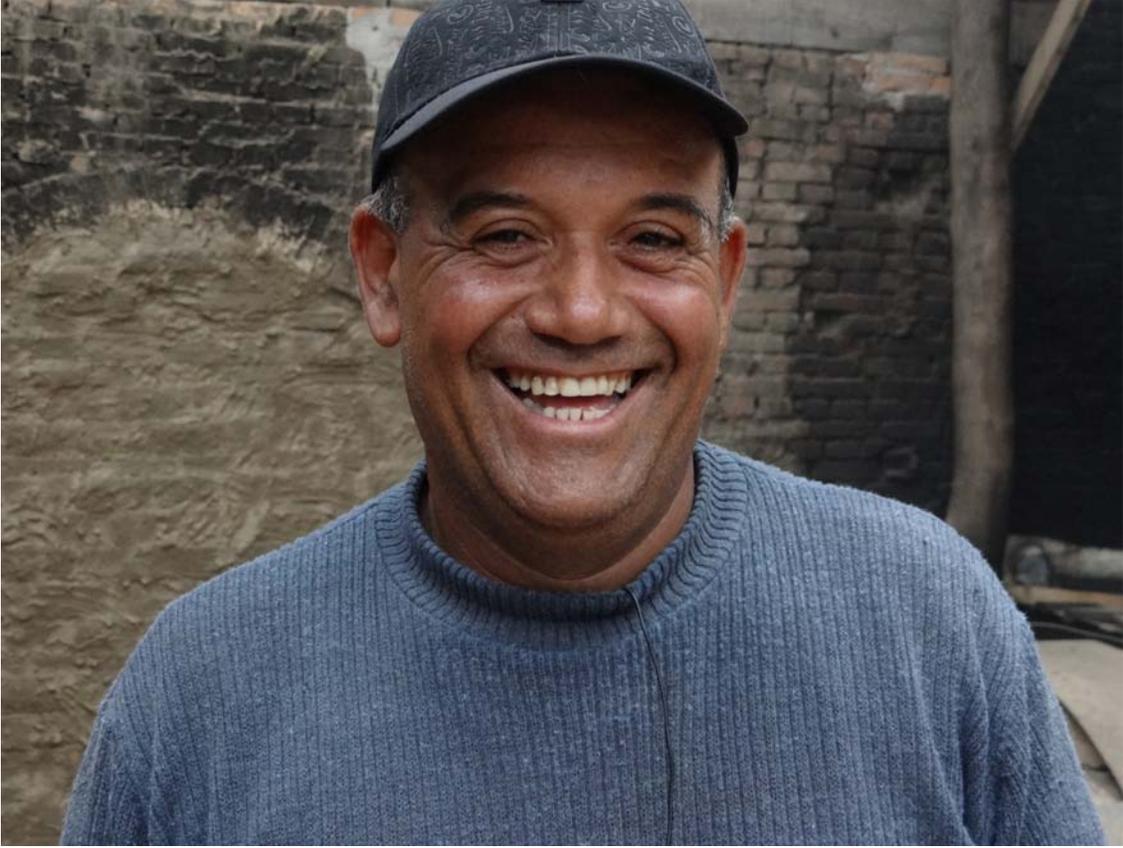
No último dia, quando fui me despedir, Zé apareceu e demonstrou ficar sentido com minha partida. Fez questão de dizer que me considerava muito. Disse que falava em nome de todos os “meninos”, porque todos concordavam que eu sempre os tratei bem e eles gostam de mim. Falou com os olhos marejados. Dei-lhe um abraço.





“Com a madeira dá pra queimar, fazer os troços que eu fiz lá” (referindo-se à gaiola para as galinhas), disse Anão.







5.2 O Devir dentro da olaria

A uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde “outra” produção, qualificada de “consumo”: esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios mas nas “maneiras de empregar” os produtos impostos por uma ordem econômica dominante. (DeCerteau, 1994, p. 39)

Práticas e “modos de fazer”, que são rotineiras na olaria de Sanga Funda, são destacadas nesta etnografia como experiências particulares e solidariedades que organizam o espaço onde acontecem, delimitando o campo de estudo. Sigo as coisas que revelam as pessoas, assim como sigo as pessoas que revelam as coisas.

Quando fiz aquele *tour* na olaria, no início do trabalho de campo, Olga havia comentado que cedia madeira para pessoas que precisavam “construir alguma coisa, como um galinheiro”. Conforme o encontro etnográfico foi se estabelecendo com as trocas de confiança através das imagens e da comida, percebi que um dos galinheiros que havia sido construído com a madeira dali era o seu próprio, que fica atrás da casa amarela. Nesta área, além das estruturas para as galinhas, vemos um estoque de madeiras selecionadas, dentre as que chegam como descarte, estruturas que comportam chiqueiros e outras tantas dedicadas à criação de animais, como patos, gansos, etc.

Conheci seu Valcir depois que Vanessa e Eduardo se separaram e deixaram de morar na casa ao lado da olaria. Foi quando ele voltou a morar ali: “Vou arrumar tudo aqui. A menina não cuidava das coisas”. A menina a que ele se referiu é Vanessa, que andava ficando mais em São Lourenço, município vizinho a Pelotas, onde eles tem outros familiares. Valcir também contou que comprou o terreno ao lado da olaria, onde fica a casa atualmente, mas que não estava morando ali desde que sua esposa havia falecido, há mais ou menos

dois anos: “mas agora eu vou arrumar isso tudo”. Olga já havia me contado que eles antes plantavam e que, como as coisas não iam bem com a agricultura, seu Valcir e família se mudaram para lá.

Enquanto conversávamos, me levou até a garagem da casa, mostrando algumas tábuas separadas. “Estas daqui, eu separo e uso para as abelhas”. “Abelhas?” perguntei. Ele logo atravessou uma portinha nos fundos da garagem que leva ao quintal da casa, o único acesso viável, já que as laterais da casa estão tomadas de resíduos diversos, desde carros velhos a madeiras, entre outras coisas descartadas. Ali atrás, encontrei uma estrutura feita de madeira reaproveitada, onde várias plantas, como um pergolado. Um jardim bem cuidado: uma grande roseira misturada a uma videira, um tipo diferente de maracujá e outras plantas trepadeiras tornavam aquele canto, atrás da casa de seu Valcir, muito aprazível e agradável para meus olhos. Algumas galinhas soltas. Ele foi andando e me apontou algumas caixas de madeira no meio do mato um pouco afastadas da casa: “ali tem as minhas abelhas, eu pedi permissão até para os vizinhos, porque, né?...” interrompeu sua fala. Eu logo percebi o porquê de nunca ninguém ter falado sobre as abelhas: por cautela, pois não é permitido colmeias ou apiários em zona urbana a fim de evitar acidentes. O terreno estava fofo; o meu pé afundava na terra que, ao mesmo tempo, parecia seca “é porque eu uso palha de arroz para adubar aqui, por isso que fica assim quando a gente pisa” disse Valcir. Conversamos sobre as plantas, uma pet que virara vaso, outra um ninho. Um porongo que era casinha: “Ah é! Aqui nasceu um monte de porongo no meio dos pallets. Olha, cuidado que pode ter cobra!” Suspirei aliviada pois naquele dia, eu calçava botas.

Em outro momento, encontrei Lidiane, filha mais velha de Valcir e esposa de Lucas, e comentei como havia ficado encantada com o quintal que seu pai cuidava e as caixas de abelhas. Logo Lidiane me mostrou outra caixa que estava ali nos fundos do quintal de Olga, feita com as madeiras e materiais da olaria. “Hoje trouxemos os gansos nestas caixas feitas pelo pai” mostrou, abrindo uma portinhola de correr na frente da caixa que estava vazia ali no chão.

Perguntei onde estavam os gansos. “Nós soltamos no açude ali atrás”. Fiquei surpresa porque não tinha percebido o açude antes.

Lidiane me guiou até a parte nos fundos do terreno onde, antes, eu considerava que não era mais parte da olaria. Havia um açude, árvores e um terreno bellissimo cheio de patos, e a família de gansos que estava do outro lado. A paisagem fica bela em dias de sol. Em toda a volta do lago, podia-se ver caixas de abelhas ao longe, no meio das árvores. Logo ao lado, uma parte com lama e muitas plantas aquáticas. “Aqui tem até tartarugas, elas vieram outro dia, com o lixo da prefeitura. Eles trouxeram a lama da obra da estrada e colocaram ali, veio um monte de bichinho junto”, disse Lidiane. Neste momento, soube que a olaria não apenas recebe o resíduos do polo naval riograndino, mas também recebe os resíduos levados pela prefeitura de Pelotas, neste caso lama, considerada aterro. Voltando do açude percebi que existe um curso de água vindo da casa amarela. Talvez seja esgoto a céu aberto. Esta água vai diretamente para este açude e ao mesmo tem um cano que sai deste açude e vai até a casa de Olga ou para a olaria, não consegui definir.

Como eu tinha me afastado por certo tempo do trabalho de campo, neste dia também eram nítidas novas construções no galinheiro. Um canil tinha sido construído e estava abrigando dois cachorros brancos. Como todos os outros sempre estão soltos, logo perguntei o motivo. Era para cruzar. Atrás do chiqueiro, que já estava pronto anteriormente, tinha outro chiqueiro, agora com 4 filhotes de porco. A cerca e o telhado deste eram de madeira, mas o chão tinha tijolos revirados, misturados com a lama. Isso se deve ao fato de que eles já escavaram aquela área para extração de argila e depois aterraram, usando os próprios tijolos não aproveitados, como Olga me explicou: “Como os porcos ‘fuçam’ o terreno, os tijolos voltam a aparecer na tona”.

Outro dia, encontrei Neuza, Zé e seu Valcir conversando preocupados no quintal. Observavam os galinheiros e falavam sobre os pintinhos que estavam sumindo. O consenso foi de que provavelmente ratos os estavam comendo: “esses ratos ficam ai nessas madeiras” disse o Zé apontando para as madeiras selecionadas e acumuladas entre os galinheiros.

Podemos perceber uma infinidade de vidas se relacionando, e o fluxo vital da madeira que parecia simples e definido, correspondendo-se com as pesadas peças metálicas, sendo descartadas e inicialmente terminando no seu encontro com o fogo - virando cinza, fumaça e cheiro – na verdade é uma trama de fluxos vitais mais elaborada. Neste fluxo vital da madeira, ela se cruza com as linhas vitais dos humanos, dos animais, etc., que se relacionam com o material. As formas de correspondência são variadas, de acordo com o modo como, e com quem, a madeira se apresenta nesta relação. Madeiras em chapas compensadas tornam-se paredes. Madeiras em pallets, novos pallets. Tábuas de boa qualidade são separadas para se tornarem móveis ou estruturas diversas. Tábuas de bom formato, mais leves por sua natureza, viram apiário. Peças com muitos pregos, enroladas em plásticos, pedaços pequenos ou com menos rigidez são levados ao forno, virando biomassa. Sem dúvida podemos afirmar que a própria natureza de sua materialidade, ou a forma como se corresponde com seu entorno define parte do seu fluxo de vida. Esta forma da madeira já uma consequência de seu fluxo vital vindo da indústria naval; antes, chapas de compensado eram embalagens de grandes peças mecânicas; tábuas de boa qualidade eram usadas em andaimes; pallets que já carregaram outros materiais e grandes pedaços de madeira foram cunha, amparando e nivelando estruturas metálicas. A madeira, em toda a sua vida, pode e deve ser reconhecida como coisa, que não está contida dentro de uma superfície, e se corresponde com tudo e todos à sua volta: vento, sol, chuva, poeira, humanos, animais, argila, fogo entre outras coisas. Mas não só a madeira, e sim todas as coisas.

Para Ingold, o interesse está em compreender a experiência da vida que se dá no fluxo dos materiais (luz, som, vento, líquidos, etc) que diluem os limites dos corpos, das mentes e das superfícies. Devemos seguir esses fluxos, traçando os caminhos através dos quais a forma é gerada, onde quer que eles nos levem. Dentro de todos estes argumentos a chave da compreensão está em

ter como foco a atividade em si mesma, independente de quem a realiza. Para Ingold, a vida não está contida dentro de coisas: ao invés disso, é deixada ao longo de trilhas de movimento, de ação e percepção, tramas que são incorporadas na paisagem. A vida não é contida, ela é própria às circulações de materiais, que continuamente dão origem à forma das coisas. É através de sua imersão nessas circulações que as coisas são trazidas à vida. Afinal, ao antropólogo cabe, como afirma aquele autor, acompanhar a história dos materiais e descrever suas propriedades, atento a como elas se apresentam em diferentes arranjos e momentos particulares.



















5.3 Fluxos e Engajamentos

O objetivo nesta pesquisa sempre foi o de avançar no investimento em torno da noção de correspondência, tal como Ingold define uma relação com o mundo. Propus-me a seguir os engajamentos dos atores com os materiais, perseguindo os modos através do quais uns se engajam com os outros, conformando novas materialidades e novas sociabilidades a partir do que, anteriormente, fora descartado pela indústria.

Enquanto pesquisadora, assumi um papel ativo em meio a esses processos de engajamento, colaborando com os atores em meio aos movimentos em que eles se engajam com os materiais, dando-lhes outras vidas possíveis. Algumas madeiras seguiram novos fluxos ao serem coletadas por mim, cortadas com a moto-serra por Pitiço, transportada em caixas de papelão em caminhão junto com minha mudança do estado do Rio Grande do Sul ao estado do Rio de Janeiro, onde, em novo ambiente, passou por outra seleção e foi trabalhada pelo marceneiro na cidade de Petrópolis com o objetivo de voltar ao Rio Grande do Sul, agora na forma de coisa acadêmica.

Hoje entrei no meio das madeiras, subi em um monte delas. Escorreguei e quase cai quando pisei em uma chapa metálica que julguei ser papel antes de pisar. Muita poeira. Algumas tábuas de madeira são muito pesadas e difíceis de puxar no meio de tantas outras. Outras são leves e fáceis de resgatar. Algumas são curtas e quando inferimos muita força para retirar da pilha vem fácil por serem curtas, enquanto algumas com cortes se prendem como ganchos em meio ao emaranhado de madeiras. Escolhi as mais leves e finas para serem cortadas pela moto-serra que estava sendo manipulada por Pitiço. Uma peça era particularmente diferente, grossa e com os veios bem abertos. Esta praticamente se desmanchou quando cortada pela moto-serra. Pitiço, com muito capricho e atenção, cortou com delicadeza e cuidado, mesmo com uma motosserra, diferente da forma

como lida com as madeiras ali de modo geral. As madeiras cortadas pela motosserra ficam com uma mancha preta no local do corte, vestígio do óleo usado na máquina. (fragmento de diário de campo)



Para Ingold, assim como a observação participante, a escavação arqueológica também é um modo de conhecimento de dentro, uma correspondência entre atenção consciente e matérias animadas conduzidas por mãos habilidosas. Sendo assim, é da correspondência com a madeira e com o mundo à sua volta que o conhecimento antropológico surge nesta pesquisa.

Quando me refiro à correspondência, nos termos de Tim Ingold, devo salientar que vejo relação com a teoria da dádiva de Marcel Mauss. Em Mauss, as relações de dar, receber e retribuir acontecem entre humanos por meio das materialidades portadoras de alma, seu 'mana'. "O que Mauss estabelecia [...] era a possibilidade de egos interpenetrarem, para reunir-se, e cada um para participar da vida em curso do outro" (GATT, INGOLD, 2013, p. 142, tradução minha) e o outro, nesta pesquisa, sempre pode ser uma coisa. Em Ingold, ao simetrizarmos as relações entre natureza e cultura, humano e materialidade, seu conceito de correspondência – relação com o mundo – pode ser pensado no mesmo modo de dar, receber e retribuir de forma holística: correspondem-se coisas entre si, e pessoas e coisas da mesma forma. A troca de presentes, palavras ou reações do material a outra coisa ou sujeito estabelece uma correspondência. "Corresponder com o mundo, em suma, não é para descrevê-lo ou representá-lo, mas para responder a este" (GATT, INGOLD, 2013, p. 144, tradução minha).

Ingold advoga um modo de pensar através do 'fazer' na qual praticantes atentos e materiais ativos continuamente respondem a, ou correspondem, uns aos outros na geração da forma, reconhecendo a forma como emergente, em vez de imposta. Fazer - em Ingold (2013) - é um processo de correspondência, não de imposição de formas preconcebidas em materiais. Se fazer é extrair ou trazer os potenciais imanentes em um mundo do devir, é também, portanto, dar (aplicar) ao material uma força, receber de volta uma resposta material em forma de lasca, corte ou moosa, em resposta ao gesto e à ferramenta, e retribuir ao comportamento do material, adequando seu gesto ou ferramenta. Assim transcorre continuamente: coisa e sujeito, trocando forças e se moldando um ao outro, em um devir. Cada material é tal devir, um caminho ou trajetória através

de um labirinto de trajetórias. A própria coisa também define, junto com o sujeito, como será a relação de ambos.

Na olaria, todos os fluxos são a própria superação da dualidade entre o pensamento e as atividades humanas de intervenção no mundo: o ambiente no qual acontecem as formas de engajamento organismo/pessoa com os materiais. Estes são parte dos instrumentos analíticos utilizados por Ingold e buscados por mim, pesquisadora. Podem ser vistos como construção desse esquema básico pertinente à autoconsciência e à imagem do homem no mundo.

De Certeau (1994) sinaliza que não devemos transformar o “fazer com” em “usos e costumes”, o que geralmente acaba por estereotipar procedimentos reproduzidos por grupos sociais. Para Ingold, se queremos entender como as coisas são feitas, o “fazer” deve ser observado pelo engajamento e correspondência com os materiais, ou seja, pelo dar, receber e retribuir entre a coisa e o sujeito ou com outras coisas, em minha interpretação.

As relações sociais e a consciência não são causa e efeito, são engajamento. Por isso, Ingold busca evidenciar uma “vida própria da matéria”, em que as propriedades dos materiais, como a pedregosidade da pedra ‘não são atributos mas histórias’ (INGOLD, 2011 *apud* INGOLD, 2013, p.30 tradução minha).

Conversando sobre os trabalhos de João Manuel, ele fez questão de mostrar a cama que havia feito com a madeira da olaria para o quarto da filha: “ Fiz uma cama para Manuela quando se mudou de volta pra cá com história da separação do pai de Heitor”. Na verdade, a casa toda tem pequenas histórias de engajamento com os materiais. As formas como as madeiras foram dispostas e reaproveitadas mostram muito sobre as próprias pessoas da família. (fragmento de diário de campo)



A cama de Manuela feita por João Manuel. O quarto, que fica dentro da casa de Olga, também tem prateleiras e um microondas. O que torna Manuela mais independente, por exemplo, na hora de esquentar a mamadeira de Heitor.

Caminhando por lá em uma tarde vi seu João Manuel em sua oficina concentrado, cortando um metal ou alumínio de forma manual. Logo me aproximei para saber do que se tratava a tarefa: “tô fazendo as lâminas da boquilha, que faz os tijolos”. Ele se referiu ao termo boquilha como nome da peça de saída da máquina que prensa a argila. Como um “bico de confeitiro” dos tijolos. Esta peça tem pedaços de alumínio dentro que são responsáveis por raspar todos os lados e

formar a peça contínua de argila que é cortada para virar o tijolo maciço. João Manuel fez questão de me mostrar como ele media e sabia o tamanho que ele precisava cortar. “Tem que calcular se tá certinho” falou, pegando um pedaço cortado de papelão e comparando com o metal cortado. “Eu coloco o número nele, ai fica mais fácil” falou orgulhoso. João Manuel tem os moldes todos desenhados, cortados e numerados em papelão e os usa como molde para fazer os cortes no metal. “Depois eu prego na madeira”. Sem demora se levantou e trouxe uma boquilha pronta para mostrar o que ele estava fazendo exatamente. (fragmento de diário de campo)

Percebe-se que na olaria o “fazer” não obedece a nenhum plano específico. Podemos observar o pensar através do fazer no trabalho de João Manuel; não é possível prever, enquanto o trabalho está em andamento, se complicações surgem no processo em decorrência das trocas com os materiais, assim como não são previsíveis os meios que serão desenvolvidos para lidar com elas. Os pedaços de papelão, como referência do formato e das medidas, são exatamente um meio de lidar com as complicações advindas da relação com o material no fazer mas, principalmente, são o que “precede e orienta a tarefa”.

A nossa capacidade de projetar é tida como constitutiva de nossa própria humanidade por Gatt e Ingold (2013); “Humanos diferem fundamentalmente de outros animais na medida em que eles são movidos por um ‘objetivo estabelecido previamente’” (ENGELS, 1934 apud GATT;INGOLD, 2013, p. 139). A continuidade deste conhecimento adquirido na relação de correspondência e engajamento com o material é assegurada através do tráfego de comunicação entre João Manuel e Lucas, quando este passa a fazer tarefas que antes eram exclusivas do pai.

Em qualquer grupo social, as escolhas tecnológicas resultam de valores culturais e relações sociais, ao invés de benefícios advindos da própria tecnologia e a possibilidade de analisar um “fazer” diferente dos modelos que predominam, de cima para baixo, da cultura habilitada pelo ensino: fica mais interessante ainda pelo fato de que venho de uma formação em desenho industrial.



Nesta observação do “fazer” na olaria ficou claro que Valcir é o outro “*maker*” além de João Manuel. Valcir também faz peças com a madeira, como as caixas das abelhas e a outra para o transporte dos gansos, além dele mesmo estar trabalhando “arrumando tudo lá” na casa dele, ao lado da olaria. João Manuel faz peças para dentro de sua casa e o que mais estiver precisando para o trabalho na olaria. É ele quem trabalha com os metais e a máquina de solda. Foi ele quem construiu as grades e escadas novas para a olaria, itens que a fiscalização exigiu. João Manuel também faz reparos nos carrinhos que os “meninos” usam e faz manutenção nos motores da empilhadeira, caminhões e carros deles. É provável que daí tenha surgido o interesse de Lucas em estudar engenharia mecânica.

Ao redor da olaria tem alguns carros e caminhões antigos, nem todos estão “no uso”: “Eu compro para aproveitar as peças e reformar os que eu já tenho, mas não tive tempo ainda. Olha este caminhão!” João Manuel mostrou orgulhoso seu caminhão de carroceria turquesa.

Na olaria todos se engajam com os materiais. Reparei em uma embalagem que já estava montada havia algum tempo ali dentro, algo como uma caixa com grade de madeira e fecho em cima. Hoje a peça estava com a “grade” pintada de preto e algumas letras na lateral. “Isso é coisa do Anão. Na hora do intervalo, ele sempre trabalha mais um pouco nisso. Eu dei as madeiras. Acho que ele vai fazer um galinheiro” disse Olga.

Da mesma forma, em uma das vezes que sai pela porta da casa amarela, notei uma pequena cadeira feita de madeira reaproveitada com o nome Davi, em cima de um carretel de madeira pequeno também. Formavam uma mesinha e uma cadeira infantil. Davi é neto de Olga, o filho de Lucas com Lidiane. O conhecimento do “fazer” é tanto aprendido quanto passado como uma tradição viva, nas palavras ditas e nos atos manifestos dos praticantes, deixando poucos vestígios específicos do ensinamento, mesmo que seu resultado seja evidente.



Davi, filho de Lucas.

Também fui apresentada ao marceneiro Guido, que mora e trabalha perto dali e fez um móvel, sob encomenda de Olga. Sua oficina fica no quintal de sua casa. Guido usou madeiras que ele mesmo selecionou, dentre os descartes disponíveis na olaria. Fomos, eu e Olga, até a oficina do marceneiro onde ele mostrou orgulhosamente o móvel e a bancada que ele havia feito com a madeira da olaria. A bancada é para ele trabalhar e, em cima dela, estava o móvel que fazia para Olga. Mostrou todos os detalhes, além de diversos outros trabalhos que ele fez para sua própria família. Fui de ambiente em ambiente de sua casa, com ele me guiando e mostrando cada peça construída com suas mãos.



“Preciso de um lugar para guardar as cadeiras e os sapatos do João Manuel” Olga para seu Guido.

O móvel que Guido fez foi encomendado para organizar coisas no corredor da casa de Olga. Este corredor possui duas portas pintadas de branco e as paredes pintadas de verde água. A sala onde ficam os sofás tem as paredes pintadas de amarelo, como a fachada, mas a cozinha é branca. Uma dessas portas, a do fundo, é entrada do quarto do casal, Olga e João Manuel. A segunda porta mais próxima da sala é a do quarto de Carolina.



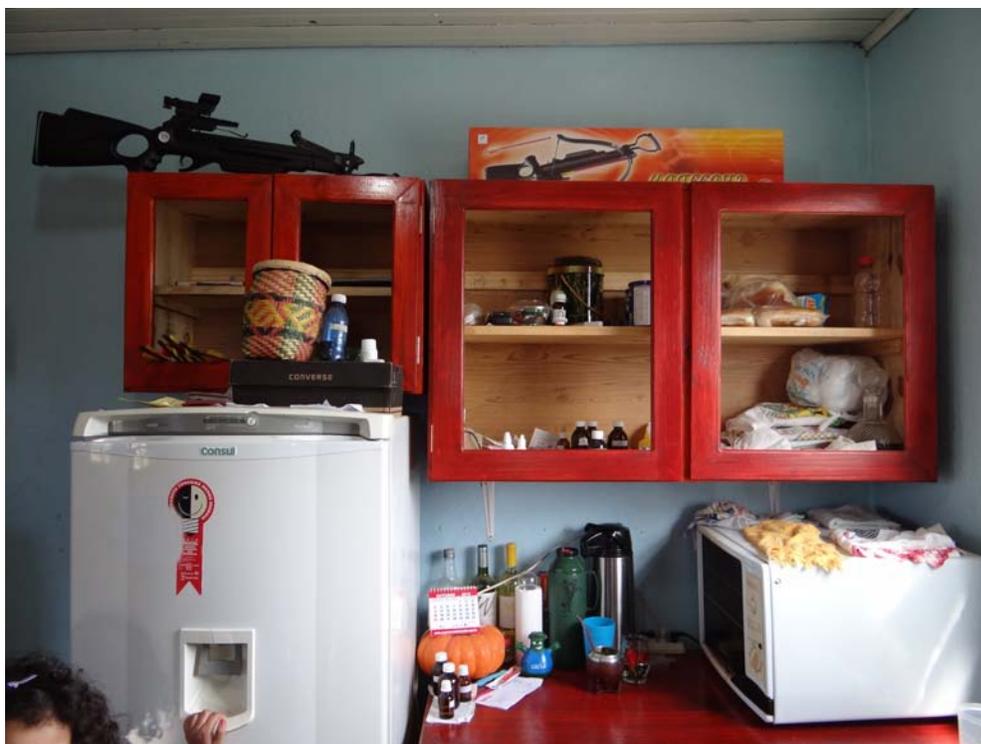
No quarto de Carolina, a caçula, paredes rosa e prateleiras que guardam os livros de estudo. Carolina estava estudando para a prova do ENEM. Queria cursar medicina.

Aproveitando que eu estava fotografando o móvel do corredor, Neuza logo contou que tinha um baú feito pelo “Seu Guido”. Com o tema do marceneiro no nosso papo, lembrei que Olga tinha comentado que seu Guido faria um móvel para a cozinha de Lidiane. Perguntei sobre o móvel de Lidiane para

Neuza, que comentou que o armário estava pronto mas que ela não tinha gostado da cor e logo saiu porta afora para procurar Lidiane: “Tá pronto, vou chamar para ela te mostrar”. Lidiane, Lucas e o filho do casal, Davi, moram no andar de cima da casa amarela. Depois da separação de sua irmã, Vanessa, ela tem cuidado de Dani. Neuza subiu as escadas, desceu, foi para os fundos. Eu fiquei esperando embaixo, no lado de fora da casa amarela.

Logo Neuza apareceu, vindo dos fundos, seguida de Lidiane. “Eu estava lavando roupa porque a previsão é que vai chover amanhã” falou ela subindo e me convidando para ir a sua casa. “Não repara que esta tudo bagunçado, nem lavei a louça”. O acesso à casa de Lidiane e Lucas é por uma escada, situada do lado de fora da casa amarela, contígua a uma varanda de passagem. Entramos. Davi, seu filho, e Dani, sua afilhada e sobrinha, estavam brincando no chão da sala, sobre o piso marrom escuro de lajota. Paredes verdes, dois sofás de dois lugares marrom-escuros. No sofá perto da parede estava uma menina que eu sempre via circulando pela olaria, mas não sabia quem era. Lidiane me apresentou a ela, a irmã mais nova, Larissa. São três irmãs: Lidiane, esposa de Lucas, Vanessa que foi casada com Eduardo, e Larissa, que é bem nova (talvez adolescente) e também passa muito tempo na casa de Lidiane, assim como tem feito Dani agora. Larissa estava tomando conta das crianças ali em cima. Lidiane parece ter assumido o papel de matriarca, cuidando das meninas mais que seu próprio pai Valcir, depois da morte de sua mãe.

Lidiane mostrou-me o armário, cheia de vergonha porque ainda estava sem vidro. Foi feito com um tom perto do vermelho, para combinar com o balcão da pia, na mesma cor. Dentro do armário, vidrinhos que pareciam de farmácia de manipulação ou florais. Acima do armário, um arco e flecha moderno, um tipo de arpão, e a respectiva caixa. “É do Lucas, porque ele gosta de caçar nos alagados”. Abaixo e acima da bancada do armário, mais vidrinhos de remédio, uma cuia e uma térmica de chimarrão e ainda um forno elétrico. Ao lado do móvel, uma geladeira.



Em outra ocasião, quando estava nos fundos do quintal de Olga, percebi encostado em uma árvore uma chapa de compensado com um alvo desenhado e alguns furos. Lidiane me explicou que Lucas treinava às vezes ali, mas que gostava mesmo era de sair para caçar nos banhados nos finais de semana. “Ele não pega nada, mas sempre gosta de ir”. Vale lembrar que atrás da olaria, onde estava o alvo, tem um banhado. (fragmento de diário de campo)

5.4 Além da olaria

Os usos da madeira para além da olaria são tão diversos quanto nas atividades a ela relacionadas, apesar deste fato ter relação direta com a visão que o sujeito tem acerca dos materiais. Pitiço, por exemplo, acha que dá apenas para “reforma em casa: algum cercado, porteira, portão, esse troço. Aí sim a

gente aproveita. Mas fora isso aí, só para queimar mesmo”, e Jonatas fala que seu tio leva a madeira apenas para usar no fogão à lenha.

A continuidade deste “fazer” depende da transmissão do conhecimento, que pode ser um conhecimento acerca das capacidades do material, já que as escolhas tecnológicas e de consumo são resultado de relações sociais. O fato de Olga ter encomendado um móvel com a madeira da olaria é parte desta transmissão de conhecimento, abrindo novas possibilidades de relação de Neuza com este material: a madeira.

Neuza tem um filho de 13 anos, Félix, que com frequência passa pela casa de Olga e aproveita o sinal de internet sem fio para acessar as redes sociais no seu celular. Ele conversa comigo, mas não se deixa fotografar. Em um momento qualquer, perguntei a Neuza quando poderia visitar sua casa, e Olga, atenta à conversa, falou: “vai, leva ela alí rapidinho. É pertinho vai a pé mesmo.”

Saimos a pé, Neuza e eu. Neuza me contou que trabalha para Olga, no total, há 4 anos “antes era de vez em quando, mas depois que ela operou a coluna há dois anos, eu virei fixa, todo dia”. Chegamos em sua casa, verde com porta e janelas pintadas de marrom. Telas⁴⁰ nas janelas e na porta (o que não tem na casa de Olga) e logo reparei o capricho na entrada com um carretal de madeira reaproveitado como mesa para alguns vasos de plantas no pequeno jardim na frente da casa. Abriu a porta e me convidou para entrar.

No canto esquerdo havia o fogão à lenha, pequeno e baixo, mas completamente limpo. Embaixo, madeiras vindas da olaria. De frente para a porta da entrada, uma mesa com um forno elétrico portátil, do mesmo tipo que vi na casa de Lidiane e Lucas. Entrando à direita, uma pia, um armário suspenso de cozinha e uma geladeira. Tudo muito limpo. Chão de “piso”, como chamam o acabamento cerâmico, imitando madeira na sala e cozinha, e laranja escuro nos quartos. Atravessando a primeira porta, o quarto verde de Felix, seu filho. “Não

⁴⁰ É muito comum o uso de telas, nesta região, em janelas e até mesmo em portas com mola para se evitar mosquitos no verão.

repara a bagunça que ele deixa” – embora houvesse apenas a cama desfeita. Um corredor pequeno para a parte de trás da casa em um outro tom de verde e chegamos ao ambiente em outro tom de verde: o quarto de Neuza. Cama de casal e roupeiro, e o baú embaixo da janela, feito por seu Guido, com a madeira que chega na olaria. Ela abriu e mostrou, orgulhosa, todas as roupas dobradas. Ao lado, uma cômoda, sob uma televisão de tela plana. Este aparelho estava revestido com uma ‘capa’, para não pegar poeira. No quarto de Felix tinha outra televisão, mas sem capa.

Fomos até o quintal, onde havia um tanque de cimento e, no fundo do terreno, um “piso” de cimento, quebrado na ponta. “Felix queria uma piscina, então mandei fazer isso, o piso, pra colocar a piscina em cima”. A casa de Neuza é pintada por fora, inclusive na parte de trás e na lateral. “Posso tirar um foto sua?”, perguntei. “Eu não sou boa nisso não, mas pode”, respondeu rindo e posando para mim, na porta de casa com os braços cruzados, cheia de timidez. Trancou toda a casa e voltamos caminhando e conversando. “O problema aqui é a poeira, passa muito caminhão e levanta.” Chegando novamente na casa de Olga, Neuza não queria que eu fosse embora sem tomar um café. Agradei e dei um abraço nela antes de ir.





5.5 Desvios, fluxos vitais e trama social

Todas estas histórias guiadas pela madeira mostram engajamentos e solidariedade entre sujeitos, possíveis de serem interpretadas como desvios da trajetória inicial definida pela indústria naval. Mas é preciso deixar claro que todas as coisas descartadas, retiradas de circulação daquele tipo de consumo, não têm seu fluxo interrompido, pelo contrário, sua circulação continua a acontecer, por uma demanda de consumo diferente da conhecida habitualmente.

Mesmo que não atribuamos potencial mercantil a materiais e que os descartemos, isso não quer dizer que eles não tenham valor, uma vez que todas as coisas têm seu potencial mercantil definido pela situação de trocabilidade, ao longo de seu fluxo vital. Esta fundamental percepção acerca dos vestígios da indústria é, na verdade, parte das alterações nos julgamentos que os sujeitos fazem sobre os materiais.

O desvio de mercadorias para fora das rotas especificadas é sempre um sinal de criatividade ou crise, seja estética ou econômica. Isso é tão verdadeiro para objetos de valor mais modernos, quanto no kula. (Appadurai, 2008, p.43)

Pensar que estratégias de desvio de curto prazo acarretariam pequenas alterações na demanda, capazes de transformar, gradualmente, os fluxos de mercadorias com o correr do tempo é trabalhar com conceitos de Arjun Appadurai (2008), para quem desvio só tem significado se relacionado a rotas, relevantes e costumeiras, de tal forma que a lógica dos desvios possa ser entendida de um modo apropriado e relacional. Mas vale problematizar o que seria um desvio para Appadurai, aqui tratado como algo que sai da trajetória social daquele material e pode vir a ser uma nova rota quando virar um padrão.

A rota não é necessariamente articulada à ordem hegemônica, é o caminho

usual. O “roubo”, no caso das peças da indústria, pode ser a rota, ainda que obviamente não represente os interesses da indústria. Dessa forma, o “desvio”, no sentido conceitual, pode ser a rota. E nesse caso, havendo medidas que levem a eliminá-los, estaria havendo um desvio nessa rota ainda que fosse para eliminar os “desvios” (aqui não no sentido conceitual).

Os consumidores traçam “trajetórias indeterminadas”, aparentemente desprovidas de sentido [...] “frases” imprevisíveis num lugar ordenado pelas técnicas organizadoras de sistemas. Embora tenham como material os “vocabulários” das línguas recebidas [...] essas “trilhas” continuam heterogêneas aos sistemas onde se infiltram e onde esboçam as astúcias de interesse e de desejos diferentes. Elas circulam, vão e vêm, saem da linha e derivam num relevo imposto [...] de uma ordem estabelecida. (DeCerteau, 1994, p.97)

Logo, o foco não deve ser na história social do material (contexto universal, aqui percebido pela “rota” determinada pela indústria), mas na sua biografia (contexto particular de cada peça de madeira) e nos processos vitais. Isso exige que abordemos não a materialidade, mas os fluxos, seguindo-os e traçando os caminhos por meio dos quais a forma é gerada. Os caminhos de vida não são predeterminados como rotas fixas a serem seguidas, e sim continuamente elaborados sob novas formas. Desvios se tornam novas rotas.

Temos um “tornar-se”, um fluxo de vida que apenas escapa ao modelo dominante de pensamento. É, na verdade, apenas mais uma linha da trama social, e não um desvio, pois cada coisa tem sua própria trajetória. Dentro desta perspectiva ingoldiana de acompanhamento das coisas todo movimento é uma linha de crescimento dentro da trama social. Como forma de identificar e representar o forte padrão ou nova rota detectada durante as várias fases deste trabalho de campo: presente nos discursos, eventos e observações do contexto industrial ao consumo. Chamarei então estes de “desvios” ainda, quando preciso.

Alguns destes “desvios” também acontecem em contratos, no alto escalão da indústria, até o manejo dos descartes dos materiais, sempre manipulados pelos que detém o poder no momento do “desvio” (contratantes do serviço, funcionários compradores de produtos e serviços, “donos” dos descartes). As situações de “desvio” envolvendo o alto escalão empresarial e político brasileiro estão sendo amplamente discutidas na grande imprensa e pelas ações da Polícia Federal, que se tornou conhecida como “operação lava-jato”. Mas para considerar uma circunstância em esferas menores, cito o caso de uma das empresas do polo naval, que descobriu a retirada de instrumentos, ferramentas e peças “desviados” por empregados da própria empresa, os quais encontravam-se escondidos dentro das caçambas de resíduos sólidos, com a conivência de outros de fora da empresa. Podemos lembrar a contribuição de DeCerteau (1994, p.79) neste sentido, ao destacar que “uma maneira de utilizar sistemas impostos constitui a resistência à lei histórica de um estado de fato e a suas legitimações dogmáticas” e trilham o caminho relativo à própria “economia”. Estas também se tornam novas rotas habituais e naturalizadas dadas suas frequências e conhecimento de muitos.

Esses estilos de ação intervêm num campo que os regula num primeiro nível (por exemplo, o sistema da indústria), mas introduzem aí uma maneira de tirar partido dele, que obedece a outras regras e constitui como que um segundo nível imbricado no primeiro. (DeCerteau, 1994, p.92)

No caso citado acima, entre as consequências dos possíveis desdobramentos dos problemas das empresas, lembro que cogitamos juntas - Olga e eu - em conversa informal, a hipótese dos impactos da mudança do movimento do polo naval afetarem a quantidade de descarte de madeira que chega à olaria. Se a olaria parar de receber os materiais, segundo Olga, ela precisaria voltar a comprar madeira, mesmo que fosse de descarte de serrarias. Este fato mudaria o preço final do tijolo dela e afetaria muitos deste grupo social que compartilham deste bem: a madeira.

Quando cheguei tinha um caminhão de fora descarregando uma madeira diferente em cima dos fornos. Uma madeira mais úmida e bruta. Olga falou que era mais úmida e que não gostava muito mas que “tinha deixado ele deixar ali. Ele só me cobrou o óleo do caminhão mas nem devia ter me cobrado.” disse Olga. (fragmento de diário de campo)

Aqui tratei dos inúmeros caminhos que a madeira toma a partir do ambiente da olaria, a fim de entender como estas constroem os sujeitos. Os traços dos desenhos também narram histórias, diferentes do texto e da imagem. No capítulo seguinte, trato da noção de ordem e caos, e as táticas dos sujeitos que lidam com a imposição do discurso dominante e os diversos fluxos vitais da madeira construindo os sujeitos.



6 A ORDEM E O CAOS?

A cada inserção minha em campo, a construção viva da olaria se apresenta com uma nova configuração. Parece uma eterna luta de forças entre a ordem e o caos, em que a ordem sempre busca se impor às formações de devir abstratas da desordem. Esta dinâmica é na verdade uma perspectiva etnocêntrica que parte do princípio de que a ordem é a da pesquisadora. O aprendizado que o encontro etnográfico proporcionou acabou por mostrar a ordem própria do campo e como a desordem ali não existe para os próprios etnografados. Nos estudos trazidos por Daniel Miller (2013) “a dinâmica da casa é soberana, seja no mudar-se de casa, [...], fazendo uma bagunça ou apenas movendo trechos de um lado para outro.” Em todos os casos, as pessoas estão, mais uma vez, criando a si mesmas por meio dos materiais.

Lucas hoje está lá fora na escavadeira, segundo Olga, “arrumando tudo ali atrás”. Ao me dirigir à parte de trás da olaria, onde os caminhões haviam despejado os resíduos, percebi que a área estava mais livre por ali. Parte das madeiras, vi amontadas dentro da olaria, mas outras, que antes estavam separadas na parte da frente da construção, não estavam mais lá. (fragmento de diário de campo)

Mary Douglas (1976) diz que a sociedade é composta por formas de um certo poder, que visa se perpetuar, e a ausência da “forma” ameaça. Os perigos precisam ser eliminados, limpos, depurados, para que a totalidade se faça no conjunto da sociedade (GAUER, 2005). Esta reflexão trata da contaminação de um pelo outro, implicando em uma relação de forças entre ordem e desordem, ser e não-ser, vida e morte (morte associada ao caos). Esta contaminação é a forma como julgamos a “ordem alheia” a partir de princípios etnocêntricos.

Buscamos frequentemente “limpar” e colocar “ordem” ao outro. Percebemos este debate ao pensar em forma e ausência dela, que também fariam parte desta contaminação. Ingold contribui com nosso debate quando nos mostra que a “forma” não pode ser característica de um objeto ou ordenamento do “caos”, algo “fechado em sua superfície” ou imposta, pois na perspectiva ingoldiana coisas não são objetos fechados em sua forma mas sua superfície externa é “uma interface entre a ‘substância’ mais ou menos sólida de um objeto e o ‘meio’ volátil que o circunda” (Gibson, 1979 *apud* Ingold, 2012, p.31) e esta separação entre substância e meio é uma redução da coisa. Então não faz sentido a diferenciação entre “forma e ausência dela”. Afinal mesmo a “ausência dela” ou o “caos” é uma forma, mas uma forma que foge aos padrões impostos pelo modelo hilemórfico de pensamento. Logo, chamar de contaminação e desordem é claramente se ater a um pensamento etnocêntrico.

Se é verdade que a desordem destrói o arranjo dos elementos, não é menos verdade que lhe fornece os seus materiais. Quem diz ordem diz restrição, seleção dos materiais disponíveis, utilização de um conjunto limitado de todas as relações possíveis. Ao invés, a desordem é, por implicação, ilimitada; não exprime nenhum arranjo, mas é capaz de gerá-lo indefinidamente. É por isso que aspirando à criação de ordem, não condenamos pura e simplesmente a desordem. Admitimos que esta destrói os arranjos existentes; mas também que tem potencialidades. A desordem é pois, ao mesmo tempo, símbolo de perigo e poder. (Douglas, 1976, p.115)

A celebrada definição de Mary Douglas (1976) de que a sujeira é matéria fora do lugar, pode explicar porque, dentro do pensamento dominante de imposição da forma, sentimo-nos incomodados com a desordem. A desordem seria, então, quando os materiais estão fora do lugar que julgamos o nosso. Ordem, no sentido higienizador, de devires e de linhas de crescimento e movimento. A busca pela ordenação do caos é, sem dúvida, uma busca por exercer ou tomar o poder de volta. O estranhamento do caos deriva das

mesmas dicotomias abordadas anteriormente aqui, em uma relação dialógica entre fixo/estático *versus* mutável, linha reta *versus* linha abstrata etc. Enfim, o nosso comportamento frente à contaminação consiste em condenar qualquer objeto ou qualquer ideia que contradiga as nossas preciosas classificações.

Como no caso da sucata, por exemplo. Este fenômeno se vai generalizando por toda parte, mesmo que os quadros o penalizem ou “fechem os olhos” para não vê-lo. [...] Ele realiza ‘golpes’ no terreno da ordem estabelecida [...] o trabalho com sucata reintroduz no espaço industrial (ou seja, na ordem vigente) as táticas ‘populares’ de outrora ou de outros espaços. (DeCERTEAU, 1994, p. 87, 88)

Pensando bem, chamar de desordem e caos já é um julgamento de valor em relação às coisas, frente ao pensamento autoritário da ordem como regra vigente. Não temos ordem, nem desordem, muito menos caos mas sim meios diversos de lidar com nossa materialidade. Para entender isto precisamos conhecer e entender a visão de mundo nativo, que guia a maneira que esses sujeitos lidam com suas coisas. O que para o pensamento dominante é caos e desordem, na verdade não chega nem perto do conceito, se trata de um espaço organizado, à maneira deles, dentro dos fluxos vitais dos materiais ordenados pelas atividades com o barro, a madeira e os animais.

A “ordem”, seja qual for, deve ser encarada como modo onde “se distribuem elementos nas relações de coexistência” naquele grupo social. (DeCerteau, 1994, p. 201). Afinal, ordem para quem? Caos para quem?





6.1 A “ordem” imposta às coisas

Assim que cheguei, Olga logo me convidou a entrar e sentar em uma das poltronas de sua sala. O sofá estava cheio de roupas lavadas do neto e na ponta estava sua filha Vanessa que se referiu ao monte de roupas como “a sopa do Heitor”. Ali sentada Olga logo me informou que eles foram visitados pelo Ministério do Trabalho, que também fez vistoria em outras olarias da região e constatou que as condições de trabalho não eram próprias em nenhuma delas. A pessoa que veio vistoriar era uma mulher e só queria multar, mas no final percebeu que se fizesse isso todas as olarias iriam fechar por suas condições atuais. Olga, como presidente da associação, interveio junto com um promotor da cidade de Pelotas, que resolveu o problema, temporariamente, dando um prazo para que as olarias se adequassem às novas regras de segurança e trabalho (grades, contenções, novas instalações elétricas, equipamento e funcionários com carteira assinada). Mostrei preocupação e logo deixei claro para Olga que ninguém havia visto minha fotografias, e apenas tinha apresentado para professoras da universidade. Ao que ela logo contra-argumentou que sabia, porque a vistoria tinha acontecido em outras olarias também.

O problema, segundo Olga , reside justamente nos rapazes que aparecem vez por outra para trabalhar pelo dia, receber e sumir novamente. Ela afirma não ter condição de colocar todos com carteira assinada. Me falou que tinha três em carteira.

João Manuel estava tão “desbaratado” fazendo várias coisas ao mesmo tempo que nem me cumprimentou. Ele é o responsável por fazer todas as modificações na olaria, muitas usando madeira dos próprios resíduos que chegam.



Olga me contou que o mais caro e difícil é mudar toda a parte elétrica. Para tal precisou de um projeto de um engenheiro electricista. Olga conseguiu negociar um valor mais em conta com um engenheiro com a promessa de que ele faria várias/todas olarias.

Depois de me mostrar tudo o que eles começaram a fazer para a modificação e o que eles ainda tinham que fazer por toda a olaria, retornamos a sua sala de estar. Ali Olga também me contou que a filha mais nova, Carolina, está grávida: “o mês de setembro (de 2015) veio cheio de surpresas”.

Assim que cheguei na olaria neste dia Olga e João Manuel estavam em sua sala de porta aberta e percebi uma movimentação de que João

Manuel estava juntando coisas para sair. Me aproximei. João Manuel cruzou comigo praticamente sem falar, apenas cumprimentou com a cabeça já saindo porta afora, enquanto Olga logo me chamou para entrar e sentar. Falou que estavam na hora da 'sesta', depois do almoço, mas João Manuel tinha saído para levar os papeis no Ministério Público. Conversamos sobre como estava se sentindo Carolina com sua gravidez também. Na cozinha Neuza estava de pé.

Desta vez percebi que um dos fornos, que antes estava com o teto aparentemente deformado, ganhou colunas internas de sustentação e não estava sendo usado como forno. Agora o local parecia ser um abrigo de madeira, um 'estoque de madeira seca' nesses tempos de chuva. A olaria agora conta com proteções pintadas de amarelo feitas com a mesma madeira que chega como resíduo. (fragmentos de diário de campo)

A madeira que é trocada como moeda, reaproveitada como móvel e estrutura e queimada como fonte de energia e calor - para o cozimento dos tijolos, para o mate dos mateadores e também é usada para secar roupa em tempos de chuva - também é usada em prol da "ordem" na nova atribuição de 'proteção' do trabalho dali, respondendo à 'ordem' da fiscalização.



“Esse negócio aí (sobre as exigências de segurança) atrapalha a gente”, falou Zé, deixando claro que as modificações do ministério do trabalho mudam o ritmo e complicam as rotinas de trabalho deles.



“Eles reclamam que esta escada é ruim, porque é muito reta” disse Olga.

As regras do Ministério do Trabalho são organizadas a partir de elementos externos à rotina das olarias de Sanga Funda e não compreende ou dialoga com as socialidades locais. Este acontecimento marca claramente o debate.

Pretendo deixar evidente que importa reconhecer as potencialidades criativas no movimento abstrato das coisas em sua trama relacional, em seus processos minúsculos e cotidianos que manipulam e escapam aos mecanismos disciplinares de uma “ordem”. Quem renuncia ao controle “busca as forças, ou verdades, que nunca se poderiam obter por meio de um esforço consciente” (Douglas, 1976, p.15). Daí surgem as práticas criativas, nessas forças. Como explica DeCerteau (1994), as práticas cotidianas surgem como resposta às ações de controle em táticas de micro resistências a um sistema dominante que impõe a “ordem”. São, segundo o autor, as “maneiras de fazer”, a vitória do “fraco” sobre o mais “forte” ou pequenos sucessos sobre a violência das coisas ou de uma ordem.

Implícita, a estratégia⁴¹ visa produzir, impor e é capaz de estabelecer a si mesma. O objetivo de uma estratégia é se perpetuar através das coisas que ela produz. Nesta pesquisa, pelo “olhar de longe e de fora”, podemos localizá-la nas empresas do polo naval, que têm como estratégia descartar seus “resíduos” em troca de uma certificação de descarte “responsável”. Em oposição, surgem as táticas, como ações desviacionistas, que geram efeitos imprevisíveis e diferentes “maneiras de fazer” em práticas cotidianas, situadas na olaria. Resultam das artimanhas dos sujeitos e de suas capacidades criativas, oportunizando-os escaparem ao controle da “ordem” e tomarem parte no jogo em questão. Sem ignorar que também temos táticas no polo naval, quando descobrimos pelo “olhar de perto e de dentro” que instrumentos e ferramentas “saem” em caminhões de resíduos, além de diversas outras não citadas neste texto por não serem parte do enfoque desta pesquisa, temos as táticas bem

⁴¹ Tática e estratégia, aqui, sempre definidas dentro dos conceitos de DeCerteau (1994).

observadas nas relações da olaria. Usando táticas silenciosas e sutis, jogam com o sistema dominante na cultura ordinária, cotidiana, por meio da astúcia, driblam o sistema, fingem seu jogo. Assim, os sujeitos se reapropriam do espaço controlado pela ordem discursiva existente.

A ordem efetiva das coisas é justamente aquilo que as táticas “populares” desviam para fins próprios, sem a ilusão que mude proximamente. Enquanto é explorada por um poder dominante, ou simplesmente negada por um discurso ideológico, aqui a ordem é representada por uma arte. Na instituição a servir se insinua assim um estilo de resistência moral, isto é, uma economia do “dom” (de generosidade como revanche), uma estética de “golpes” e uma ética. (DeCerteau, 1994, p. 88)

Estas táticas demonstram a oposição cotidiana às estratégias, que escondem objetivamente a sua relação com o poder que a sustenta, protegido pelo próprio “lugar” na trama de relações sociais ou pela instituição. Além da tática, também observamos a estratégia na olaria, onde as duas lógicas de ação acontecem.



Imposta pela “ordem”, mas coisa cheia de vida.

6.2 Resíduos como bens: o poder que emana dos materiais

Conforme o Emerson, da primeira olaria visitada, apresentava-me o seu local de trabalho, ia me explicando como cada uma das olarias da região funcionava: uma tem um forno italiano que usa serragem e aparas de madeira, outra compra toras de eucalipto de reflorestamento. Quando perguntei se apenas sua olaria trabalhava com resíduo de madeira, queria que ele mesmo citasse a olaria de Olga, sem que eu precisasse perguntar diretamente. Ele respondeu o que eu esperava, que Olga “recebia tudo lá do porto de Rio Grande”, com certo desprezo. Comentou que havia solicitado a divisão destes materiais, mas “ela falou que só dava para ela”. Aproveitei que o assunto era a outra olaria e perguntei como ela havia conseguido estes resíduos, e Emerson elucidou que Olga era envolvida com política, era presidente da associação, e que era por este motivo que ela havia conseguido que os “resíduos de Rio Grande” ficassem para ela.

A licença ambiental que a olaria de Olga possui, que tem algo a ver com a associação das olarias da qual Olga é presidente, garante sua prioridade. O que importa é que ela tem a permissão legal de receber estes materiais. Em troca da confiança da comunidade de oleiros e em nome da presidência da associação, Olga retribui de várias formas: ajudando com suas máquinas (a desatolar carros, por exemplo), doando, patrocinando⁴² e participando de ações e campanhas da igreja local, fornecendo notas fiscais e oferecendo jantares a autoridades “oleiras” e outros companheiros de outras associações em suas instalações. Além disso, também permite que alguns venham escolher madeira para a construção de qualquer coisa, inclusive casas.

Nas palavras de Mary Douglas (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2006), os bens são a dimensão material de um ritual que ocorre cotidianamente entre as

⁴² Garantindo vacinação contra a paralisia infantil em Sanga Funda
<http://betoalbuquerquefazporpelotas.blogspot.com.br/2010/07/ucpel-comunidade-da-sanga-funda.html>

pessoas e fixa significados, servindo como “pontes” ou “cercas” entre os sujeitos e os grupos. Por isso, se as práticas de consumo podem ser tomadas como uma dimensão importante do processo de construção das identidades, todo discurso produzido com a intenção de dizer “quem somos” – e que usa os bens como mecanismo – também poderia ser encarado como um ritual que (re) estabelece uma determinada “lógica” em nosso contexto cultural contemporâneo.

Bens aqui são coisas, no sentido de que mantêm sua vida se correspondendo com outras coisas e pessoas em seu fluxo vital, mas o significado humano sobre o termo é diferente deste. Segundo o dicionário Houaiss (2009), é o conjunto de bens materiais e no uso informal é proveito, lucro. O termo “bens” tem seu significado associado à percepção que os sujeitos tem de certas coisas tidas como possuidoras de valor, ou não, atribuído pelo sistema dominante naquela cultura.

Quando sugeri que o ventilador ali tinha sido modificado com a colocação de uma grade de segurança, Olga logo me explicou que este não era dela. O dela havia quebrado e ela pegou emprestado este de outro oleiro. “A coisa boa de ter muitos oleiros por aqui é isso. Eu peço emprestado o ventilador, o outro oleiro me ligou pedindo ‘filme’ para embalar os tijolos. Assim a gente vai se ajudando.”

Aproveitei o papo sobre a troca e colaboração e perguntei se a troca da madeira por tijolo furado era feita sempre com o mesmo oleiro. “Sim porque a gente não faz furado e ele não faz maciço.”

Perguntei se as vendas de tijolo tinham melhorado, ao que ela respondeu positivamente. Mas mais tarde, neste mesmo dia, vi Olga ajudando a carregar o caminhão com madeira, de forma bem organizada, para ser transportada. A forma de “arrumação” no caminhão estava diferente de quando transportam para colocação em cima dos fornos. Também não percebi a olaria com tanta produção de tijolos: na parte central poucos estavam secando e na parte da frente

poucos prontos. Olga comentou que eles têm trocado madeira por tijolos furados que vendem mais fácil do que os seus maciços. Na olaria eles produzem tijolos maciços e não possuem equipamento para fazer tijolo furado. Não era apenas o tijolo maciço pelo tijolo furado, era também madeira por tijolo furado.

Hoje, inclusive, chegou o caminhão que normalmente vejo sendo carregado com madeira para trocar, mas desta vez carregado com tijolo furado trazido por Lucas no volante. A madeira ali escora os tijolos, como cantoneiras, e equilibra a força das cordas sobre os paletes de tijolo. Sobre a escora de madeira Lucas retrucou “Ahh, é porque tem muito buraco no caminho, e o caminhão pula muito e, (se não usar a madeira) sai tudo do lugar.” (fragmento de diário de campo)

A situação de trocabilidade da madeira é uma das diversas possibilidades que a madeira fornece a Olga como sustento; além da queima nos seus fornos na produção de seus tijolos, ela as troca por outro tipo de tijolo que não produz (os furados) “que vende mais fácil” para obter renda. Além disso, também a transforma em proveito próprio na feitura de mobiliário, e artefatos para sua casa e animais.

Seguir a trajetória das materialidades possibilitou a descoberta dos processos de apropriação das coisas, através dos quais são convertidas em posses. O que se troca entre os sujeitos, coisas e instituições envolvidas nos trajetos sociais não é apenas matéria, mas também favores, conhecimento, serviços e gentilezas de todos os tipos.

“Geralmente, aqui, muitas pessoas, tem os sem-terra ali, ela (Olga) doa muita madeira daqui pra fazer casa pra eles mora. Outras aqui, uma, duas ela vende e outras atravessa, mas a maior parte ela queima mesmo, no forno” contou Zé. (fragmento de diário de campo)

Circulando pelo bairro, percebi que ele é, inteiro, entrecortado por ruas de terra, e as conduções mais frequentemente encontradas são bicicletas, motocicletas, charretes e caminhões. Carros são raros neste contexto e aqui vale citar que Olga possui um fiat uno branco em uso e outros vários veículos antigos e velhos (verde na garage, caminhão verde em uso, caminhão verde antigo e outro parado enferrujado), os quais o senhor João Manuel adquire, além dos caminhões e máquinas de trabalho. Inclusive neste dia, durante o tempo no qual estive na olaria, fiquei sabendo que Lucas (chamado pelos outros da região de “negão”) havia saído com a escavadeira para tirar um carro e um caminhão que “caíram na vala” e atolaram ali no bairro de Sanga Funda por causa das chuvas. Todo o bairro de Sanga Funda além de ter ruas de barro, também conta com valas em suas laterais, para o escoamento da água da chuva. Essas valas costumam ficar com água empoeçada parada. Em uma região que conta com mais de 20 olarias, em todas as esquinas, justamente a escavadeira de Olga foi solicitada para o socorro. Este simples acontecimento demonstra a percepção dos sujeitos do bairro em relação a Olga e sua família.

No ambiente da olaria acontecem trocas e compartilhamentos que demonstram um grupo social organizado na base da reciprocidade dentro de um sistema de crenças e valores próprio. O compartilhamento da madeira acontece de forma diferente da comunidade pesquisada por Yaccoub (2015), na qual o coletivo se sobrepõe ao indivíduo através deste compartilhamento. Em Sanga Funda, as trocas de madeira proporcionam legitimidade ao status de Olga e sua família na região.

O valor percebido está dentro de uma das formas de consumo mais clássicas, facilmente verificada nesta pesquisa - através da ostentação de posses materiais (como madeiras e carros), pela distribuição de madeiras a conhecidos (presentes valiosos neste grupo social), pela ajuda a todos que chegam à sua porta com pedidos e oferecendo jantares para outros oleiros e presidentes de associações oleiras - com o objetivo de comprovar sua maior respeitabilidade e status frente aos outros membros da comunidade. Parece uma evidente proximidade com o fenômeno do *potlach* (MAUSS, 2013), em que

o princípio de troca-dádiva desempenha a noção de honra.

O prestígio está ligado ao que se gasta, neste caso, se distribui e a coisa dada é, indissolúvelmente, ligada à pessoa do doador. As dádivas aceitas colocam o outro na posição de devedor, pois uma dádiva não retribuída ou retribuída de forma desigual, torna inferior quem a aceitou. Sugerindo que a base da maioria das relações é o endividamento. Com isso não apenas a pessoa que doa eleva seu status social, mas eleva também sua família na escala social. Coisas são dadas e retribuídas da mesma forma que se dá e se retribui “respeito” ou “cortesia” (MAUSS, 2013, p.80)

Um dos “meninos” comentou na hora do intervalo: “amanhã encosto a carroça ai na frente e levo minhas madeiras”. Curiosa, perguntei o que ele iria fazer com os materiais. “Minha casa, ué! Vou pegar as folhas maiores porque fica mais fácil para levantar as paredes.” Em outro encontro, Olga levou-me até a casa de um marceneiro que estava construindo um móvel para sua casa com peças de madeira escolhidas na olaria. Assim que chegamos, Olga com o neto no colo e eu, ouvimos: “Olha a bancada que eu fiz com sua madeira! Porque para eu poder fazer o seu móvel, eu preciso ter uma bancada.” Mostrou com orgulho.

No caminho para a minha primeira visita a “ocupação”, Olga apontou para a frente de uma borracharia que tinha muitas madeiras na frente. “Essas madeiras também são lá de casa. Eles querem construir um segundo andar. É o sonho deles fazer tipo chalé, sabe?” Depois completou “eles já compraram um terreninho aqui assim (apontando) para construir. Eles me contaram” contou. (fragmento de diário de campo)

A circulação da madeira acontece dentro do espaço da olaria e, na periferia do município de Pelotas, ganha novos devires em novas formas de relações, assim como na troca cerimonial do *Kula*, desvendada por Malinowski e praticada por homens (trobriandeses, ilhéus e habitantes das ilhas vizinhas) que moravam em um anel de ilhas localizadas ao norte e leste da Nova Guiné.

Os trobriandeses demonstram, durante a prática do *kula*, que o ser humano busca mais do que vantagens puramente utilitárias em sua cultura material. O mesmo se aplica aos materiais descartados nesta pesquisa, a madeira é mais do que uma matéria prima ou um resíduo.

Assim como no Kula, que era quase exclusivo aos chefes da tribo e envolvia questões de poder que formavam uma grande corrente de relações sociais baseada na cultura material, a madeira, no contexto aqui estudado, também possui um valor que vem de sua história única: parte de uma grande fonte de poder local - representada pela indústria naval – e, conforme passa de sujeito para sujeito, seu valor e o das coisas em questão são extensivos aos seus proprietários anteriores. Mas enquanto na visão de Malinowski sobre o Kula se tratava de uma história dos relacionamentos através das coisas trocadas, na perspectiva aqui adotada podemos pensar em história das relações de poder através destes materiais. Assim como no Kula, cada peça então não é apenas uma peça feita de conchas ou, no caso aqui em questão, não se trata também de um pedaço de madeira, pois uma peça destas (tanto no Kula quanto na olaria) é portadora de prestígio e poder a quem a possui. Na olaria, portanto, quem controla a madeira - objeto de importância fundamental na vida desta comunidade e da família pesquisada - tem prestígio e poder.

Nas cerimônias do *kula* descritas por Malinowski, quando um nativo recebe uma doação eventual de um indivíduo, esse nativo tem que dar, em um espaço de tempo, um presente de igual justo valor. Para os nativos, quanto mais se tem, mais deve-se dar. O indício de poder anda junto a generosidade, que é sinal de riqueza. Enquanto objetos cerimoniais, eles não apenas demarcam posições sociais, mas permitem que os indivíduos e os grupos percebam e experimentem subjetivamente suas posições e identidades como algo tão real e concreto quanto os objetos materiais que os simbolizam. A função das coisas observadas e seguidas, além de representar, é organizar e constituir a vida social. Assim, os materiais estabelecem uma série de pontes, conectando diversas esferas da vida social. Por isso são instrumentos valiosos para a

pesquisa antropológica.

Se Olga apenas queimasse a madeira que chega em sua olaria, não criaria redes complexas de circulação das coisas. Nas relações sociais deste trabalho de campo é notório o poder pela materialidade; as coisas aqui portam a configuração de poder e reputação vindo da indústria em seus deslocamentos. Percebe-se como Olga não guarda, acumula ou distribui apenas madeira, mas cultiva reputação.

As relações sociais também podem ser percebidas pela forma como Olga lida com os diversos assuntos. Ela, nitidamente, fica preocupada de que eu vá atrás da madeira em outra olaria - quando ela troca. Quando perguntei se podia ir junto no caminhão que entrega a madeira em outra olaria, ela ficou bem desconfortável e não me respondeu. Não toquei mais no assunto. Mas quando pergunto das “casas que saíram dali”, citada no nosso primeiro encontro, ela não se importa em comentar sobre a “ocupação”. Ocupação é a palavra usada pela família de Olga ao citar onde foram usadas as madeiras para construção de casas. Os “meninos” os chamam de “sem-terra” e os próprios sujeitos que construíram suas casas com aquela madeira chamam de assentamento.

6.3 O assentamento: Habitando e vivendo o poder das coisas

Durante o trabalho de campo, na relação construída através das restituições de imagens e devoluções, levei fotografias dos “meninos” que trabalham dentro da olaria. Uma cópia para cada um. Olga guardou estas fotografias e apenas avisou-os que estava com elas. Meses depois encontrei dentro da casa de Seu Valcir, anteriormente casa de Eduardo e Vanessa, um mural com as fotos que eu havia dado a Eduardo, através de Olga. Foi uma oportunidade única, já não estava mais lá na minha próxima incursão à casa.



O controle sobre a posse da imagem é outro marcador das relações de poder envolvidas nas relações sociais observadas nesta pesquisa. Em outro momento do trabalho de campo soube por conversas aleatórias que teriam saído dali madeiras para fazer casas. Quando perguntei diretamente, sem rodeios, sobre o fato, Olga me respondeu: “A casa do Carlinhos, lá na ocupação”. Já no final da minha pesquisa consegui fazer uma visita guiada por ela até a tal ocupação e, ao sairmos, João Manuel se mostrou muito preocupado “O que você vai dizer lá? Que vai tirar fotos?”, ao que Olga respondeu, acenando com a cabeça e mãos, indicando que ela resolveria. Logo em seguida respondeu “vou, eu dei tudo para eles.” Mas logo em seguida retrucou mais baixo comigo “Eles são desconfiados lá”. Comentei que entendia a situação deles e que, por isso mesmo, eu precisava que ela me apresentasse a eles. Não chegaria com câmera na mão, iria apenas conversar num primeiro momento.

Sanga Funda tem muitas histórias de um território onde os moradores em um primeiro momento se apossam do local e posteriormente o compram ou

recebem do poder público. Assim aconteceu com a “ocupação” que conheci. Olga me guiou até lá. Em uma área com, aparentemente, nenhuma construção, apenas se via um mato muito alto, quando ela mostrou uma abertura na vegetação: “é naquela entrada”. Encostei o carro e vimos uma ponte sobre o valão feita de madeira de forma precária. “Acho melhor você não colocar o seu carro ai, vai que cai”, disse Olga. Estacionei na beira da estrada de terra e atravessamos a ponte a pé. Ali dentro, depois da vegetação da beira da estrada, tinha algumas casas em um trecho de duas ruas abertas. Um acesso era paralelo a rua principal de terra em que paramos e outro perpendicular, ambos se encontravam na ponte pela qual passamos a pé. Fomos na rua da esquerda e caminhamos enquanto Olga me mostrava: “aquela casa ali (falou, apontando uma casa fechada) também foi feita com madeira lá de casa, mas não sei o nome do dono”. Perguntei sobre um dos “meninos” que falou na olaria sobre pegar madeiras para fazer sua casa. “John Lennon? Construiu aqui também. Chegamos, esta é a casa do Carlinhos e aquela ao lado é a do John Lennon.”

Carlinhos tem 25 anos e foi funcionário da olaria com carteira assinada , me contou Olga, mas “pediu as contas” para “receber os direitos” e “montar uma venda” ali com o dinheiro⁴³. Entramos pela cerca improvisada. Uma mulher nos recebeu. “Carlinhos está em casa?”, perguntou Olga, logo emendando, “Eu sou a Olga, da olaria, tudo bem? Ela (se referindo a mim, que havia comentado que não iria fotografar) veio aqui para tirar umas fotos das madeiras. Pode ser?” A mulher quase sem palavras, muda e de braços cruzados, aceitou com a cabeça, mas visivelmente contrariada e incomodada com a minha presença. Olga me ordenou; “pode tirar suas fotos”. Ouvindo isso a mulher entrou para dentro da casa.

A esposa de Carlinhos, que se chama Andreza, não impediu, apesar de

⁴³ Neste ponto é importante ressaltar que Carlinhos me contou, posteriormente, que foi funcionário da olaria por 6 anos, dois com carteira assinada. Dois anos é o tempo que todos relatam, durante meu trabalho de campo, que a madeira do polo naval começou a chegar na olaria. Olga também relatou que ele estava ainda no seguro-desemprego e logo perguntou a sua esposa “Carlinhos está trabalhando?” ao que Andreza respondeu baixinho “sim”.

logo me avisar pela pequena abertura da janela: “É que a gente, aqui, não gosta muito de tirar foto”. Mesmo assim, Olga me deu permissão para que eu “aproveitasse para fotografar” me explicando que o rapaz tinha sido um funcionário dela e que tinha construído aquela casa com a madeira que ela havia dado. Em outra visita fui acompanhada de Lucas e Andreza explicou que o Carlinhos já tinha conversado com a Olga e que tava tudo bem, eu podia “tirar foto”. Madeira e imagem como marcadores de poder. Podemos analisar estes fatos narrados dentro de todo o processo das trocas simbólicas descritas por Marcel Mauss, onde o antropólogo interpreta o *kula* como “um vasto sistema de prestações e de contra-prestações que, em verdade, parece englobar a totalidade da vida econômica e civil das Trobriand.” (MAUSS, 2013, p.49). Ele traz para o conhecimento antropológico o sistema de prestações totais, como princípio da reciprocidade como fato social total. O sistema que é a base da moral da dádiva-troca é conceituado na releitura dos Argonautas por Mauss, como prestações totais, aquele em que indivíduos e grupos trocam entre si, que “constitui o mais antigo sistema de economia e de direito que podemos constatar e conceber.” (MAUSS, 2013, p.119) Mauss também consolida o fato de que a noção de valor é diferente da noção de utilidade que circula nessas sociedades, e as trocas não se reduzem apenas ao aspecto material. Mas destaca que do mesmo modo que essas dádivas não são livres, também não são desinteressadas. “Se o presente recebido, trocado, obriga, é que a coisa recebida não é inerte.” (MAUSS, 2013, p.24). São contraprestações feitas a fim de pagar serviços, coisas e, principalmente, manter alianças proveitosas. Quando estas contraprestações não acontecem, ou a retribuição não é de igual importância, os sujeitos ficam em débito com o doador aceitando que este possui mais bens, mais poder e, conseqüentemente, mais reputação. Correspondem-se coisas entre si e pessoas e coisas da mesma forma.

Sabemos que, do mesmo modo que as dádivas não são livres, elas não são desinteressadas. São feitas não apenas em vista de pagar serviços e coisas, mas também de manter alianças proveitosas. Além das hierarquias estabelecidas por essas dádivas. “Dar é manifestar superioridade, é ser mais,

mais elevado [...] aceitar sem retribuir, ou sem retribuir mais, é subordinar-se, tornar-se cliente e servidor, ficar mais abaixo.” (MAUSS, 2013, p.126)

Os processos de consumir e descartar estão intrinsecamente relacionados a essa circulação das coisas e às formas análogas das obrigações da dívida, uma vez que a possibilidade e a prática de obtenção e acúmulo de coisas proporcionam status social à Olga e sua família, ou o justificam diante de seu grupo. Temos a posse como definidora das relações de poder. Neste âmbito, foi possível perceber o valor simbólico que os materiais atribuem aos sujeitos que os detêm, ou melhor, o poder que as coisas têm. Quanto mais bens ou materiais, maior o valor social atribuído ao sujeito.

A posse dos objetos, como os parafusos gigantes usados na decoração na sala de Olga, reforça o status de poder e evidencia o que é valorizado pelos sujeitos. Uma questão básica para a escolha, dentre muitos materiais, de um parafuso se refere à história que pretende ser contada, revelando muito sobre as visões de mundo. Lembrem troféus e inclusive foram pintados em prata. Cada peça escolhida para exposição na decoração insere-se em um contexto específico que determina o seu valor e importância. Os grandes parafusos da indústria naval são uma expressão de poder e inserção social que trazem consigo todo o prestígio desta indústria na região. Afinal quem mais poderia ter uma peça destas em Sanga Funda já que somente a madeira é distribuída?

O valor e o prestígio dessas coisas, portanto, são colocados nestes pelo “coleccionador” e seu grupo social. Coisas expostas trazem a intenção de reconstruir uma espécie de amostra do universo representativo dos processos sociais (COSTA, 2012). A partir da constatação da importância atribuída à indústria naval surgiu o questionamento acerca das diferenças de “valor” do “resíduo” industrial em relação ao próprio “resíduo” doméstico na olaria.





6.4 Resíduos como fato social

Assim como as coisas da indústria carregam o seu status e poder, as coisas que resultam das práticas na casa formam uma trama intrincada no consumo familiar e suas relações. Os processos de consumir e descartar estão intrinsecamente relacionados, e seu pleno desenvolvimento configura ainda uma justificativa de identidade dos sujeitos, uma vez que, para estes, a possibilidade e a prática de obtenção e acúmulo de coisas lhes proporcionam status social, ou o justificam diante de seu grupo social.

Durante a incursão de Neuza, Zé e seu Valcir pelo quintal olhando as galinhas e os patos, em nenhum momento fizeram nenhum tipo de movimento para retirar ou recolher as garrafas pet ou qualquer outro objeto considerado por mim como “resíduo” no quintal ou do meio dos animais, mesmo estas coisas não tendo uma função de recipiente para alimento, água ou qualquer outra função ali. Fica em mim a impressão de que o incômodo com o objeto “fora de lugar” é apenas meu. Para eles, são muito naturais aquelas presenças.

No dia em que encontrei dentro da casa o mural de fotos que eu havia dado a Eduardo, também me chamou a atenção a quantidade de produtos alimentícios em cima da mesa da casa de Valcir, aparentemente no uso. No canto, perto do fogão, materiais recicláveis nitidamente separados; pet e plásticos. (fragmentos de diário de campo)



Toquei no assunto do lixo “passa caminhão de lixo sempre aqui?” Letícia respondeu “sempre passa”. Continuei “Vocês separam o lixo para catador? Passa catador aqui também?”. Ela respondeu: “Catador não passa não, só o lixeiro mesmo.” Não falou mais nada. Depois deste diálogo lembrei que Olga disse anteriormente que separava as embalagens Pet para os catadores que passavam. Quase chego à conclusão de que o catador está naquela casa.

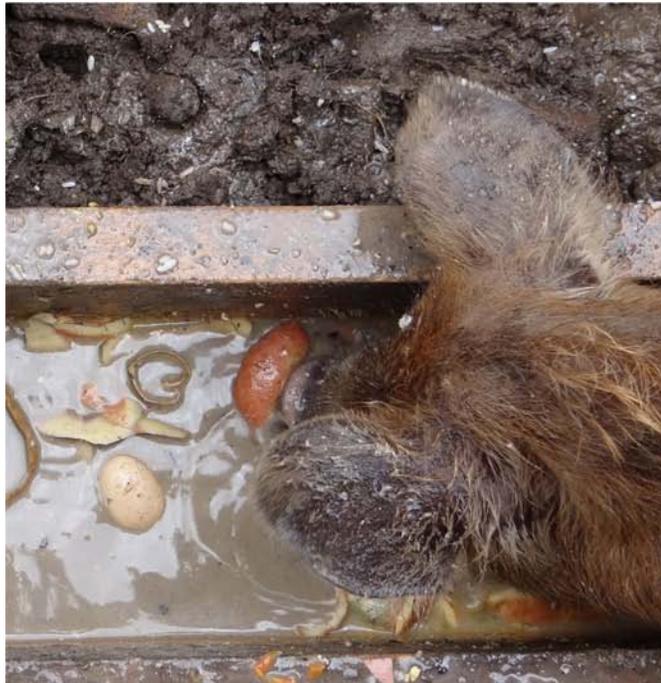
Logo seu Valcir se levantou e foi dar comida para os porcos. Pegou uma panela de arroz e esvaziou em um ‘balde’. O acompanhei pela olaria até o galinheiro, ele me contou que quem cuida dos animais quando ele não está é o Zé. Chegando atrás da casa de Olga, Neuza apareceu na porta de trás com um saco de lixo cheio de resíduos orgânicos, osso, sangue e galinha, folhas e etc. “É o lixo do final de semana, eu não deixo ficar assim.” disse Neuza. “Se tem osso ai não pode dar para os porcos não” afirmou seu Valcir, mas me pareceu que

era apenas na minha frente que isto estava acontecendo. Não os vi juntar o lixo na comida do porco. Neuza logo me chamou para dentro para mostrar os dois lixos separados na cozinha: um de orgânicos e o outro com o resto. “O lixeiro passa aqui três vezes por semana” disse Neuza.

Quando cheguei no “galinheiro” seu Valcir estava alimentando os porcos e tive a oportunidade de constatar o que eu intui. Todo o lixo orgânico (casca de banana, casca de ovo, restos de arroz, gordura, etc) servem de alimento aos porcos misturados com um tipo de farinha.

Tem tartarugas no lago dos fundos, as avistei. Mas mal me aproximei todas pularam dentro d’água e sumiram. Seu Valcir comentou outro dia que os restos de carne e ossos que sobram no lixo orgânico joga para as tartarugas comerem.

Hoje tentei abordar a questão do lixo doméstico com Olga. Falei como estava encantada como ela resolvia tudo ali a respeito do lixo dela e o dos outros (me referindo a madeira). Ela logo contou com orgulho que Lucas queria fazer um minhocario para criar as minhocas para pescar ali e ela comentou que teria que armazenar o lixo orgânico, que atualmente ia para os porcos. Perguntei sobre as embalagens; plásticos e papelão, e sugeri se ela queimava. Ela falou que “alguma coisa” sim. (fragmentos de diário de campo)



Não presenciei nenhuma queima específica de resíduo domiciliar, mas reparei que no meio das fileiras de tijolos encontro embalagens de biscoito jogadas no chão. São resquícios da hora do intervalo dos “meninos”. Em uma ocasião apontei para a embalagem e perguntei “posso jogar no fogo?” e um deles rapidamente me respondeu: “Não pode queimar plástico no forno, se não Olga briga com a gente porque mancha os tijolos (de preto com fumaça)”. Até testemunhar o acendimento na etapa de “pré-aquecimento”, quando eles acendem um formato pequeno na frente do forno que está já está fechado, e percebi fios encapados com plástico sendo queimados. Tinha entendido em que momento se queima o que não é, apenas, madeira.



Desta vez não vi o porco branco da outra vez, mas também não perguntei por ele. Olga me contou que os animais são criados para alimentar a família, fazendo linguiça e usando a carne na alimentação. Lembrando que comi linguiça “da colônia” na primeira refeição com Olga.

Dei uma caminhada por todo o local, Seu Valcir estava alimentando os porcos. Conversamos sobre os animais dali. Em sua fala, as criações do quintal de Olga são como as da colônia, de onde ele vem.
(fragmentos de diário de campo)

São simbolicamente valorizados os resíduos de uma indústria a que é associado um renascimento econômico da região pesquisada, e também percebem-se as diferenças e semelhanças do valor do resíduo industrial e do domiciliar. Mesmo que a situação atual desta indústria naval não seja mais de progresso, mas sim declínio. Apesar da valorização do resíduo industrial em relação ao resíduo domiciliar, não podemos assumir que todos são dominados pelo discurso hegemônico.

No ambiente familiar da olaria os “resíduos” orgânicos domiciliares são completamente aproveitados ali mesmo com os animais. Sobram os “resíduos” sólidos que parte é separada por Valcir e parte é queimada no fogo na frente do forno. Resta saber se há sobra para o caminhão da prefeitura levar. Pois nunca vi um saco de lixo fechado em local algum, e apenas uma lixeira ao lado da pia da cozinha de Olga.

Se realmente não houver sobra residencial, teríamos ali um ecossistema que se auto alimenta, uma solução espontânea baseada no “rural” que não gera sobras de coisas. As negociações e táticas nos discursos não são conscientemente ligados aos “resíduos” ou coisas, mas sim a uma atribuição de valor local, ou familiar, à condição social de “ser da colônia”. Assim o “ser da colônia” precipita novos padrões de relações, e até quem sabe de poder.

Segundo Pinto (2010), parte considerável da zona norte da cidade de Pelotas até meados da década de 1980 fazia parte da zona rural do município (incluindo a região de Sanga Funda). Porém, esta área foi incorporada ao perímetro urbano de Pelotas, que previa que a urbanização seria na direção norte, pois em outras direções teria limitações naturais impossibilitando o crescimento urbano naquele sentido.

Buscando ocupar as áreas consideradas pelo plano municipal, a estratégia foi incentivar o surgimento de loteamentos, entre eles o Bairro Getulio Vargas e a incorporação da localidade da Sanga Funda ao perímetro urbano. Até os dias de hoje a região de Sanga Funda ainda apresenta aspectos rurais que contrastam com uma paisagem urbana (Pinto et al, 2010). Temos nesta periferia uma heterogeneidade cultural mesclando fazeres da cidade e do campo em uma hibridização que acontece como fluxos de pessoas, coisas e saberes neste espaço cidade-campo.

As táticas de moradores de Sanga Funda se misturam em fluxos entre o urbano e o rural em seus fazeres dando continuidade a hábitos e práticas ligados à ruralidade mesmo com a proximidade e práticas de centro urbano.

Os hábitos “da colônia” e as maneiras de “fazer” comunicam como os sujeitos manejam os bens e organizam a experiência social informando significados simbólicos. (Bourdieu apud Lima, 2010). Essas “escolhas, práticas, ações e situações cotidianas típicas” do consumo e manejo das coisas na olaria estão muito associados a lógica interna de unidades camponesas no que se refere a produção de alimentos para o autoconsumo mesmo estando fora, fisicamente, da região destinada às “colônias” o que traria para a família mais do que uma diferenciação social nesta periferia, mas um sentimento de pertencimento compartilhado por todos os sujeitos da pesquisa.

Pierre Bourdieu [...] afirma que o nosso gosto, e todo comportamento de consumo, é uma expressão social. Classes sociais distintas podem ser identificadas pela maneira como expressam seus gostos na

música, [...] vestimenta, decoração da casa e, obviamente, na comida.
(Seymor, 2005, p.2)

O “ser da colônia” presente nos discursos desta pesquisa, pode ser outra tática, uma apropriação e subversão perante determinações sociais, usada como diferenciação social quando “os da colônia” se relacionam e se diferenciam em uma região que hoje, no contexto urbano, é considerado periferia. Afinal, se a atividade rural acontece em outras propriedades ali, é para sustento próprio, pois não é esta a principal fonte de renda dos moradores, suprida pela olarias (Pinto et al, 2010). O próprio “ser da colônia” surge como um processo humano, coisa viva cuja complexidade é digna de observação, interpretação e, é principalmente, fluxo de saber que faz parte da região mas particularmente da família e do quintal de Valcir e Olga.

As tramas sociais tecidas pelos sujeitos da pesquisa nos possibilitam perceber os sentidos e relações espaço-temporais, além de certa mobilidade dos saberes, e, no conjunto, esses fluxos entre o urbano e o rural vivos para além do recorte doméstico aqui apresentado. Essa trama não inclui somente pessoas mas todas suas coisas, seus “saberes” e seus materiais.

Olga, certa vez, comentou que apesar de não plantar na sua casa, comprava verduras de outra pessoa que produzia em Sanga Funda. Podemos observar que a produção de alimentos é para suprir o consumo familiar e por vezes circular na comunidade, através de troca ou venda. (fragmento de diário de campo)

6.5 Devolução da pesquisa: da descrição a correspondência

Uma etnografia, como descrição, se torna retrospectiva quando concluída como um produto⁴⁴, diz Gatt e Ingold (2013, tradução minha), a não ser que, os autores argumentam, esta seja entendida como uma prática de correspondência. Uma correspondência que significa estar junto com o fluxo de eventos, seguindo junto com as coisas, seguindo com as pessoas na busca de suas aspirações em vez de se deter sobre seu passado, como parte da “observação participante, mas dando ênfase no que é produzido durante o trabalho de campo ao invés de após o trabalho de campo” (GATT; INGOLD, 2013, p.139).

Olga estava curiosa para ver e ficou tão admirada com o desenho de Pitiço que pediu para tirar uma cópia antes de eu levar. Vendo a reação de todos, Pitiço falou alto “tá vendo? Daqui a pouco vou fazer uma exposição aqui na olaria” saiu falando alto e sorrindo sumindo em meio às fileiras de tijolos. (fragmento do diário de campo)

A imagem, além de ser importante na relação etnográfica, é meio de registro e análise e também parte da fundamental na “devolução” do trabalho do antropólogo ao grupo pesquisado. O comentário de Pitiço veio de encontro com minha busca por corresponder com os sujeitos, nesta etapa final da pesquisa, pelo meio mais adequado, tanto à Olga e sua família quanto aos “meninos”.

Atendendo às palavras de Pitiço, penso em retornar as imagens de forma a iniciar conversas com os sujeitos. Com a colaboração e crítica deles próprios montar uma exposição do trabalho fotográfico que foi feito durante grande parte do ano de 2015 e dos desenhos deles é uma forma de “seguir junto” realizando uma de suas aspirações, ali mesmo, na olaria. Uma exposição

⁴⁴ Gatt e Ingold (2013, p. 139) chamam esses produtos “dialogicamente projetados de artefatos antropológicos.”

fotográfica me permitirá “devolver” a todos que contribuíram com esta pesquisa e também a seus familiares e amigos na comunidade de Sanga Funda: fogo e fotografia, madeira e papel.

Voltando da ‘ocupação’ para a olaria, chegamos e na sala de estar de Olga algumas visitas conversavam com Carolina. Olga entrou e logo foi me apresentando “Essa é minha cunhada e minha sobrinha. Essa é a Carol, ela vai fazer uma exposição de fotografia aqui na olaria” e sua cunhada cedeu o seu lugar na poltrona sentando-se no sofá. O chimarrão estava pronto e em seguida me foi oferecido. Aceitei. “Quem sabe sai até no jornal a exposição?” sugeriu Olga. (fragmento do diário de campo)

Por estar pesquisando em um ambiente o qual comumente é associado a desordem, trouxe um debate acerca da noção de ordem e caos, apresentando as táticas com que os sujeitos lidam com a imposição do discurso dominante e os diversos fluxos vitais da madeira construindo os sujeitos. Nesses caminhos as coisas emanam seu poder nas trocas entre os sujeitos, determinando as relações que as tornam um bem. Dentre essas mesmas coisas temos a imagem como devolução desta pesquisa aos interlocutores em forma de exposição fotográfica colaborativa dentro da olaria.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Humanos e coisas, coisas e humanos na construção de seu próprio mundo

Quando o sistema de capital nos separou politicamente da natureza e transformou o dom em serviços ou bens, transformou nosso olhar ao mundo à nossa volta, a natureza se tornou apenas matéria prima e as coisas em “lixo”. A pretensão é deixar evidente que importa reconhecer as potencialidades criativas no movimento abstrato das coisas em sua trama relacional. Se o ser humano se perceber, verdadeiramente, ele e suas coisas como parte do mundo retomando a vida a tudo, aí, talvez o todo se integraria. Todos somos um; humanos, coisas e animais e natureza, agentes equivalentes e que se constituem mutuamente num processo indissolúvel.

Fios de vida que vazam do polo naval, com suas histórias de migração, demissão e infraestrutura são cheios de vida, afeto e caos, também são desordem. Enquanto que Olga, como figura de organização, é ordem em sua rede de pessoas que ancora e ampara. Não há como delimitar rural, urbano, artesanal e industrial. Não existem fronteiras, mas ambiguidades com potencial e capacidade regeneradora observada dentro do próprio tecido social na região de Sanga Funda. Classificar como caos ou desordem seria um ato etnocêntrico.

Os sujeitos trocam favores e gentilezas por meio da madeira, assim como a madeira doa seu “poder” para os sujeitos proporcionando-lhes reputação. As pessoas fazem as coisas, assim como as coisas fazem as pessoas (Miller, 2010). Certos deste fato social, entendo que ocorre uma troca mútua onde se dão, recebem e se retribuem (MAUSS, 2013) de forma holística, coisas entre si e pessoas e coisas da mesma forma, correspondendo-se (Ingold, 2013) e definindo sua relação com o mundo. As correspondências e engajamentos transformam e modificam as relações com as coisas que, ao invés de serem valorizadas por sua acumulação, inviável por questões espaciais, se torna

valiosa por sua circulação e pelas relações construídas nesta circulação. São as coisas e as pessoas se relacionando e construindo uma alternativa viável.

Assim, é correto falar de relações entre pessoas e coisas desde que entendamos que coisas são um aspecto emaranhado do que é ser um humano e que realizações de muitas pessoas estão sempre presas numa coisa. Neste sentido a humanidade não é nada sem as coisas, pois nelas encontramos aquilo que há de mais durável sobre nós (WEBMOOR e WITMORE, 2015). Seguir as coisas, então, é um caminho muito rico para, através delas, compreender as pessoas. Pessoas e coisas como um processo em construção, “indo junto” em seus fluxos vitais, encarando que este não se interrompe ou desvia mas se modifica e se transforma em toda sua materialidade.

Consumo e descarte são parte desta trama como processos imbrincados, geridos aqui pelo “saber fazer” da colônia, em trocas e correspondências onde a atribuição de valor aos “resíduos” (quaisquer que eles sejam - industrial ou domiciliar) traz uma luz às potencialidades das coisas e tornam-nas mais visíveis e palpáveis.

Os fluxos de conhecimentos fazem parte desta trama social deixando-se evidentes pelas coisas que os tornam visíveis. Novamente percebemos as coisas fazendo as pessoas, construindo seu senso de pertencimento e seus fios de vida entrecruzando os “saberes” rurais e urbanos em uma trama de relações que atuam nesse movimento. O sistema local, da olaria, de reciprocidade deve ser reconhecido em todo seu potencial advindo do compartilhamento e não da acumulação, e mantém sua “riqueza” em reputação. Não estamos separados, nós humanos, da natureza. Isso muda a dinâmica das relações.

Materiais não podem ser expressos de maneira verbal, não podem ser presos em termos de conceitos ou categorias estabelecidas. Descrever qualquer material é representar um enigma, do qual a resposta pode ser descoberta apenas através de observação e engajamento com o que está lá. O enigma dá ao material uma voz e permite que ele conte sua própria história: devemos, então, escutar, e a partir das pistas oferecidas, descobrir o que está sendo falado. (INGOLD, 2013, p. 31, tradução minha)

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPADURAI, Arjun. **A vida Social das Coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Tradução de Agatha Bacelar - Niterói: Editora Universidade Federal Fluminense, 2008.

BARBOSA, Livia. **Sociedade de consumo** - Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Collin. O estudo do consumo nas Ciências Sociais contemporâneas. **Cultura, consumo e identidade** - Rio de Janeiro: FGV, 2007. [p.21- 44]

BOAS, Franz. **“As limitações do método comparativo da antropologia”** *Antropologia Cultural* - Editora Zahar, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **A casa kabyle ou o mundo às avessas**. Tradução de Claude G. Papavero. *Cadernos de Campo*, USP, ano IX – numero 8 - 1999. In: POUILLON, Jean & MARANDA, P. *Echanges et communications -mélanges offerts à Claude Levi-Strauss à l’occasion de son 60 anniversaire* - Paris: Haye Mouton, 1970. [p.739-758]

CARDOSO, Rafael. **Design, cultura material e o fetichismo dos objetos**. Rio de Janeiro: Arcos, volume 1, número único. 1998.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. In: *O trabalho do antropólogo* - São Paulo: Ed. Unesp, 2000

COSTA, Thainá Castro. **Colecionando o invisível: o reordenamento de mundo a partir de objetos de descarté**. Dissertação de Mestrado em Memória Social. Rio de Janeiro, UNIRIO, 2012.

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer** - Petrópolis: Vozes, 1994.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo** - Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

FAVRET-SAADA, Jeanne. **“Ser afetado”** - São Paulo: Cadernos de Campo, n.13, 2005. [p.155-161]

FEIJO, Flavio Tosi; MADONO, Danielle Trindade. **Polo naval do Rio Grande: potencialidades, fragilidades e a questão da migração** - Porto Alegre : UFRGS/FCE/DERI, 2013.

FONSECA, Claudia. **O anonimato e o texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia ‘em casa’** - Juiz de Fora: Teoria e Cultura. V.2/N.1 e 2. Jan/Dez, 2008.

FREIRE, Marcius; LOURDOU, Philippe (organização) **Descrever o visível: cinema documentário e antropologia fílmica** - São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

GATT, Caroline; INGOLD, Tim. **From description to correspondence ; Anthropology in real time**. In: GUNN, Wendy; OTTO, Ton; SMITH, Rachel Charlotte - Londres, Bloomsbury Academic, 2013. [p.139 a 158]

GAUER, Ruth M. Chittó. **Da diferença perigosa ao perigo da igualdade. Reflexões em torno do paradoxo modern** - Porto Alegre: Civitas – Revista de Ciências Sociais, v. 5. n. 2, jul-dez, 2005

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas [1926]** – Rio de Janeiro: LTC, 2008

GOLDMAN, Marcio. **Jeanne Favret-Saada, os afetos, a etnografia** - São

Paulo: Cadernos de Campo n.13, 149-153, 2005.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos Objetos: coleções, museus e patrimônio. Coleção Museu, Memória e Cidadania** - Rio de Janeiro: Departamento de Museus e Centro Culturais, 2007

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa** / elaborado pelo Instituto Antonio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IBAM (Instituto Brasileiro de Administração Municipal). **Manual de Gerenciamento Integrado de resíduos sólidos** / José Henrique Penido Monteiro...[et al.]; coordenação técnica Victor Zular Zveibil - Rio de Janeiro, 2001.

INGOLD, Tim. **Trazendo as coisas de volta à vida; emaranhados criativos num mundo de materiais** - Porto Alegre; Horizontes Antropológicos, ano 18, n.37, p. 25-44, jan/jun 2012.

INGOLD, Tim. **Making: Anthropology, Archaeology, Art and Architecture**. - Londres: Routledge, 2013.

KUSCHNIR, Karina. **Desenhando cidades** - Rio de Janeiro: Revista Sociologia & Antropologia, v.2, n. 4, 2012. [p. 295 –314]

LAW, John. "Notes on the Theory of the Actor-Network: Ordering, Strategy and Heterogeneity." *Systems Practice* 5: 379-393, 1992. Tradução disponível em:

<http://www.necso.ufrj.br/Trads/Notas%20sobre%20a%20teoria%20Ator-Rede.html> Acesso em: 30/07/2016

LEITAO, Débora; MACHADO; Rosana Pinheiro. **“Tratar as coisas como fatos sociais: metamorfoses nos estudos sobre cultura material”** -

Londrina: Mediações, v.15, n.2, jul/Dez 2010. [p. 231-247]

LIMA, Diana N. O. **Consumo: uma perspectiva antropológica** - Editora Vozes. Petrópolis, 2010.

LIMA, Tania Andrade. **Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais** - Belém: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 6, n.1, p.11-23, jan-abr 2011.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana** - São Paulo: Revista Brasileira de Ciências Sociais – vol. 17, número 49. Junho, 2002.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental. Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia** - Coleção Os Pensadores. Editora Abril Cultural. 1976.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva – Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas** - São Paulo: Coleção Cosac Naify portátil. Editora Cosac Naify, 2013.

MERENCIO, Fabiana Terhaag. **A imaterialidade do material, a agência dos objetos ou as coisas vivas: a inserção de elementos inanimados na teoria social** - Pelotas: Caderno do LEPAARQ – Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio. VX,n 20. Editora da UFPel, 2013.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas. Estudos antropológicos sobre a cultura material**. Tradução: Renato Aguiar - Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.

MINTZ, Sidney W. **Comida e Antropologia. Uma breve revisão** - São Paulo: Revista Brasileira de Ciências Sociais – vol. 16, número 47. Outubro,

2001.

NOVAES, Sylvia Caiuby Novaes. **O silêncio eloquente das imagens fotográficas e sua importância na etnografia** - Cadernos de Arte e Antropologia, Vol. 3, No 2 | 2014. P. 57-67. Disponível em: <http://cadernosaa.revues.org/245> Acessado em 23/07/2016

OLIVEIRA, Solange de; VIEIRA, Sidney Gonçalves. **Origem e Desenvolvimento do bairro de Três Vendas em Pelotas – RS** - Porto Alegre: Anais XVI Encontro Nacional de Geógrafos, 2010.

OLSEN, Bjornar. **Genealogías de la asimetría: por qué nos hemos Olvidado de las cosas**. Complutum, Vol. 18: 283-319, 2007.

PETONNET, Colette. **A observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense** - Niterói: Antropolítica, n.25, p.99-111, 2008.

PINTO, Carlos Vinicius da Silva, FRANZ, Juliana Cristina & SALAMONI, Giancarla. **A produção de alimento no espaço “rururbano” de Pelotas/RS: Estratégias de reprodução socioterritorial da agricultura**. - Porto Alegre: Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos, 2010.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornélia. **Etnografia da Duração: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas** – Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

ROCHA, Everardo. **Os bens como cultura: Mary Douglas e a Antropologia do Consumo**. In: DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo - Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2004. [p.7-18]

SALAMONI, Giancarla; WASKIEVICZ, Carmem Aparecida. **Serra dos Tapes: espaço, sociedade e natureza**. Tessituras, Pelotas, v.1, n.1, p.73-100,

jul/dez. 2013.

SILVA, Fabíola Andréa. **Etnoarqueologia: uma perspectiva arqueológica para o estudo da cultura material.** Caxias do Sul: MÉTIS: história & cultura – v. 8, n. 16, p. 121-139, jul./dez, 2009.

SEYMOR, Diane. **A construção social do gosto.** In: SLOAN, Donald (org.) *Gastronomia, restaurantes e comportamento do consumidor.* Barueri: Manole, 2005. [pp. 1-26]

SOUZA, Iara Maria de Almeida. **A noção de ontologia múltipla e suas consequências políticas.** GT 24 - O pluralismo na teoria social contemporânea - 36o Encontro Anual da Anpocs, 2012 .

SPOLLE, Marcus Vinícius (UFPel); FABRES, Ana Cristina Porto (UFPel). **O Polo Naval de Rio Grande e a utilização de trabalhadores especializados migrantes.** 38o Encontro Anual da Anpocs; GT23 - Migrações internacionais: legislações, estados e atores sociais, 2014.

TURRA-MAGNI, Claudia; BRUSCHI, Mauro; MAZZILLI, Caio; KRONER, Evander. **Saberes, Sabores e imagens da colônia: alimentação e cultura como abordagem para o estudo rural /** organizadora Renata Menasche. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015.

VIANNA, Catarina Morawska; RIBEIRO, Magda dos Santos. **Sobre pessoas e coisas: Entrevista com Daniel Miller.** Revista de Antropologia, São Paulo, USP, V. 52 No 1, 2009.

Wagner, Roy. **A invenção da cultura.** Tradução: Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2010. 253 pp.

WEBMOOR, Timothy. **Un giro más tras el “giro social”. El principio de la simetría enarqueologia.** Complutum.V.18.2007. pp.296-304.

WEBMOOR, T. e WITMORE, C. **Things are us! A Commentary on Human/Things Relations under the Banner of a „Social“ Archaeology.** Norwegian Archaeological Review 41(1), 53-70, 2008. Tradução: Bruno Ribeiro, 2015

XEREZ, Adriana Andrade. **Mãe Rampa: os impactos do encerramento do aterro metropolitano de Jardim Gramacho.** Programa de Pós-graduação em Antropologia UFF, Niterói, RJ. 2013.

YACCOUB, Hilaine. **Lições da Favela: As Economias de Compartilhamento de Bens e Serviços na Barreira do Vasco – RJ.** Tese de doutorado em Antropologia Social, linha de pesquisa Antropologia do Consumo. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGA) da Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, 2015.

Carolina Hoffmann Fernandes Braga

Pelotas, 2016

